

Luciana Marson Fonseca

Dois rumos na noite de Porto Alegre

**Dinâmica socioespacial e lazer noturno
nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento**

Orientadora

Prfa. Dra. Eva Machado Barbosa Samios

Dissertação realizada no Programa de Pós – Graduação em Planejamento Urbano e Regional – PROPUR, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Área de Concentração

Planejamento Urbano e Regional e os Processos Sociais

Linha de Pesquisa

Cidade, Cultura e Política

Porto Alegre, novembro de 2006.

Dois rumos na noite de Porto Alegre

**Dinâmica socioespacial e lazer noturno
nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento**

Luciana Marson Fonseca

Dissertação submetida à avaliação e aprovada pelos professores:

Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes

Curso de Arquitetura e Urbanismo

Centro de Ciências Tecnológicas

UNISINOS

Prof. Dr. João Farias Rovatti

Faculdade de Arquitetura

Programa de Pós-Graduação em Planejamento

Urbano e Regional – PROPUR/UFRGS

Prafa. Dra. Simone Zarpelon Leão

Faculdade de Arquitetura

Programa de Pós-Graduação em Planejamento

Urbano e Regional – PROPUR/UFRGS

Defendida em 06 de novembro de 2006.

Aos meus pais, Plínio e Marilene.
Ao meu futuro também.

AGRADECIMENTOS

Ainda que tenha dedicado o trabalho a eles, agradeço aos meus pais queridos, pelo apoio sempre muito bem-vindo. Aos meus irmãos e ao meu cunhado por participarem e me ajudarem, cada um a sua maneira.

À profª Doutora Eva Samios, minha orientadora, por todo o conhecimento transmitido.

Ao Altair. Pela força, pela disposição e pelo amor.

À artista plástica Daisy Viola pela capacidade de “traduzir” minhas idéias.

Aos meus colegas e amigos do PROPUR, os quais eu tive muito prazer em conhecer, Rochele, Daiane, Frederica, Paola, Alexandre, e Fábio.

Às minhas amigas “*forever*” pelo interesse e pelo carinho. A Tetê e a Mari pela ajuda com os questionários. A Carla pela cumplicidade e pelas dicas “energéticas”. Ao André também, pela parceria. E a Dani por sempre lembrar de mim, mesmo na minha ausência.

Aos amigos do Mercatto d’arte pela boa vontade em discutir o tema deste trabalho.

Ao talentoso amigo Eduardo Uchôa por me ceder o desenho da capa.

À Ceres pelo “bom humor com os números”.

Aos donos e colaboradores dos bares e dos outros estabelecimentos noturnos pelos quais eu “peregrinei”, que me auxiliaram com informações, dúvidas e sugestões.

Aos freqüentadores noturnos dos bairros Cidade Baixa e Moinhos e Vento por responderem aos questionários.

À CAPES pelo auxílio financeiro.

Ao pessoal da secretaria do PROPUR, especialmente a Mariluz, pela atenção e pelo carinho.

E a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Obrigada!!!

“A cidade parecia um ser vivo, monstro escaldante a arquejar e transpirar na noite abafada. Houve um momento em que o homem de gris confundiu as batidas do próprio coração com o rolar do tráfego, e foi então como se ele tivesse a cidade e a noite dentro do peito.”

(VERISSIMO, Erico, 1954. *Noite*)

RESUMO

Este é um estudo comparativo entre duas áreas de lazer noturno em dois diferentes bairros na cidade de Porto Alegre: o aristocrático Moinhos de Vento e o mais antigo, popular e boêmio – e atualmente na moda – Cidade Baixa. No seu ponto de partida está o interesse em buscar as razões para a migração que vem ocorrendo ultimamente de freqüentadores do bairro Moinhos de Vento para os bares e outros estabelecimentos noturnos na Cidade Baixa.

O estudo trabalha simultaneamente com variáveis sociais e espaciais procurando relacionar o perfil socioeconômico de *habitués* e migrantes com os lugares onde ocorrem a sua interação, bem como os padrões de seu comportamento socioespacial – os lugares que eles tendem a escolher, as razões para isso, se costumam ir sozinhos ou em grupos, se preferem estar dentro ou fora dos bares etc.

Com este objetivo foram identificados quatro diferentes subespaços em cada bairro, de acordo com os tipos de lazer, de lugar e de freqüentador que eles têm a oferecer. Os dados empíricos mostram que o perfil socioeconômico, assim como as escolhas e o comportamento socioespacial de *habitués* e migrantes não são tão diferentes a ponto de provocar a migração do bairro aristocrático Moinhos de Vento para a cena *underground* da Cidade Baixa. Contudo o grau de homogeneidade quanto às opções de lazer do Moinhos de Vento, comparado à multiplicidade de escolhas na Cidade Baixa, parece indicar a diversidade como principal fator responsável pelo movimento migratório.

Palavras-chave: migração urbana; lazer noturno; abordagem socioespacial, Moinhos de Vento, Cidade Baixa

ABSTRACT

This is a comparative study between two areas of night entertainment, located in two very different neighbourhoods in the city of Porto Alegre: the rather aristocratic Moinhos de Vento and the old popular, bohemian, and at the present very fashionable Cidade Baixa. At its starting point lies the interest in looking for the reasons behind the migration of costumers from Moinhos de Vento toward bars and other similar places in Cidade Baixa, that has been taken place of late.

The study works with both social and spatial variables, looking for relations between the socio economic profile of habitués and migrants, the spatial settings where their interaction takes place and their patterns of socio-spatial behaviour– which places they tend to choose, the reasons for that, if they use to go there by themselves or in groups, if they like to be inside or outside the bars, and so on.

In order to do that four differentiated sub-areas were identified in each neighbourhood, according to the kind of entertainment, locals and types of customers they offer. Data evidence shows that the socioeconomic profile as well as the spatial choices and behaviour of habitués and migrants from both neighbourhoods present no such differences so as to account for the migration from the aristocratic Moinhos de Vento toward the underground scene of Cidade Baixa. Nevertheless, it seems that the degree of homogeneity in the options for entertainment in Moinhos de Vento in comparison to the multiplicity of choices in Cidade Baixa, pointed out to diversity as the possible main factor behind the migratory movement.

Key words: urban migration; evening leisure; social space approach, Moinhos de Vento, Cidade Baixa

SUMÁRIO

Dedicatória.....	I
Agradecimentos.....	II
Epígrafe.....	III
Resumo.....	IV
Abstract.....	V
Sumário.....	p. 1
Lista De Figuras.....	p. 7
Lista De Gráficos.....	p. 8
Lista De Mapas.....	p. 9
Lista De Tabelas.....	p. 11
<u>INTRODUÇÃO</u>	p. 12
I Tema.....	p. 12
II Objetivos e relevância.....	p. 13
III Problema de pesquisa.....	p. 14
IV Revisão bibliográfica.....	p. 17
V Estrutura do texto.....	p.20
PRIMEIRA PARTE: REFERENCIAL TEÓRICO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	p. 21
<u>CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO</u>	p.22
1.1 As pessoas	p. 23
1.1.1 Identidade: papéis, <i>persona</i> e territorialidade.....	p. 23
a) Papéis e <i>persona</i>	p. 23
b) Territorialidade.....	p. 25

1.1.2 A contribuição de Maffesoli: O neotribalismo e a cultura do cotidiano	p. 26
1.2 O espaço urbano.....	p. 28
1.2.1 O conceito de espaço: espaço relacional.....	p. 28
1.2.2 Espaço social e lugar.....	p. 29
1.2.3 A rua e os códigos locais.....	p. 31
1.3 A dinâmica espacial.....	p. 33
1.3.2 A contribuição de BURGUESS.....	p. 33
1.2.4 Sobre a diversidade: a contribuição de JACOBS.....	p. 34
1.4 Reformulação do problema de pesquisa.....	p. 36
1.4.1 As premissas e a hipótese de trabalho.....	p. 36
<u>CAPÍTULO II PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</u>	p. 39
2.1 Dinâmica informal e dinâmica formal	p.39
2.2 Área de abrangência da pesquisa empírica e unidades de análise.....	p. 41
2.2.1 Fontes e técnicas de coleta de dados.....	p. 47
2.2.2 Unidades e procedimentos de análise.....	p. 48
2.2.3 Tratamento e análise dos dados.....	p. 52
SEGUNDA PARTE: INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA.....	p. 54
<u>CAPÍTULO III BREVE HISTÓRICO DA DINÂMICA NOTURNA DE PORTO ALEGRE.....</u>	p. 55
3.1 O início da boemia na cidade.....	p. 55
3.1.1 Centro: o primeiro bairro boêmio de Porto Alegre.....	p. 55
3.1.2 Território livre: Bom Fim, 1970.....	p. 58

3.2 Os ciclos de apropriação noturna na cidade e os movimentos migratórios.....	p. 62
3.3 Breve histórico dos bairros de estudo: Cidade Baixa e Moinhos de Vento.....	p. 66
3.3.1 Cidade Baixa: as pessoas e o espaço na época de sua formação.....	p. 66
3.3.2 Moinhos de Vento: as pessoas e o espaço na época de sua formação...	p. 70
3.3.3 Características atuais dos bairros.....	p. 73
<u>CAPÍTULO IV - CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS E HÁBITOS NOTURNOS NAS ÁREAS DE LAZER</u>	p. 77
4.1 Perfil socioeconômico dos frequentadores.....	p. 77
4.2. Perfil socioespacial dos frequentadores.....	p. 84
4.2.1 Amostra: moradia, transporte, frequência e companhia para as saídas noturna.....	p. 84
4.2.2 Dinâmica noturna.....	p. 92
4.2.3 Escolhas socioespaciais.....	p. 99
4.3 Migrantes Noturnos.....	p. 103
4.3.1 Existe a migração do Moinhos de Vento para a Cidade Baixa?.....	p. 103
4.3.2 Para onde? E como migram?.....	p. 107
<u>CAPÍTULO V SUBESPAÇOS OU SUB-TERRITÓRIOS?</u>.....	p. 110
5.1 A evolução do lazer noturno nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento.....	p. 110
5.1.1 Cidade Baixa: o surgimento dos primeiros bares e a formação dos subespaços.....	p. 111
5.1.2 Moinhos de Vento: o surgimento dos primeiros bares e a formação dos subespaços.....	p. 117
5.2 Cidade Baixa e Moinhos de Vento: características morfológicas das áreas de estudo dos bairros.....	p. 121

5.2.1 Características morfológicas das áreas de estudo da Cidade Baixa.....	p. 121
5.2.2 Características morfológicas das áreas de estudo do Moinhos de Vento.....	p. 123
5.3 Características dos estabelecimentos noturnos dos subespaços.....	p. 124
5.3.1 Cidade Baixa: características dos estabelecimentos noturnos por subespaço	p. 125
a) Subespaço Redenção.....	p. 128
b) Subespaço Artes.....	p. 129
c) Subespaço Antigo.....	p. 130
d) Subespaço Extremo.....	p. 131
5.3.2 Moinhos de Vento: características dos estabelecimentos noturnos por subespaço.....	p.133
a) Subespaço Bistrôs	p. 135
b) Subespaço Calçada da Fama.....	p. 136
c) Subespaço Alimentação.....	p. 137
d) Subespaço Cafés	p. 138
5.4 Características de uso do espaço.....	p. 139
5.4.1 Cidade Baixa: fluxos e usos das calçadas.....	p. 139
5.4.2 Moinhos de Vento: fluxos e usos das calçadas.....	p. 145

CAPÍTULO VI - TERRITÓRIO DIVIDIDO: *HABITUÉS E MIGRANTES*.....

p. 149

6.1 Quem são os <i>habitués</i> e quem são os migrantes.....	p. 149
6.2 Cidade Baixa: <i>habitués</i> e migrantes.....	p. 150
6.2.1 Cidade Baixa: perfil dos <i>habitués</i> e dos migrantes por subespaço.....	p. 150
a) Subespaço Redenção.....	p. 150

b) Subespaço Artes.....	p. 151
c) Subespaço Antigo.....	p. 152
d) Subespaço Extremo.....	p. 153
6.2.2 Onde se misturam <i>habitués</i> e migrantes: qual o território mais exclusivo da Cidade Baixa?.....	p. 156
6.3 Moinhos De Vento: <i>habitués</i> e migrantes.....	p. 158
6.3.1 Moinhos de Vento: perfil dos <i>habitués</i> e dos migrantes por subespaço.....	p. 158
a) Subespaço Bistrôs	p. 158
b) Subespaço Calçada da Fama.....	p. 159
c) Subespaço Alimentação.....	p. 160
d) Subespaço Cafés.....	p. 161
6.3.2 Onde se misturam <i>habitués</i> e migrantes: qual o território mais exclusivo no Moinhos de Vento?.....	p. 163
 <u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	 p. 167
 7.1 Sobre a migração	 p. 167
7.1.1 Existe alteração na dinâmica noturna dos <i>habitués</i> através das migrações?.....	p. 168
7.1.2 Os subespaços atuam na divisão social do espaço formando pequenos territórios?.....	p. 174
7.2 Sobre as neotribos	p. 178
7.3 Sobre a diversidade	p. 180
7.31 A Cidade Baixa é um bairro mais diverso do que o Moinhos de Vento? Essa característica pode ser um dos fatores para a migração que vem sofrendo?.....	p. 183
7.4 Vontades iguais; Símbolos diferentes	p. 183

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 187
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	p.193
ANEXOS	p. 196
ANEXO 1 – Questionário.....	p. 197
ANEXO 2 – Cidade Baixa: tabela do perfil dos freqüentadores por bar.....	p. 203
ANEXO 3 – Moinhos De Vento: tabela do perfil dos freqüentadores por bar.....	p. 210

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Ilustração do problema de pesquisa.

Figura 02: A dinâmica informal.

Figura 03: A dinâmica formal.

Figura 04: Os bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento e suas relações com a cidade.

Figura 05: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: ampliação dos bairros e dos eixos de estudo.

Figura 06: Cidade Baixa: ampliação das áreas de estudo.

Figura 07: Moinhos de Vento: ampliação das áreas de estudo.

Figura 08: Cidade Baixa: apresentação dos subespaços.

Figura 09: Moinhos de Vento: apresentação dos subespaços.

Figura 10: Café Guarany, no centro da cidade.

Figura 11: Bar do Beto, na época em que o Bom Fim era território livre.

Figura 12: Bar Ocidente no Bom Fim, em 1990.

Figura 13: Porto Alegre: os primeiros bairros boêmios e os bairros de estudo.

Figura 14: Ponte sobre o riacho que costeava a Rua da Margem (atual João Alfredo), em 1910.

Figura 15: Cidade Baixa na década de 40.

Figura 16: José do Patrocínio em 1910.

Figura 17: Carnavalescos no século XX.

Figura 18: Rua da Independência em meados de 1910.

Figura 19: Tipologia das casas nas Rua João Alfredo. Ao centro bar Bongô.

Figura 20: Tipologia das edificações na Rua da República. Bar Garrafas no térreo de edifício residencial.

Figura 21: Elementos agregados ao volume da edificação antiga. Restaurante Távola Redonda.

Figura 22: Aproveitamento da edificação antiga e uso das calçadas.

Figura 23: Van Gogh.

Figura 24: República do Pastel.

Figura 25: Cine Bar.

Figura 26: Bar Entreato.

Figura 27: Yang, Ritrovo, Bahamas Café e Pier 174, ocupam os térreos de edifícios residenciais.

Figura 28: Padoka e Pingüim.

Figura 29: Muffuletta e Ossip situados abaixo de marquise de prédio residencial.

Figura 30: Vista da Rua João Alfredo em direção à Rua da República.

Figura 31: Fachada iluminada do Dado Pub.

Figura 32: Vista do Dado Pub.

Figura 33: Mulligan.

Figura 34: Tortaria.

Figura 35: Jazz Café e Liliputh.

Figura 36: Listo pães e fiambres e Torta de Sorvete.

Figura 37: Calçada do Café do Porto.

Figura 38: Café do Porto: vista frontal.

Figura 39: Cidade Baixa: nó de movimentação ordenada no subespaço *antigo*.

Figura 40: Cidade Baixa: nó de movimentação desordenada no subespaço *extremo*.

Figura 41 e 42: Subespaço *extremo*: calçada em frente ao bar Ossip.

Figura 43: Moinhos de Vento: subespaço *calçada da fama*.

Figura 44: Representações diferentes para as mesmas coisas.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: escolaridade.

Gráfico 02: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: renda.

Gráfico 03: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: hábitos de deslocamento noturno.

Gráfico 04: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: motivos para preferir estar na calçada.

Gráfico 05: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: motivos para preferir estar dentro do bar.

Gráfico 06: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: por que as pessoas são importantes da hora de escolher onde ir à noite.

Gráfico 07: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: bairro mais freqüentado

Gráfico 08: Subespaço artes: renda dos *habitués* e dos migrantes.

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Cidade Baixa: procedência dos freqüentadores noturnos

Mapa 02: Moinhos de Vento: procedência dos freqüentadores noturnos

Mapa 03: Cidade Baixa: bares nos eixos de estudo até o final da década de 80.

Mapa 04: Cidade Baixa: bares nos eixos de estudo até o final da década de 90.

Mapa 05: Cidade Baixa: cronologia do aparecimento dos bares desde 1940 até 2005.

Mapa 06: Moinhos de Vento: bares nos eixos de estudo que surgiram na década de 90.

Mapa 07: Moinhos de Vento: cronologia do aparecimento dos bares desde a década de 90 até 2005.

Mapa 08: Cidade Baixa: fluxos e usos das calçadas.

Mapa 09: Moinhos de Vento: fluxos e usos das calçadas.

Mapa 10: Cidade Baixa: perfil socioeconômico dos *habitués* e dos migrantes por subespaço.

Mapa 11: Cidade Baixa: território dividido: *habitués versus* migrantes

Mapa 12: Moinhos de Vento: perfil socioeconômico dos *habitués* e dos migrantes por subespaço.

Mapa 13: Moinhos de Vento: território dividido: *habitués versus* migrantes

Mapa 14: Cidade Baixa: deslocamentos dos *habitués* e migrantes

Mapa 15: Moinhos de Vento: deslocamentos dos *habitués* e migrantes

LISTA DE TABELAS

- Tabela 01: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: área e características demográficas (2000).
- Tabela 02: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: escolaridade e renda (2000).
- Tabela 03: Profissões dos freqüentadores por bairro.
- Tabela 04: Freqüentadores por bairro segundo gênero, faixa etária e estado civil.
- Tabela 05: Freqüentadores por bairro segundo escolaridade, ocupação e renda.
- Tabela 06: Freqüentadores por bairro segundo aspectos de moradia.
- Tabela 07: Freqüentadores por bairro segundo transporte, freqüência e companhia para as saídas noturnas.
- Tabela 08: Freqüentadores por bairro segundo os hábitos de deslocamento noturno.
- Tabela 09: Freqüentadores por bairro segundo preferência por estar na calçada ou dentro do bar.
- Tabela 10: Freqüentadores por bairro segundo os motivos para gostar de estar na calçada.
- Tabela 11: Freqüentadores por bairro segundo preferência por gostar de estar dentro do bar.
- Tabela 12: Freqüentadores por bairro segundo o que mais conta na hora de escolher aonde ir à noite.
- Tabela 13: Freqüentadores por bairro segundo a importância das pessoas na hora de escolher aonde ir à noite.
- Tabela 14: Migração por bairro.
- Tabela 15: Bares existentes na Cidade Baixa até 2005 por subespaço.
- Tabela 16: Bares existentes no Moinhos de Vento até 2005 por subespaço.
- Tabela 17: Cidade Baixa: tipos de estabelecimentos noturnos por subespaço.
- Tabela 18: Moinhos de Vento: tipos de estabelecimentos noturnos por subespaço.
- Tabela 19: Subespaço *redenção*: perfil socioeconômico dos freqüentadores.
- Tabela 20: Subespaço *artes*: perfil socioeconômico dos freqüentadores.
- Tabela 21: Subespaço *antigo*: perfil socioeconômico dos freqüentadores.
- Tabela 22: Subespaço *extremo*: perfil socioeconômico dos freqüentadores.
- Tabela 23: Subespaço *bistrôs*: perfil socioeconômico dos freqüentadores.
- Tabela 24: Subespaço *calçada da fama*: perfil socioeconômico dos freqüentadores.
- Tabela 25: Subespaço *alimentação*: perfil socioeconômico dos freqüentadores.
- Tabela 26: Subespaço *cafês*: perfil socioeconômico dos freqüentadores.
- Tabela 27: Características de neotribalismo: Cidade Baixa e Moinhos de Vento

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

ITEMA

A percepção de um fenômeno de migração noturna de freqüentadores do aristocrático bairro Moinhos de Vento para o ambiente boêmio do bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, foi o ponto de partida para este trabalho. Essa mesma percepção foi expressa pela mídia local em 2004, por meio da publicação de uma reportagem no mais influente jornal da cidade¹. Num de seus cadernos, voltado para o público feminino e intitulado *Donna*, a reportagem tratava desse mesmo fenômeno migratório de mão única, observando principalmente as mulheres. Denominadas de *neopatricinhas*², elas estariam, segundo a reportagem, à procura algo diferente:

“Cansadas de freqüentar os mesmos lugares e ver as mesmas pessoas de sempre, elas estão em busca de novas opções. Em Porto Alegre a moda é conferir danceterias e bares descolados da Cidade Baixa” (ROCHA, 2004)

O que estaria levando a esta migração? Como problema de estudo, interessa-nos especialmente examinar os movimentos de migração noturna dessas populações de freqüentadores, homens e mulheres, entre esses bairros da cidade, produzindo uma dinâmica espacial³ própria manifestada, por exemplo, através da ocupação das calçadas e do movimento de pedestres durante a noite. O entendimento das

¹ O jornal Zero Hora tem grande veiculação na cidade e no estado.

² *Neopatricinhas* é um neologismo usado aqui para designar as moças oriundas de bairros de altas rendas, que migram para freqüentar os bares noturnos e o ambiente *underground* do bairro Cidade Baixa. Este neologismo deriva do termo “patricinha”, utilizado comumente para fazer referência a jovens de classe alta, cuja moda, seja nos cabelos, ou no modo de vestir, revela a preferência por acessórios caros e roupas de grife. Neste estudo, o termo “patricinha” será usado para referir-se especificamente às jovens que migram do bairro Moinhos de Vento para a Cidade Baixa.

³ Por dinâmica espacial entendemos o movimento, como circulação ou deslocamento, das pessoas no espaço urbano.

relações que elas produzem entre si, e com o espaço urbano, é objeto fundamental deste trabalho.

Sabemos que estamos vivendo um momento de mudanças significativas, no qual novas formas de sociabilidade emergem, não mais tão ligadas à família, mas sim a grupos eventuais. Em certos casos, o valor do indivíduo está diretamente ligado ao grupo que frequenta, ou à “tribo” da qual faz parte. A movimentação desses indivíduos no espaço se dá de maneira fluida, gerando ajuntamentos pontuais que, com o tempo, tendem a se dispersar, podendo, no futuro, unirem-se novamente. Formam-se, assim, novos ciclos de relações, vinculados a um determinado espaço ou área da cidade.

É preciso, contudo, distinguir dinâmicas ligadas à vida diurna e às relações formais de trabalho, e as dinâmicas noturnas ligadas ao lazer. Em áreas de lazer noturno, diferentes grupos frequentam seus respectivos lugares de encontro, dividindo a cidade em verdadeiros “territórios noturnos”, numa lógica informal movida pela afinidade e/ou afeto entre as pessoas.

II OBJETIVOS E RELEVÂNCIA

O objetivo deste trabalho é investigar as dinâmicas socioespaciais de duas áreas de lazer noturno em Porto Alegre, tomando o caso de dois bairros, a Cidade Baixa e o Moinhos de Vento.

Considerando-se que não há investigações semelhantes sobre este tema em Porto Alegre, nosso estudo mostra-se relevante por várias razões. Em primeiro lugar, porque conhecer o processo de crescimento das áreas de lazer noturno torna possível prever locais adequados para a localização de novos bares, restaurantes, cafés e outros estabelecimentos semelhantes. Especialmente quando essas

dinâmicas noturnas geram aglomerações, delimitando territórios e fortes movimentações de pedestres e automóveis, levando também a apropriação do espaço da rua e podendo, inclusive, criar situações de risco para seus usuários.

Decodificar padrões de uso noturno nos diferentes bairros que serão abordados no trabalho, considerando as populações que os freqüentam, bem como a configuração e a morfologia dos espaços envolvidos, pode ser uma importante ferramenta para o planejamento urbano nestas áreas, e em áreas de patrimônios consolidados associados a estas.

As áreas que estudaremos vêm sofrendo revitalizações espontâneas (que envolvem aspectos econômicos, sociais e urbanos) por meio de ocupações noturnas voltadas ao lazer, que acabam por influenciar também o lazer e o comércio diurno uma vez que os bairros se tornam conhecidos e freqüentados por pessoas que não apenas seus moradores. Esse pode ser um indicativo útil ao planejamento urbano, que ao entender essas revitalizações urbanas espontâneas pode reproduzir ou incentivar tais situações em novos bairros da cidade ou na revitalização de antigos.

III O PROBLEMA DE PESQUISA

Nosso problema de pesquisa nasce da observação de duas áreas de lazer noturno em dois bairros de Porto Alegre, entre os quais, ao que tudo indica, se verifica um movimento migratório de mão única dos freqüentadores do bairro Moinhos de Vento em direção à Cidade Baixa. Embora sejam bairros diferentes do ponto de vista das populações, que lá se encontram por afinidade em seus respectivos territórios, os dois bairros possuem configurações espaciais semelhantes e dinâmicas de apropriação⁴ noturna das calçadas e dos bares também semelhantes. Diferentemente da larga e movimentada Avenida Goethe, por exemplo, que divide o bairro Moinhos de Vento do bairro Auxiliadora, e que também é uma área de

⁴ Por apropriação entendemos o uso espontâneo do espaço.

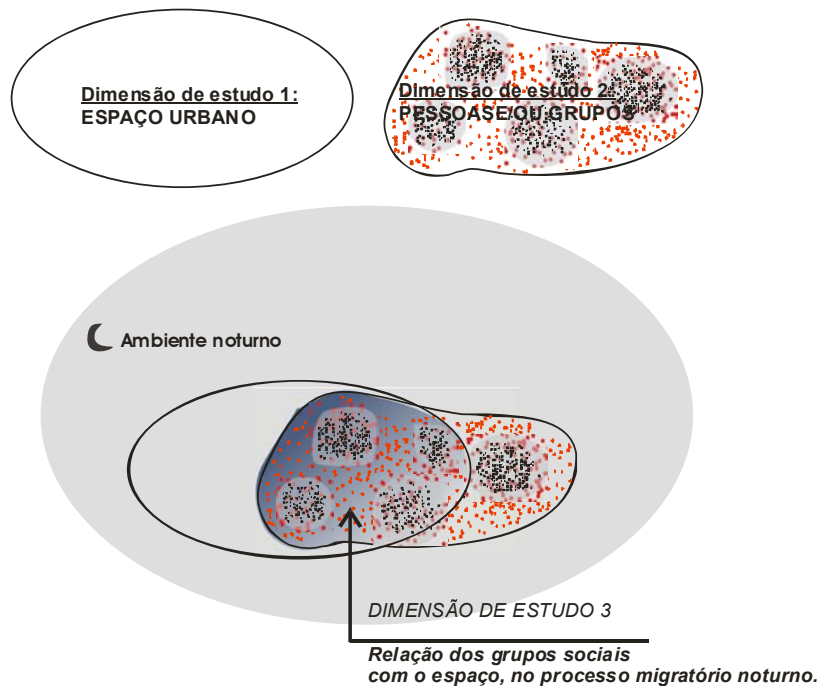
intensa dinâmica noturna de lazer, os eixos de estudo aqui investigados são ruas no interior dos dois bairros, caracterizando espaços “intrabairro”.

Trata-se de dois bairros freqüentados por pessoas de diferentes camadas sociais: um em área social nobre, o bairro Moinhos de Vento, freqüentado por uma população de alta renda costumeiramente chamada de “*beautiful people*”, e outro em uma área boêmia antiga, a Cidade Baixa, com importante presença no panorama cultural da cidade, freqüentado por uma gama bastante diversa de “tipos culturais”, como estudantes universitários, artistas, intelectuais, profissionais liberais, etc.

Mesmo que os dois bairros tenham configurações espaciais semelhantes, eles se diferenciam, em primeiro lugar, pelo fato acima mencionado de a Cidade Baixa receber uma população de freqüentadores bastante diversificada, inclusive do Moinhos de Vento, abrigando, assim uma enorme diversidade de pessoas e “tipos” no período noturno, enquanto o Moinhos de Vento é muito mais homogêneo com uma população de freqüentadores noturnos mais exclusivo. Qual o papel da diversidade nesta migração de mão única?

Nosso problema de pesquisa divide-se em dois componentes - as pessoas, e/ou grupos sociais por um lado, e o espaço urbano por outro – aqui considerados como duas faces ou dimensões de um mesmo todo: a dinâmica socioespacial. O primeiro componente diz respeito aos freqüentadores, a seus hábitos noturnos, e à migração que produzem. O segundo trata dos bairros como unidades espaciais, e da maneira como o espaço é usado, produzindo uma dinâmica espacial noturna específica em cada um deles.

Figura 01: Ilustração do problema de pesquisa



Considerando que estamos frente a dois bairros bastante distintos do ponto de vista de seus freqüentadores, embora semelhantes do ponto de vista configuracional, o que é que induz a migração de mão única de um bairro para o outro?

As questões a que queremos responder são as seguintes: Qual o papel das dimensões social e espacial relacionadas à migração? O que essa migração acarreta nas relações socioespaciais quando as duas populações se encontram num mesmo bairro? Em que momento e lugares são geradas mais situações de co-presença entre essas diferentes populações? É possível que as pessoas dos dois bairros reúnam-se no mesmo espaço e formem novos grupos sociais dessas uniões? Ou os freqüentadores migrantes mudam apenas de espaço e lugar, mas conservam-se como um grupo diferente, sem interagir com os grupos locais?

Considerando também que tenham padrões diferentes de movimentação nos lugares de origem, uma vez que estejam no outro bairro os migrantes incorporam o padrão da dinâmica espacial predominante no novo território, ou permanecem com o padrão de sua dinâmica noturna⁵ de origem?

IV REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Há poucos estudos referentes a áreas de lazer noturno ou outros aspectos relacionados a elas em Porto Alegre.

O estudo de REIS (2003) tem por objeto a ocupação de antigos casarios, ou de suas garagens por bares, restaurantes e cafés no bairro Moinhos de Vento. O estudo descreve, além disso, a ocupação das calçadas durante a noite, formando uma borda física de mesas.

A dissertação de COGO (1999) examina a oferta e o consumo de lazer no Centro Comercial Nova Olaria de Porto Alegre, na Cidade Baixa, iniciado na década de noventa do século XX.

O estudo de MARONEZE (1996) aborda os espaços de sociabilidade e memória da vida pública porto-alegrense no período de 1890 a 1930. O autor dedica um capítulo de seu trabalho à abordagem da boemia na cidade como forma de sociabilidade, enfocando os cafés e bares existentes no Centro da cidade no século XX.

Outros estudos referentes, contudo, a ocupação da calçadas, relações entre grupos identitários diferenciados e áreas da cidade, mapeamento de hábitos culturais, entre outras abordagens que se relacionam com o nosso estudo, mas que não estão

⁵ Por padrões de dinâmica noturna entendemos o movimento das pessoas durante a noite nos locais de estudo. Caminhar a pé entre os bares, sentar em mesas na calçada, ficar de pé na frente do bar, perambular de carro, são alguns dos exemplos dessa dinâmica noturna.

diretamente ligados ao ambiente noturno, examinam exemplos nacionais e internacionais. No primeiro caso, estão os estudos de RIGATTI (1993), YÁZIGI (2000), FERREIRA (2002), BUZAI (2003), LEMOS (2004), POLI (2004), CAZZOLATO (2005), e um estudo desenvolvido pela Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre (2006).

RIGATTI (1993) desenvolve um estudo que analisa as relações entre morfologia urbana e formas de sociabilidade, a partir da estrutura física de bairros centrais de Porto Alegre, incluindo-se o bairro Cidade Baixa. Usa como ferramenta a teoria da sintaxe espacial ele busca, além de outros aspectos, estabelecer conexões entre a comunidade real e a comunidade “virtual”.

YÁZIGI (2000) analisa os diversos tipos de ocupações das calçadas de São Paulo, trabalhando questões da territorialidade, da economia informal das ruas e também as apropriações das calçadas por mesas de bares e restaurantes.

O tema central do trabalho desenvolvido por FERREIRA (2002) é a relação entre homem e espaço nas áreas centrais de Uberlândia (MG), tendo a rua como referência. O autor manifesta a preocupação e um problema cada vez maior em nossas cidades: a perda gradativa dos espaços públicos de circulação para convivência. Segundo o autor essa problemática urbana vem se acirrando há várias décadas, em função da depreciação acelerada desses ambientes “comuns a todos”, acompanhada da perda ou inversão de suas funções.

O trabalho desenvolvido por BUZAI (2003) faz um diagnóstico sobre a situação habitacional em Buenos Aires (Argentina), tratando da distribuição social da população no interior da cidade. O livro aborda os aspectos teóricos da diferenciação socioespacial urbana. Além disso, o trabalho apresenta mapas sociais que abordam aspectos como a faixa etária da população, a escolaridade, a localização das casas, dos prédios e das redes de esgoto, água e iluminação, entre fatores da infra-estrutura urbana.

O trabalho desenvolvido por LEMOS (2004) compara as populações de dois bairros do Rio de Janeiro, porém sob o enfoque da dinâmica urbana diurna e de relações formais. Apresenta hipóteses que sobre as distinções de valores, gostos e formas de consumo, bem como o sentimento de diferença daqueles que pertencem à elite estabelecida da Zona Sul do Rio de Janeiro, em relação aos grupos economicamente emergentes estabelecidos, na sua grande maioria, na Barra da Tijuca. O estudo identifica a existência de um forte sentimento de identidade e diferença entre os grupos sociais citados.

Abordando o uso do espaço urbano no dia-a-dia, encontramos o trabalho de POLI (2004). Trata-se da análise do uso social do solo urbano no bairro Cidade de Aracy, na cidade de São Carlos (SP), focada na interpretação das especificidades sociais de um determinado lugar.

A dissertação de CAZZOLATO (2005) tem como tema central os bairros das grandes cidades, tomando como caso de estudo o Município de São Paulo, onde, embora constituam espaços das relações cotidianas, não são reconhecidos nem delimitados como unidades operativas pelo poder público.

O estudo desenvolvido pela Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre (2006) apresenta a distribuição geográfica do comportamento e o consumo cultural (lazer e entretenimento cultural) do porto-alegrense através de mapas culturais.

Conforme apresentado na revisão bibliográfica, verificamos que, mesmo que diversos trabalhos permeiem o campo de desenvolvimento desse estudo, nenhum deles aborda a dinâmica noturna na cidade e as relações socioespaciais relacionadas a esta da maneira como este trabalho pretende abordar.

V ESTRUTURA DO TEXTO

Além da introdução, o trabalho está organizado em duas partes. A primeira parte apresenta o referencial teórico e metodológico do trabalho e compõe-se de dois capítulos. O primeiro capítulo trata do referencial teórico, e está dividido em três grandes blocos temáticos que abordam respectivamente (1) as relações das pessoas com o espaço, (2) o espaço urbano, (3) e a dinâmica espacial, além do problema de pesquisa. O segundo capítulo trata dos procedimentos metodológicos, abordando a área de abrangência da pesquisa empírica e as unidades de análise.

A segunda parte é destinada à investigação empírica, seguida pelas conclusões e compõe-se de 05 capítulos.

O terceiro capítulo trata primeiramente do histórico da dinâmica noturna de Porto Alegre, abordando os primeiros bairros “boêmios” da cidade. Também elabora um histórico dos bairros de estudo, bem como suas características atuais. O capítulo 4 apresenta as características socioeconômicas e os hábitos dos frequentadores noturnos dos bairros, além de verificar a existência da suposta migração de mão única abordada em nosso problema de pesquisa.

Ainda na segunda parte o quinto capítulo trata da questão dos subespaços, seguido pelo sexto capítulo que faz uma abordagem sobre o uso desses subespaços por *habitués* e migrantes. As considerações finais resumem os principais resultados do trabalho.

PRIMEIRA PARTE
REFERENCIAL TEÓRICO E PROCEDIMENTOS
METODOLÓGICOS

CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO

Nosso referencial teórico está dividido em três grandes blocos temáticos que se relacionam com questões referentes aos diferentes aspectos de nosso problema de estudo.

O primeiro refere-se aos indivíduos e suas práticas sociais. A ótica é a da relação entre grupos sociais, identidades e os espaços que freqüentam definindo territórios. Nesta abordagem, o conceito de identidade elaborado por CASTELLS (1999) é confrontado com o de MAFFESOLI (1987), assim como são relacionados os conceitos de *papéis* sociais do primeiro, e de *persona* do segundo. O conceito de *neotribos*, bem como o conceito de *cultura do cotidiano*, ambos de MAFFESOLI (1987), e o tratamento deste último por HARVEY (1980) encerram este bloco.

O segundo refere-se ao conceito de HARVEY (1980) espaço urbano como espaço relacional. Neste bloco temático, o espaço também adquire a escala do *lugar*. A rua e os códigos locais desenvolvidos por situações de co-presença são tratados pelas abordagens de GIDDENS (1981) e de JACOBS (2000).

Nosso terceiro e último bloco refere-se à dinâmica espacial produzida nas cidades, a começar pelo legado da abordagem ecológica da Escola Sociológica de Chicago por meio da contribuição de BURGUESS acerca da movimentação de diferentes grupos sociais na cidade (EUFRÁSIO, 1999). A questão da diversidade finaliza este último bloco com a abordagem da obra de JACOBS (2003), partindo do fato de que as cidades grandes e sua dinâmica são geradoras naturais de diversidade.

1.1 AS PESSOAS

1.1.1 Identidade: papéis, persona e territorialidade

a) Papéis e persona

Existem muitas formas de definir identidade. Confrontaremos duas dessas definições de acordo com dois autores: CASTELLS e MAFFESOLI.

Segundo CASTELLS a identidade pode ser vista como a “fonte de significado e experiência de um povo” (1999, p. 22). Segundo o autor, no que diz respeito aos atores sociais, entende-se por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. O autor ressalta a necessidade de estabelecer uma distinção entre a identidade e o que tradicionalmente os sociólogos têm chamado de papéis:

“Papéis (por exemplo, ser trabalhador, mãe, vizinho, militante socialista, sindicalista, jogador de basquete, frequentador de uma determinada igreja e fumante, ao mesmo tempo) são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. (...) Identidades, por sua vez, constituem fontes de significado para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação” (CASTELLS, 1999, p:23).

Assim, para CASTELLS, identidades são fontes mais importantes de significados do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolvem. Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções. CASTELLS (1991) acrescenta que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. Essa construção vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia,

instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso⁶.

Já MAFFESOLI (1987) aponta para o aspecto mutável e caótico da identidade, e ressalta que ela pode variar de acordo com as fronteiras temporais e espaciais. O autor destaca que a identidade é relativa às possibilidades que circundam o indivíduo. Para MAFFESOLI:

“(...) o que tende a predominar nos momentos de fundação (da identidade) é o pluralismo das possibilidades, a efervescência das situações, a multiplicidade das experiências e dos valores, tudo aquilo que caracteriza a juventude dos homens e das sociedades. Direi, por meu lado, que se trata do momento *cultural* por excelência” (MAFFESOLI, 1987: 92).

Embora o conceito de identidade abordado pelos autores seja diferente, o conceito de “*papéis*” descrito por CASTELLS pode ser comparado ao de “*persona*” elaborado por MAFFESOLI, uma vez que as duas denominações representam a personificação das atividades que o indivíduo desenvolve no meio em que está situado, e o modo como ele irá se relacionar com as pessoas através de tal personificação. Contudo o conceito de *persona* também é para MAFFESOLI algo mutável, assim como o de identidade, uma vez que representa a diversidade das máscaras, as quais são usadas de acordo com o que as situações sociais exigirem.

Nesse sentido, MAFFESOLI nos fornece o conceito chave para nosso estudo: a *persona* é utilizada pelos indivíduos durante a noite, nos ambientes de lazer, enquanto os *papéis* abrangem outras circunstâncias. Por exemplo: durante a noite, no bar, o indivíduo é antes de ser um professor católico (a exemplo dos papéis) alguém tímido, vestido com roupas discretas, e com poucos amigos (a exemplo da

⁶ O autor avança a hipótese de que, em linhas gerais, quem constrói a identidade coletiva, e determina para quem essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade.

persona). Essa *persona* constituída pelo individuo para sair à noite pode variar se ele estiver, por exemplo, acompanhado da esposa no lugar dos amigos.

Em resumo, a *persona* descrita por Maffesoli poderá nos auxiliar no estudo dos freqüentadores noturnos que farão parte desse trabalho de uma maneira mais significativa que os papéis descritos por Castells, uma vez que podem variar de acordo com as circunstâncias vividas pelas pessoas. Por meio da representação da *persona*, será possível entender o que as pessoas buscam e como querem se parecer e que “personagem” fazem uso quando saem à noite.

b) Territorialidade

A relação entre identidade e território é abordada de forma semelhante por Castells e Gomes. CASTELLS (1999) afirma que a produção de significado referente a um ambiente construído é um elemento essencial das cidades ao longo da história, pois este ambiente construído, bem como seu significado, são engendrados por um processo de conflito entre os interesses e valores de atores sociais antagônicos. GOMES (2001) reforça abordagem de CASTELLS e descreve o território como sendo algo próprio a determinado grupo, concebido como um terreno onde as regras que fundam a identidade gozam de uma absoluta e indiscutível validade. A predominância do nível coletivo é total, e a oposição e a diferenciação são estabelecidas em relação à figura do *outro*, que é exterior ao grupo.

Incorporando o conceito de *tribos* de MAFFESOLI (1987), GOMES (2002) aponta esse fenômeno como uma forma de *tribalização*, sendo este em parte responsável pela transformação da imagem da cidade contemporânea. Segundo o autor:

(...) “Uma parte da cidade é, assim, virtualmente ocupada por uma dinâmica tribal, que funda sobre o espaço público uma idéia de território identitário fechado e exclusivo”.
(GOMES, 2002, p: 181-182).

As relações entre identidade e território levaram-nos, assim, ao conceito de *tribalismo*. No próximo item abordaremos novos aspectos desse conceito.

1.1.2 A contribuição de Maffesoli: o neotribalismo e a cultura do cotidiano

As novas formas de sociabilidade que emergem atualmente, segundo MAFFESOLI, apontam para um mundo que parece caminhar em direção inversa ao capitalismo ocidental, segundo uma lógica menos individualista, denominada pelo autor de “neotribalismo”.

Segundo o autor:

“(…) ao contrário da estabilidade induzida pelo tribalismo clássico, o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. É assim que podemos descrever o espetáculo da rua nas megalópoles modernas”.
(MAFFESOLI, 1987, p: 107).

No neotribalismo o valor do indivíduo está diretamente ligado ao grupo que frequenta, ou à comunidade da qual faz parte. Pela característica de fluidez do neotribalismo, o autor denomina de “união em pontilhado” as relações que se estabelecem entre a *persona* e o espaço.

É através do neotribalismo que se formam as “comunidades emocionais” que resultam de um processo de integração, fundamentado em um sentimento de pertencimento experimentado pelos participantes, e motivado por qualquer tipo e ligação emocional ou afetiva.

O autor destaca como característica das “comunidades emocionais” os seguintes aspectos: a composição mutante, o aspecto efêmero, o uso de determinada localização espacial, a ausência de uma organização preestabelecida, a estrutura cotidiana. Essas características estão intimamente ligadas com a maneira com que as pessoas se unem no ambiente noturno, portanto são características importantes no desenvolvimento do trabalho.

Em um estudo sobre o neotribalismo, QUARESMA (2005) diz, referindo-se a Maffesoli que as neotribos, enquanto comunidades emocionais exprimem uma característica fundante da sociedade contemporânea: o vaivém constante entre a massificação crescente e o desenvolvimento de microgrupos com ideais comunitários, que se acreditava terem sido ultrapassados. Nas palavras de MAFFESOLI:

“(...) redescobrimos que o individuo não pode existir isolado, mas que ele está ligado, pela cultura, pelo lazer, e pela moda, a uma comunidade, que pode não ter as mesmas qualidades daquelas da idade média, mas que nem por isso deixa de ser uma comunidade”.
(MAFFESOLI, 1987, p: 114).

Do ponto de vista desse estudo um outro aspecto importante da obra de MAFFESOLI (1987) é a cultura do cotidiano, ou seja, a cultura decorrente das práticas diárias dos cidadãos como morar, trabalhar, passear, comprar, conviver, circular, e as relações delas com os espaços que acolhem essas atividades. Segundo o autor, “(...) nunca é demais insistir na nobreza da vida cotidiana. Pode-se dizer que é a partir do ‘ordinário’ que é elaborado o conhecimento do social” (MAFFESOLI, 1995 – p:563).

O autor complementa:

“A estreita conexão que existe entre as grandes obras da cultura e aquela ‘cultura’ vivida no dia-a-dia constitui o cimento estrutural de toda a vida societal. Essa ‘cultura’ é feita do conjunto desses pequenos ‘nadas’ que, por sedimentação constituem um sistema significante” (MAFFESOLI, 1987 – p:34).

O conceito de cultura do cotidiano permite entender a dinâmica social noturna no espaço como um conjunto de práticas de grupos que se reúnem por afinidade e movidos pelo lazer, ou seja, grupos que se formam através de redes de amizade,

que não têm outra finalidade senão reunir-se sem objetivo, sem projeto específico, e que cada vez mais compõem a vida cotidiana das grandes cidades⁷.

HARVEY (1980) complementa o conceito desenvolvido por MAFFESOLI uma vez que, segundo o autor, a prática social e cotidiana resolve com aparente tranquilidade e perfeição, os mistérios filosóficos profundos relativos à natureza do espaço e às relações entre o processo social e as formas espaciais.

1.2 O ESPAÇO URBANO

1.2.1 O conceito de espaço: o espaço relacional

“O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, se não uma realidade relacional: coisas e relações juntas”. (SANTOS, 1997, p:26)

O termo *espaço* remete a diversos significados, podendo ser pensado de muitas maneiras. Interessa-nos esclarecer aqui qual o conceito de espaço que abordamos no decorrer do trabalho, e sob que ótica o espaço foi considerado.

Segundo HARVEY (1980) há várias maneiras pelas quais podemos pensar o espaço. Se tomamos o espaço como absoluto ele se torna uma “coisa em si mesma”, com existência independente da matéria. “Ele possui então uma estrutura que podemos utilizar para individualizar ou classificar fenômenos” (p.04). Se tomarmos o espaço como relativo, sua caracterização propõe que ele deve ser entendido como uma relação *entre* objetos , a qual existe somente porque os objetos existem e se relacionam

No conceito de espaço relacional, o espaço é percebido como conteúdo, representando no interior de si mesmo outros tipos de relações que existem entre

⁷ O autor salienta que, através do auxílio da tecnologia é no quadro efêmero que um certo número de pessoas vai se encontrar. Essa união não deixa de criar cadeias de amizade, que segundo o modelo formal das redes, permitem uma multiplicação das relações através, apenas do jogo da proximidade: alguém me apresenta a alguém, que conhece outro alguém, etc.

objetos. Este espaço relacional é “o espaço tomado à maneira de Leibniz, como estando contido *em* objetos, no sentido de que um objeto existe somente na medida em que contém e representa dentro de si próprio as relações com outros objetos” (HARVEY, 1980, p.05).

SANTOS também desenvolve o conceito de espaço relacional. Para o autor o espaço é conjunto indissociável de que participam, de um lado certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo (da sociedade) não é independente da forma (os objetos geográficos), e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social (SANTOS, 2000).

Este último conceito apresentado, o de espaço relacional, é o modo como iremos pensar e visualizar o espaço e suas relações, no desenvolvimento do trabalho.

1.2.2 Espaço social e lugar

O *espaço social* segundo HARVEY é tomado como um complexo de sentimentos e imagens sobre ele, e de reações dirigidas ao simbolismo espacial que cerca os indivíduos. “Cada pessoa, parece, vive em sua própria teia, construída pessoalmente por relacionamentos espaciais, contida, por assim dizer, em seu próprio sistema geométrico” (HARVEY, 1980, p. 23). O autor complementa o conceito de espaço social citando SMITH, (1964): “O condicionamento cultural, a aprendizagem de grupo, bem como a aprendizagem individual, estão envolvidas na formação de um esquema espacial do indivíduo. É bastante provável que distintos grupos de cultura, desenvolvam estilos totalmente diferentes de representar relacionamentos espaciais, e esses estilos podem por si mesmos, estar diretamente relacionados aos processos e normas espaciais”.

Aproximando-se da escala local, SANTOS desenvolve o conceito de *socialidade*: “No espaço revela-se a noção de socialidade que será tanto mais intensa, quanto maior a proximidade das pessoas envolvidas” (SANTOS, 2002, p.317). Esta proximidade a qual o autor faz referência é relativa à escala espacial, ou seja: ao tamanho do espaço. Quanto mais reduzido é o tamanho do espaço mais próximo chegamos da noção de *lugar*, assim, pensando do geral para o particular, podemos citar o globo terrestre, os continentes, os países, os estados, as cidades os bairros, os parques, praças, as ruas, as esquinas, as edificações, até chegarmos à sala, o quarto. À medida que a escala do espaço vai diminuindo, o espaço está mais próximo de ser um lugar, e as relações tornam-se mais privadas.

Nosso objeto empírico é a rua, os bares e suas adjacências, portanto nosso conceito de espaço está inserido na escala do lugar. As relações organizadas em termos de lugar segundo GIDDENS interessam, uma vez que ainda não foram transformadas pelas relações tempo-espaço distanciadas: “Na grande maioria dos cenários pré-modernos, inclusive na maioria das cidades, o meio local é o lugar de feixes de relações sociais entrelaçadas, cuja pequena extensão espacial garante sua solidez no tempo” (GIDDENS, 1991, p.105).

Nesse sentido para SANTOS o lugar pode ser relacionado ao cotidiano. Segundo o autor “O lugar se expressa com força na realidade vivida, na proximidade, socialidade, na vizinhança” (SANTOS, 2002, p. 330).

Conforme mencionado, no desenvolvimento deste estudo iremos tratar dos lugares que contemplam o bairro, as ruas, as esquinas, e os bares, e outros estabelecimentos voltados a atividades de lazer noturno. Nesse caso a dimensão local é especialmente relevante, uma vez que nosso estudo de caso contempla frações peculiares da cidade, as quais foram observadas durante a noite.

1.2.3 A rua e os códigos locais

As ruas específicas de dois bairros de Porto Alegre, tomadas nesse estudo como nosso objeto empírico, foram vistas como espaços públicos, funcionais e simbólicos, palco das relações informais mantidas por grupos que se deslocam durante a noite gerando uma dinâmica noturna específica. Porém faz-se necessário, primeiramente, esclarecer a questão da diferença entre espaço público e espaço privado, bem como entre a vida pública e a vida privada.

“Há muito tempo, os responsáveis pela reurbanização observam os moradores da cidade passando o tempo em esquinas movimentadas, parando em bares e confeitarias e bebendo refrigerante junto à porta de casa, e já deram um veredicto que em essência é: *Que coisa mais deplorável! Se essas pessoas tivessem um lar decente ou um lugar mais próprio e arborizado, não estariam na rua!*” (JACOBS, 2000, p:59)

Segundo JACOBS, o julgamento apresentado no texto acima, representa um equívoco profundo em relação às cidades, e exemplifica: “Não faz mais sentido do que comparecer a um jantar comemorativo em um hotel e concluir que, se aquelas pessoas tivessem mulheres que cozinhassem, dariam a festa em casa” (JACOBS, 2000, p. 59). O ponto fundamental, tanto do jantar quanto da vida social nas calçadas, é precisamente o fato de serem públicos. Se os contatos interessantes, proveitosos e significativos entre os habitantes das cidades se limitassem à convivência na vida privada, a cidade não teria serventia.

Por outro lado, se a cidade não oferece um espaço público capaz de contemplar a vida pública, então os espaços privados correm o risco de passarem a ser públicos. Como a vizinha que está sempre com a casa cheia, recebendo as mulheres do bairro para um café, porque a rua não tem nenhum estabelecimento privado que contemple a vida pública, seja ele um bar ou uma mercearia. JACOBS denomina de “anfitriões públicos” os proprietários de locais de encontro instalados ao longo das calçadas.

Um dos códigos presentes no espaço público diz respeito à confiança em relação ao estranho. Segundo JACOBS, ela forma-se com o tempo, a partir de inúmeros pequenos contatos públicos nas calçadas, e salienta: “Ela nasce de pessoas que param no bar para tomar uma cerveja, que recebem conselhos do merceiro e dão conselhos ao jornaleiro (...)” (JACOBS, 2000, p. 60).

A confiança também pode ser vista como um dos dispositivos da vida moderna. Para GIDDENS o ponto de partida para esta questão é a observação sociológica de que, na vida social moderna, muitas pessoas a maior parte do tempo, interagem com outras que lhes são estranhas. O autor elabora uma série de conceitos a esse respeito, entre os quais está a questão do *compromisso com rosto e compromisso sem rosto*⁸ (GIDDENS, 1991, p. 84). O primeiro se refere a relações que são mantidas ou expressas em conexões sociais estabelecidas em circunstâncias de co-presença. O autor exemplifica:

“Duas pessoas se aproximam e se cruzam numa calçada da cidade. O que poderia ser mais trivial e desinteressante? Tal evento pode acontecer milhões de vezes por dia, mesmo numa única área urbana. (...) A desatenção demonstrada não é indiferença. É, pelo contrário, uma demonstração cuidadosamente monitorada do que pode ser chamado de estranhamento polido. Conforme as duas pessoas se aproximam uma da outra, cada uma rapidamente perscruta o rosto da outra, desviando o olhar quando se cruzam – Goffman chama isto de ‘abaixar os faróis mútuos’. O olhar concede reconhecimento do outro como um agente e como um conhecido potencial. Fixar os olhos no outro apenas brevemente e depois olhar para frente enquanto ambos se cruzam vincula tal atitude a uma reafirmação implícita de ausência de intenção hostil. A manutenção da desatenção civil parece ser uma pressuposição muito geral da confiança presumida em encontros regulares com estranhos em espaços públicos” (GIDDENS, 1991- p:85).

Sendo a rua o campo de ação onde se desenvolve a dinâmica espacial noturna, a questão do estranho pode ser ampliada para os grupos que se deslocam no espaço durante a noite e os códigos descritos por Giddens, da mesma forma, para os

⁸ No original: *facework commitments e faceless commitments*. Em português o sentido mais próximo seria “contatos pessoais e impessoais”, respectivamente.

grupos que avançam em direção ao novo território, e não apenas para um indivíduo.

1.3 A DINÂMICA ESPACIAL

1.3.1 A contribuição de Burgess

Uma contribuição decisiva para a compreensão da dinâmica coletiva urbana nos foi legada pela abordagem ecológica da Escola Sociológica de Chicago. Do ponto de vista de nosso estudo, é de grande relevância a contribuição de BURGUESS a cerca da movimentação de diferentes grupos sociais – seja do ponto de vista econômico, étnico, ou outros – no espaço urbano (EUFRÁSIO, 1999).

BURGUESS identificou padrões nessas movimentações, especificamente relacionados à problemática da intrusão de novos grupos em áreas já ocupadas e das respectivas reações de resistência por parte dos ocupantes do lugar, gerando um processo em etapas chamado por ele de processo de sucessão. Neste processo BURGUESS identificou um padrão seqüencial em quatro etapas: (1) invasão; (2) reação; (3) afluência e (4) clímax.

A invasão começaria como uma intrusão, inicialmente não percebida ou gradual, seguida pela reação ou resistência dos ocupantes da área invadida. A terceira etapa seria a da afluência de recém-chegados, seguida pelo abandono da área pelos antigos ocupantes. A este movimento seguir-se ia, finalmente a etapa do clímax, ou seja, a produção de um novo equilíbrio e de uma nova estabilidade na área.

Embora este modelo tenha sido elaborado a partir da problemática da chegada de imigrantes em áreas residenciais nos Estados Unidos, na década de 20 do século passado, o padrão seqüencial do processo de sucessão certamente é uma importante referência para o entendimento das migrações intra-urbanas de diferentes grupos sociais, desencadeadas em torno de áreas que ofereçam algum

tipo de atrativo; seja, por exemplo, a disputa por emprego, ou a disputa por lazer. O essencial é que se trata de compreender o confronto e a coexistência de grupos de estranhos que chegam a áreas já ocupadas, como o processo de migração entre áreas de lazer noturno que é objeto de nosso estudo.

1.3.2 Sobre a diversidade: a contribuição de JACOBS

É comum tratar as cidades e os infinitos elementos que as compõem separadamente, analisando um de cada vez. Mas, para compreender as cidades, precisamos admitir que estamos tratando de um fenômeno que tem como elemento fundamental as combinações, ou as misturas de usos do, e no espaço. Segundo JACOBS (2003) as cidades grandes são geradoras naturais de diversidade, o que não significa que as cidades gerem diversidade automaticamente, apenas porque existem. A diversidade é gerada devido às várias e eficientes combinações de usos econômicos⁹ que as cidades podem formar. Essas combinações de usos resultam das diferentes pessoas que habitam os espaços:

“Seja de que espécie for, a diversidade gerada pelas cidades repousa no fato de que nelas muitas pessoas estão bastante próximas e elas manifestam os mais diferentes gostos, habilidades, necessidades, carências e obsessões”.
(JACOBS, 2003, p:161)

A autora aponta para a importância da proximidade dos estabelecimentos comerciais, uma vez que, em determinado espaço geográfico, metade do número de pessoas não freqüentará metade das empresas que fiquem duas vezes mais longe. “Quando existe o inconveniente da distância, o pequeno, o variado e o pessoal

⁹ Sobre isso JACOBS escreve: “Mesmo atividades comerciais muito comuns, mas de pequeno porte, como lojas de ferragens, drogarias, docerias e bares de um só proprietário e um balconista, podem surgir e surgem numa quantidade e incidência extraordinárias nos distritos movimentados, porque há gente suficiente para freqüentá-las a intervalos curtos e convenientes, e por sua vez essa conveniência e a força de trabalho da vizinhança são peças importantes no estoque dessas empresas” (JACOBS 2003, p. 161).

desaparece. (...) A paisagem urbana é viva graças ao seu enorme acervo de pequenos elementos” (JACOBS, 2003, p. 162).

Segundo a autora podemos descobrir que situações geram a diversidade urbana observando os locais em que a diversidade existe, e pesquisar as razões econômicas que permitam seu surgimento nesses locais. Ela aponta para quatro condições indispensáveis para gerar uma diversidade farta nas ruas e nos distritos:

1) O bairro¹⁰ e o maior número de segmentos que o compõe, deve atender, de preferência, a mais de duas funções principais que devem assegurar a presença de pessoas que saiam de casa em horários diferentes e estejam nos lugares por diferentes motivos.

2) A maioria das quadras deve ser curta, as oportunidades de virar a esquina devem ser freqüentes.

3) O bairro deve ter uma combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados, incluindo boa porcentagem de prédios antigos, para gerar rendimento econômico variado.

4) Deve haver densidade suficientemente alta de pessoas. Sejam quais forem seus propósitos, incluindo os moradores do bairro.

JACOBS (2003) aponta para o fato de que, associadas, tais condições criam combinações de usos economicamente eficazes, e são necessárias para gerar diversidade urbana. A ausência de qualquer uma delas inutilizaria o potencial do bairro.

¹⁰ Onde escreve-se “bairro” a autora escreve “distrito”. Optamos por substituir distrito por bairro por estar mais de acordo com os termos usados no trabalho.

Neste trabalho, a questão da diversidade deverá basear-se na contribuição de JACOBS. Ainda que seu livro *Vida e morte nas grandes cidades* seja de 1964 e tenha sido desenvolvido nos Estados Unidos, consideramos que sua abordagem sobre a diversidade permanece válida, já que faz uso de elementos presentes no cotidiano de qualquer cidade de grande porte e de sua história de vida. Por esses motivos, utilizaremos o trabalho de Jane Jacobs para a avaliação da diversidade dos nossos bairros de estudo, mesmo que este esteja voltado para o ambiente noturno.

1.4 REFORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Com base no referencial teórico utilizado podemos considerar nosso problema de pesquisa através de uma problemática de apropriação de espaço de lazer noturno nas ruas dos dois bairros estudados, por grupos sociais diferenciados e das relações socioespaciais que se estabelecem através de seus deslocamentos de um bairro para o outro.

A existência desse movimento noturno ocorre nas ruas e nos bares, os quais podem ser vistos como “células de interação”, que, agrupadas, criam núcleos de atividades de lazer, gerando eixos de movimentação ao longo das ruas das áreas estudadas. Há uma identidade dos frequentadores de cada uma das áreas de lazer noturno com o seu bairro? Elas podem ser vistas como territórios desses grupos sociais diferenciados? Que interações são mantidas entre eles quando se deslocam de um bairro para o outro?

1.4.1 As premissas e as hipóteses do trabalho

Conforme vimos, os diferentes grupos sociais considerados no trabalho movimentam-se durante a noite à procura de lugares de lazer nos bairros Moinhos

de Vento e Cidade Baixa, ambos na cidade de Porto Alegre. O objetivo é o mesmo, mas o que os bairros tem a oferecer é um pouco diferente.

O bairro Cidade Baixa é um local com tradição boêmia e intelectual na cidade, que divide seu território com muitos grupos sociais, tendo, portanto, uma grande diversidade social noturna. Os grupos de “*habitués*” do bairro, apesar de sua diversidade de tipos sociais composta por artistas, escritores, jornalistas, profissionais liberais, mantêm uma identificação com o bairro.

Já o bairro Moinhos de Vento é freqüentado por um número menor de grupos sociais, mais exclusivos, constituídos por uma parcela da população com maior poder aquisitivo e caracterizada pelo maior acesso a bens de consumo suntuários. Isso faz com que, diferentemente da Cidade Baixa, o Moinhos de Vento seja mais restrito aos seus “*habitués*”. No entanto parece estar ocorrendo um movimento migratório desses grupos para os bares da Cidade Baixa. A que se deve este comportamento? À diversidade sócio-cultural da Cidade Baixa? A fatores ligados à morfologia desse bairro ou à sua arquitetura? Isso significa que existe uma identificação dos *habitués* do Moinhos de Vento com esse bairro?

Considerando-se as semelhanças de uso do espaço (tais como sentar em mesas nas calçadas), devido a alguns fatores relativos à forma espacial (tais como a largura das calçadas, a ocupação de térreos de edifícios e casas antigas), espera-se que a dinâmica noturna produzida deva ser semelhante nos dois bairros. Assim, nossa primeira hipótese é a de que quando um grupo de freqüentadores migra para o outro bairro, não existe alteração na dinâmica local do lugar que os recebe, uma vez que a dinâmica dos migrantes deve ser semelhante à dos freqüentadores locais, e vice-versa.

A segunda hipótese é a de que os bares, ou células de interação unem os grupos sociais semelhantes entre si. Esses bares ou células de interação se agruparam nos

dois bairros ao longo das ruas de maneira até certo ponto espontânea (uma vez que não existe uma legislação que determine um espaço específico para os bares). Os mais antigos serviram de atratores para os que vieram depois, configurando diferentes agrupamentos de bares, os quais vão ser freqüentados por diferentes grupos, formando assim diferentes territórios.

Nossa terceira e última hipótese é a de que o bairro Cidade Baixa sendo mais diverso que o Moinhos de Vento, tem nessa característica um dos fatores responsáveis pela migração dos freqüentadores do Moinhos de Vento para a Cidade Baixa¹¹.

¹¹ “A própria diversidade urbana permite e estimula mais diversidade” (JABOBS, 2003, p.159).

CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 DINÂMICA FORMAL E DINÂMICA INFORMAL NOTURNA

Para o entendimento do nosso problema de pesquisa separamos a dinâmica de uso do espaço em duas categorias: *formal* ou *informal*. A dinâmica *formal* relaciona-se aos compromissos formais de trabalho, vida pública, etc. os quais seguem uma rotina predominantemente específica e previsível. Em contrapartida, a dinâmica *informal* está associada à família, ao lazer, a uma lógica espontânea que emerge de acordo com a vontade dos indivíduos, tratando-se, portanto, de um movimento menos previsível.

Em segundo lugar consideramos que tanto a dinâmica formal quanto a informal ocorrem tanto durante o dia, quanto durante a noite. Dessa forma teremos quatro categorias de dinâmica: informal noturna ou diurna, ou formal noturna ou diurna. Nosso problema de pesquisa tem como objetivo de estudo a dinâmica informal noturna.

As figuras 2 e 3 abaixo tentam ilustrar como os grupos se deslocariam no tempo e no espaço, de acordo com a dinâmica informal (figura 2) e formal (figura 3).

Figura 02: A dinâmica informal

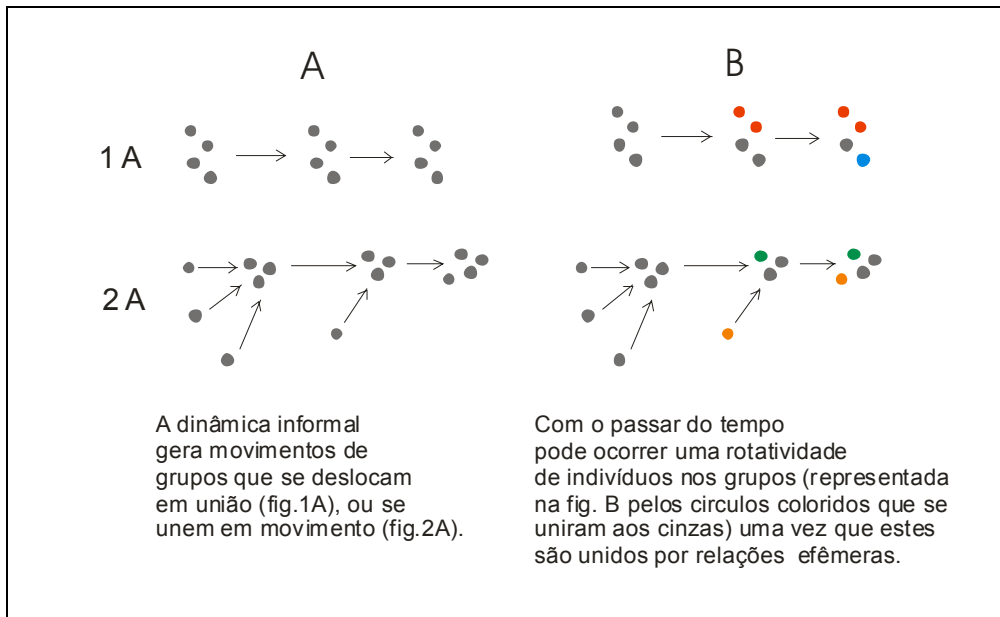
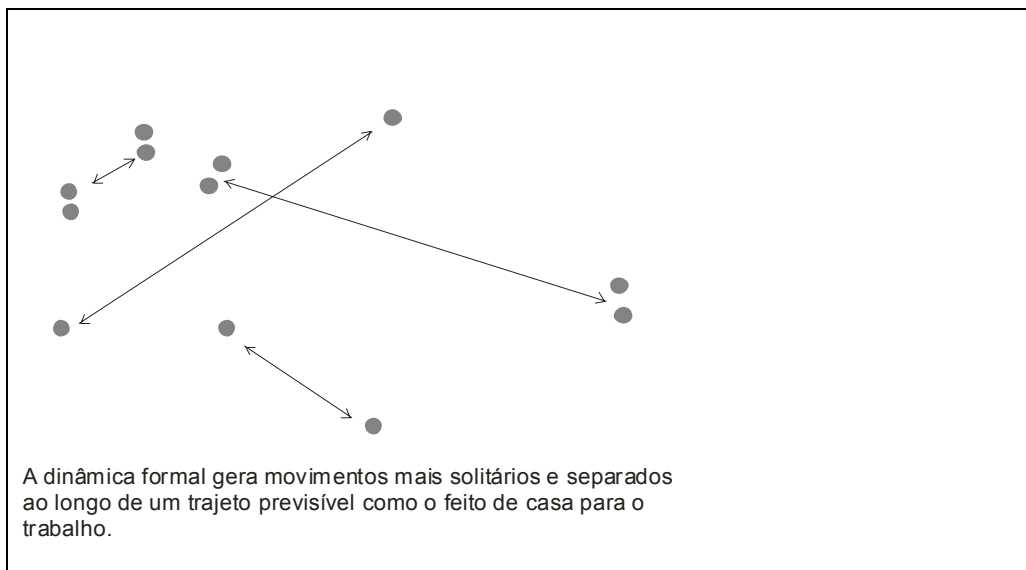


Figura 03: A dinâmica formal



União em pontilhado é a denominação criada por MAFFESOLI (1987), para traduzir o movimento das *neotribos*: uma vez que são fluidas, elas se unem e se dispersam. Esse conceito interessa ao nosso estudo na medida que traduz o movimento espacial característico da dinâmica informal noturna (figura 02), em contraste com a dinâmica formal (figura 03) que gera movimentos solitários, ou em

grupos menores separados ao longo de um trajeto previsível como, por exemplo, de casa para o trabalho.

2.2 ÁREA DE ABRANGÊNCIA DA PESQUISA EMPÍRICA E UNIDADES DE ANÁLISE

A pesquisa empírica foi realizada nos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento. No primeiro bairro a pesquisa empírica foi realizada nas ruas João Alfredo e República no bairro Cidade Baixa, e nas ruas Fernando Gomes e Padre Chagas no bairro Moinhos de Vento, com frequentadores de bares e demais estabelecimentos de lazer noturno.

As ruas-eixo de estudo foram selecionadas considerando-se a movimentação noturna emergente nos bairros. É interessante verificar essa movimentação, uma vez que indica os rumos do crescimento das áreas de lazer noturno da cidade. Por exemplo, na Cidade Baixa, a Rua João Alfredo foi escolhida porque ali a movimentação noturna vem aumentando de forma considerável nos últimos dois anos. Já a Rua da República representa o eixo de maior movimentação noturna que faz a ligação da Rua João Alfredo aos demais eixos de lazer noturno da Cidade Baixa, como a Rua Lima e Silva, que saiu do foco do nosso estudo por apresentar uma dinâmica de lazer noturno consolidada anteriormente.

No Moinhos de Vento, o critério foi o mesmo. A Rua Padre Chagas vem abrigando os estabelecimentos de lazer noturno nos últimos anos, impulsionando o crescimento da vida noturna no local. Ela começa na Fernando Gomes, rua que apresenta uma dinâmica noturna desde o início da década de 90 e foi incluída neste trabalho em razão da ligação com a Padre Chagas e por se configurar como um dos poucos alinhamentos de bares no bairro.

Nessas ruas foram investigados todos os estabelecimentos noturnos, suas calçadas adjacentes e o movimento da rua propriamente dito, enquanto lugar da dinâmica noturna.

As unidades de análise foram de dois tipos:

a) os freqüentadores de duas áreas de lazer noturno, investigados com relação às suas características socioeconômicas, suas práticas e costumes nos bairros e sua movimentação nos locais de estudo.

Como não existiam dados que permitissem estimar o tamanho da população a ser amostrada, tornando possível o cálculo estatístico de uma amostra aleatória, os freqüentadores, aos quais foram aplicados questionários, foram selecionados por meio de uma amostra intencional. Isto é, eles não foram escolhidos ao acaso, mas sim pela observação “in loco”, sendo intencionalmente abordados quando reconhecidos como pertencentes à população objeto de estudo.

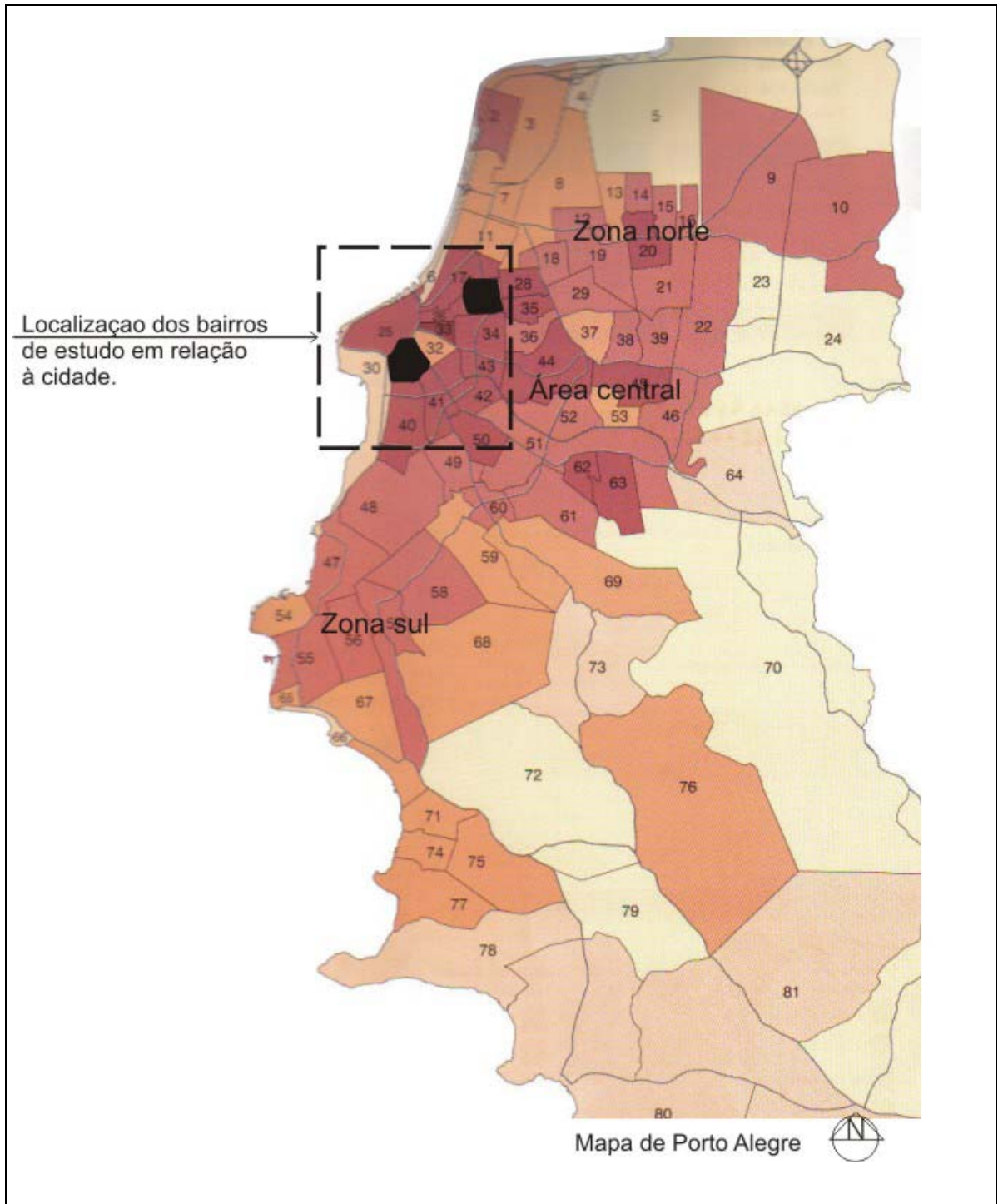
Esta é a razão pela qual, neste tipo de amostra intencional, o tamanho não é determinado de antemão por processo estatístico, sendo estabelecido gradativamente. Ele é constituído pelo conjunto de questionários aplicados até o momento em que seja detectado um certo grau de saturação, ou seja, um padrão repetitivo nas respostas obtidas. Esse padrão relativamente estável de respostas pode, então, ser considerado como indicador de que o número de questionários aplicados atingiu um grau adequado de representatividade. Este tipo de amostragem dá origem ao que se chama de amostra intencional por saturação.

É importante ressaltar que o grau de representatividade alcançado neste tipo de amostragem refere-se exclusivamente à população em estudo, não sendo possível generalizar seus resultados para outras populações semelhantes.

b) o espaço urbano das áreas de estudo, investigado com relação a suas características morfológicas e configuracionais, consideradas tanto do ponto de vista das ruas como eixos de movimentação noturna, como do ponto de vista dos bares como células de interação, que em união criam zonas diferenciadas de uso do espaço.

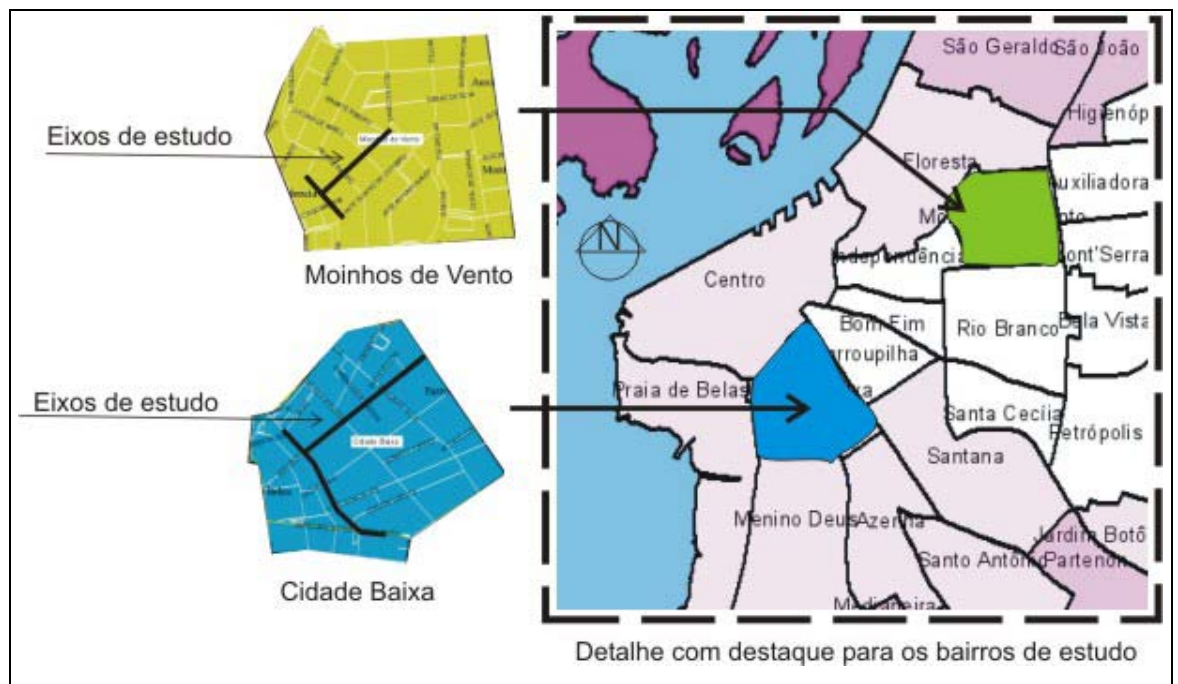
As áreas de estudo, bem como suas relações com a cidade, podem ser visualizadas na figura 04 a seguir, que destaca a localização dos bairros na área central da cidade.

Figura 04: Os bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento e suas relações com a cidade.



A figura 05 chama a atenção para a forma semelhante das bordas dos bairros, bem como para a surpreendente semelhança na configuração espacial dos eixos de estudo e sua orientação em relação ao norte.

Figura 05: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: ampliação dos bairros e dos eixos de estudo



As figuras 06 e 07 a seguir ampliam os eixos de estudo (na cor laranja) destacando a proximidade das áreas com dois importantes parques da cidade - Redenção na Cidade Baixa, e Parcão no Moinhos de Vento - bem como a presença de equipamentos culturais no entorno dos eixos de estudo, como o Instituto Goethe, no Moinhos de Vento, ou localizados nos próprios eixos, como o Teatro de Câmara na Rua da República, na Cidade Baixa.

Figura 06: Cidade Baixa: ampliação das áreas de estudo

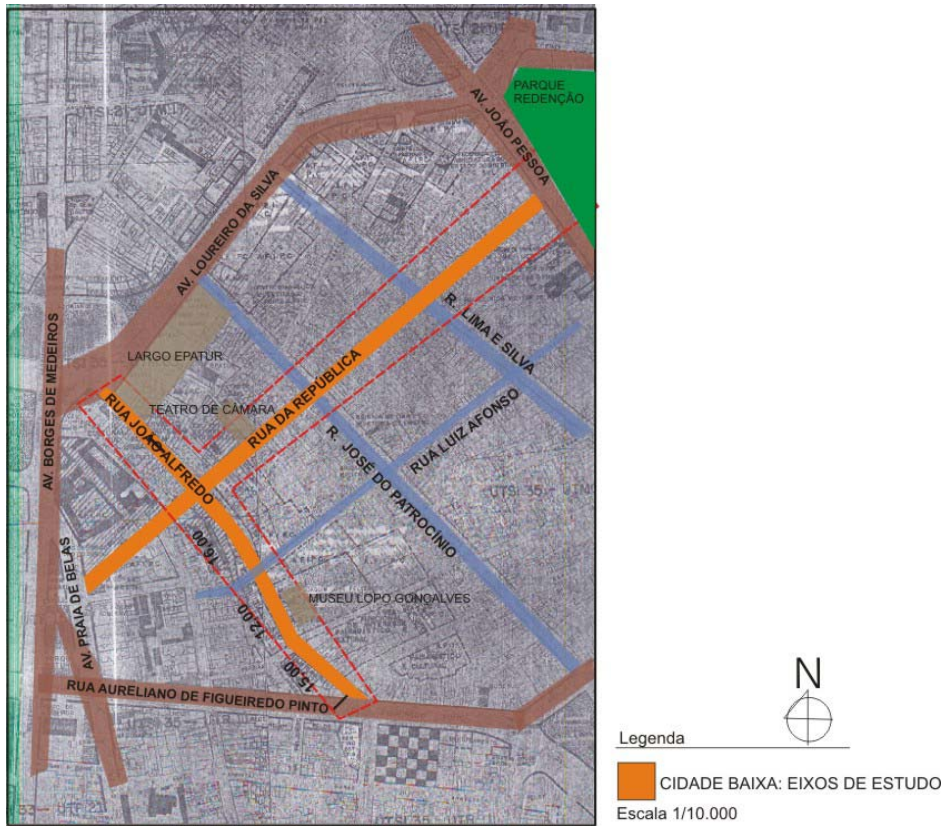
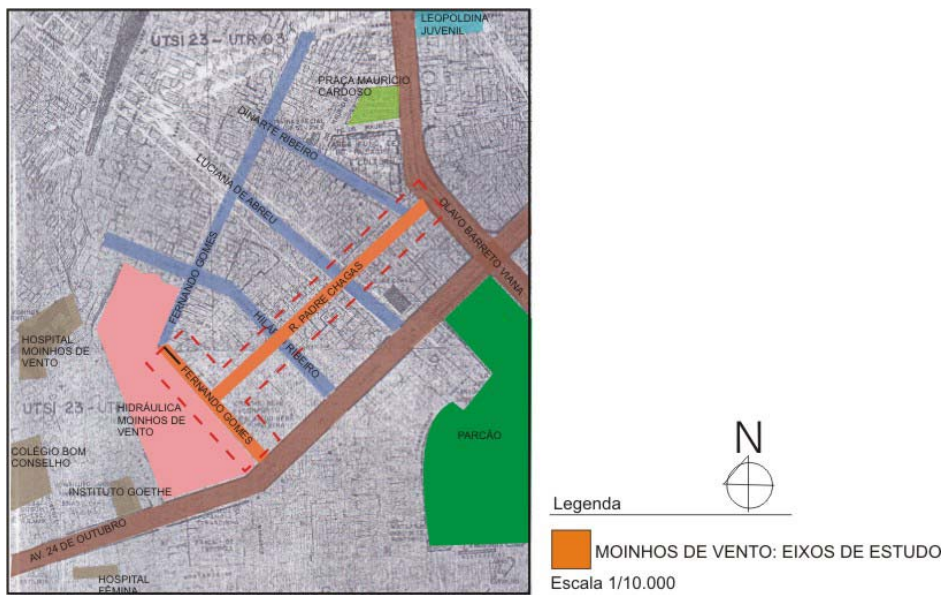


Figura 07: Moinhos de Vento: ampliação das áreas de estudo



2.2.1 Fontes e técnicas de coleta de dados

As fontes de dados primários e seus instrumentos de coleta foram diversos: (a) a observação “in loco”, (b) o levantamento físico e fotográfico, (c) a aplicação de questionários. Além disso, (d) entrevistas informais com os frequentadores, e donos dos estabelecimentos noturnos, (e) vídeos do ambiente noturno, e (f) contagem de pedestres nas calçadas.

Também foram usadas fontes secundárias de dados e coletas através de documentos e imagens históricas dos bairros, levantamento de dados atuais, mapas oficiais, pesquisa em revistas e jornais atuais e antigos, bem como pesquisas em jornais de bairro.

A coleta de dados através dos questionários foi realizada no período de março a abril de 2006. Os questionários¹² foram sempre aplicados no período noturno, tanto durante a semana (terça-feira e quinta-feira), quanto nos finais de semana (sexta-feira e sábado), respeitando-se os mesmos horários, geralmente entre 21:30h e 23:30h. Foram aplicados, igualmente nos dois bairros, a frequentadores encontrados, tanto no interior dos bares, quanto nas mesas das calçadas, bem como a pedestres e pessoas em filas de bares, sendo 42 questionários no bairro Moinhos de Vento, e 63 no bairro Cidade Baixa.

A elaboração do questionário foi precedida de um teste piloto, respondido por 15 pessoas. A diferença na quantidade de questionários por bairro deve-se ao fato de a Cidade Baixa ter uma área e um número de frequentadores da vida noturna maior do que a do Moinhos de Vento.

Além da aplicação dos questionários, foram feitas visitas “in loco” nos dois ambientes noturnos, durante um período de aproximadamente um ano, visando capturar imagens fotográficas e realizar gravações de vídeo. Neste período, foram

¹² Ver questionário no anexo 01.

realizadas ainda entrevistas informais, as quais serviram como subsídio para a elaboração final do questionário. Durante essas visitas buscou-se identificar:

- a) como os bares se organizam no espaço;
- b) os horários de funcionamento dos bares;
- c) a quantidade de pedestres nos nós de importante concentração de pessoas, em um determinado espaço de tempo, durante a noite;
- d) como as pessoas se deslocam no espaço: se em grupos, ou sozinhas, se ficam em apenas um bar, ou trocam de lugar durante a noite;
- e) como as pessoas aproveitam o espaço da rua, além do espaço do bar. E como o espaço das calçadas pode condicionar a movimentação dos pedestres;
- f) os diferentes tipos de populações predominantes em cada bar ou concentração de bares, e
- g) identificação e localização dos freqüentadores “migrantes” e dos bairros visitados por eles.

2.2.2 Unidades e procedimentos de análise

O estudo trabalhou com duas diferentes unidades de análise: os freqüentadores das áreas de lazer noturno e os espaço e/ou lugares por eles freqüentados nos dois bairros.

Os freqüentadores foram classificados em dois tipos: o *habitué* e o *migrante*.

Para tal classificação tomamos como base a questão 13 do questionário, que solicitava que o entrevistado indicasse o bairro que mais freqüenta quando sai à noite: se freqüenta apenas a Cidade Baixa, apenas o Moinhos de Vento, ou os dois bairros.

Nesse sentido, o *habitué* é aquele que, entrevistado em um bairro, disse frequentar apenas aquele bairro (onde foi entrevistado).

O frequentador migrante pode ser de dois tipos: “pendular” ou “eventual”. O *migrante pendular* é aquele que, independente de onde foi entrevistado, declarou frequentar os dois bairros. É o migrante por excelência. Já o *migrante eventual* é aquele que entrevistado em um bairro, disse frequentar apenas o outro. Na verdade o bairro onde estava quando foi entrevistado contradiz sua declaração, e por isso, embora possa ser *habitué* do bairro que declarou frequentar, é ao mesmo tempo um migrante eventual. Por essa razão foi incluído na categoria de migrante.

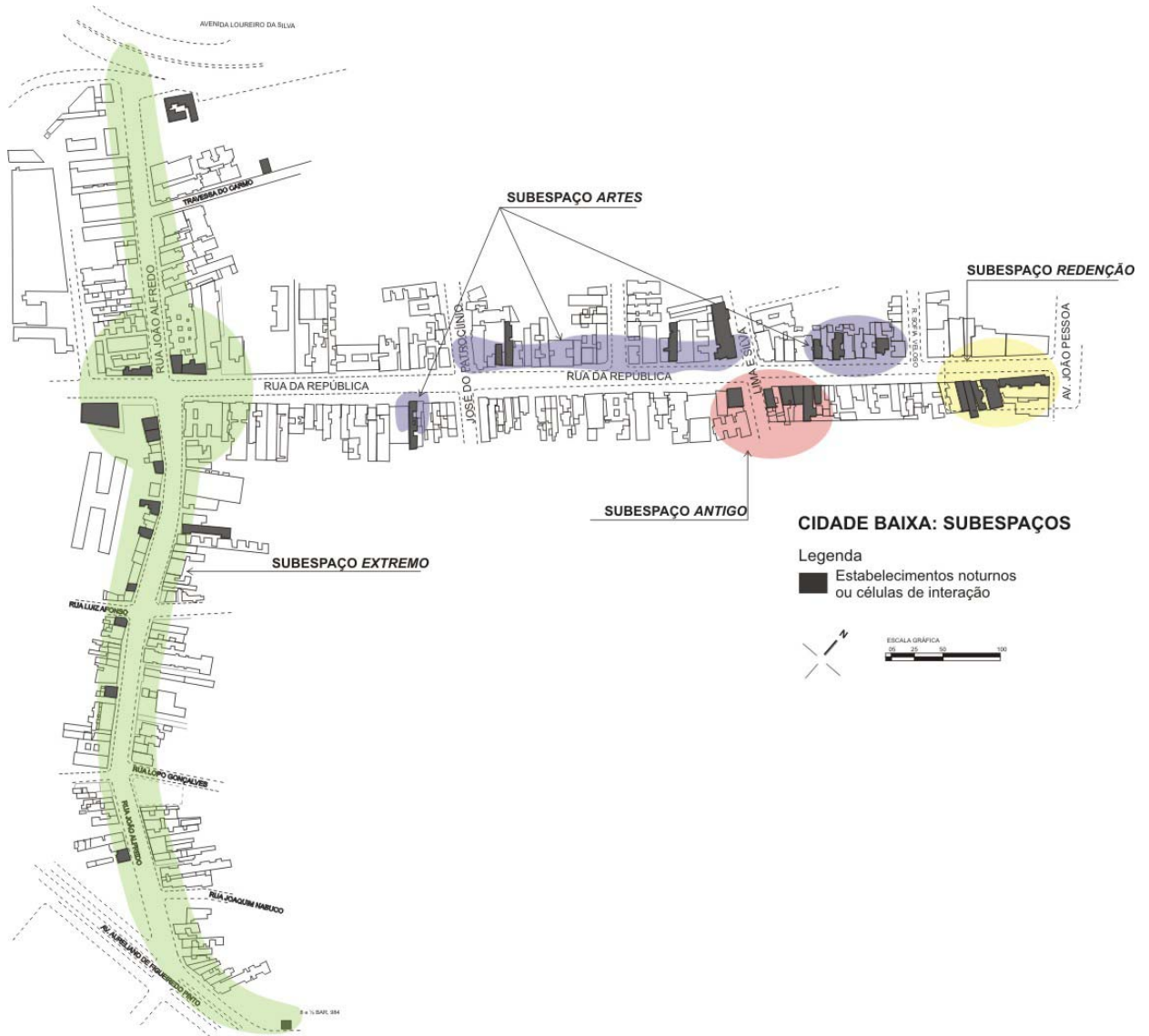
A área de estudo de cada bairro foi dividida de acordo com as características de agrupamentos dos bares ao longo dos eixos de estudo e, conseqüentemente, de acordo com o agrupamento de pessoas naquelas áreas. De acordo com esse critério relacionado à cronologia de surgimento dos bares, a área de estudo de cada bairro foi dividida em quatro partes denominadas de *subespaços*, as quais para facilitar sua identificação receberam diferentes denominações

Na Cidade Baixa os subespaços foram denominados de :

- (a) *Extremo*: área formada pelos bares distribuídos ao longo de toda a Rua João Alfredo e agrupados no cruzamento desta com a Rua da República;
- (b) *Antigo*: área formada pelos bares agrupados no cruzamento da Rua da República com a Rua Gen. Lima e Silva;
- (c) *Artes*: área formada pelos bares distribuídos pontualmente no trecho que compreende a rua da República entre a Rua General Lima e Silva e a Rua Sofia Veloso;
- (d) *Redenção*: área formada pelos bares agrupados na esquina da Avenida João Pessoa em direção à Rua da República.

A figura 08 a seguir demonstra os eixos de estudo, destacando em cinza os estabelecimentos noturnos, e em colorido os subespaços do bairro Cidade Baixa.

Figura 08: Cidade Baixa: apresentação dos **subespaços**

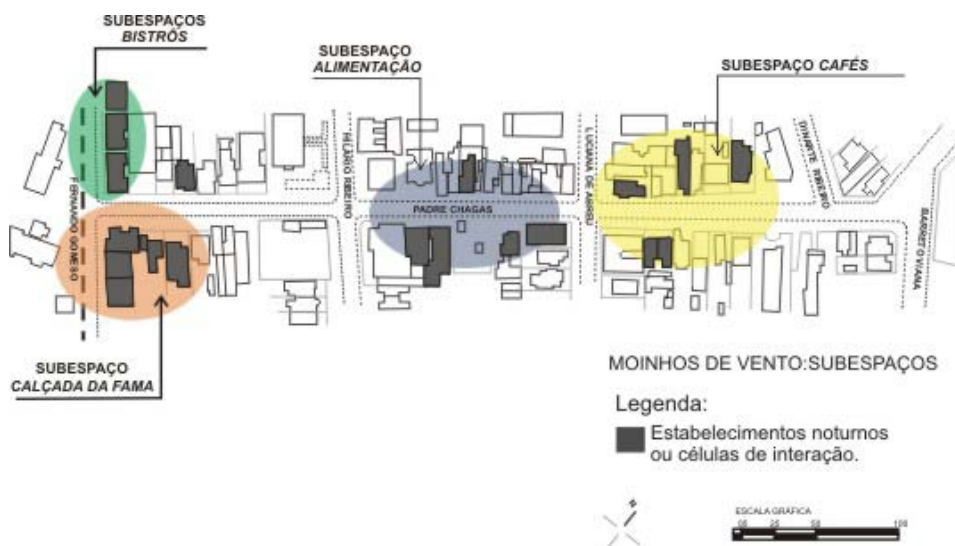


No Moinhos de Vento os subespaços foram denominados de:

- (a) **calçada da fama**: formado pelos bares agrupados na esquina da Rua Fernando Gomes com a Rua Padre Chagas, em direção à Av. 24 de Outubro;
- (b) **bistrôs**: formado pelos bares agrupados na esquina da rua Fernando Gomes com a rua Padre Chagas;
- (c) **alimentação**: formado pelos bares agrupados no trecho da Rua Padre Chagas, entre as ruas Hilário Ribeiro e Luciana de Abreu;
- (d) **cafés**: formado pelos bares agrupados no trecho da rua Padre Chagas, entre as ruas Luciana de Abreu e Dinarte Ribeiro.

A figura 09 a seguir demonstra os eixos de estudo, destacando em cinza os estabelecimentos noturnos, e em colorido os subespaços do bairro Moinhos de Vento.

Figura 09: Moinhos de Vento: apresentação dos **subespaços**



2.2.3 Tratamento e análise dos dados

Os dois tipos de unidades de análise do estudo – pessoas e espaço – deram origem a dois modos de tratamento. Os dados obtidos através dos questionários foram tratados de forma comparativa. As variáveis foram descritas através de frequências absolutas (n) e relativas (%). Para avaliar a associação entre elas, foram utilizados os testes Qui-quadrado de Pearson e Exato de Fisher. O nível de significância adotado foi de 5%, sendo considerados significativos valores de $P \leq 0,05$. As análises estatísticas foram realizadas no programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 10.0.

Os dados empíricos foram analisados em duas principais etapas:

Primeiramente, foi elaborado um perfil socioeconômico geral dos entrevistados na Cidade Baixa e no Moinhos de Vento. Ele permitiu identificar as semelhanças e as diferenças entre os frequentadores de cada bairro, revelando o perfil socioeconômico, as preferências e os hábitos noturnos, as migrações e as dinâmicas noturnas, entre outros aspectos.

Posteriormente, foi feito um *zoom* em cada subespaço, verificando o perfil específico de seus frequentadores *habitués*, bem como daqueles que migraram. Os aspectos espaciais, e as questões morfológicas de cada subespaço, bem como seu desenvolvimento ao longo do tempo, foram detalhados, possibilitando visualizar espacialmente onde estão os frequentadores de cada subespaço, e como esses se relacionam entre si e com o espaço.

O outro tipo de tratamento de dados relacionado às características espaciais nas áreas de estudo foi à elaboração de mapas temáticos. Através da elaboração dos mapas, foi possível evidenciar a migração dos frequentadores de um bairro para o outro, assim como o local em que eles se encontraram. Os deslocamentos e os fluxos nas ruas, e demais características da dinâmica noturna, como ficar parado de

pé nas calçadas, também foram mapeados. Mapas da evolução cronológica dos bares, até a formação dos subespaços nos bairros foram desenvolvidos, assim como mapas indicando o perfil socioeconômico dos freqüentadores de cada subespaço, tanto os *habitués*, quanto aqueles que migraram. Esses mapas representam as camadas, ou *layers*, da ocupação socioespacial, as quais foram sobrepostas e relacionadas.

Também foram gerados mapas representativos do deslocamento dos freqüentadores partindo do bairro onde moram (origem) em direção aos bairros Moinhos de Vento ou Cidade Baixa (destino).

SEGUNDA PARTE
INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

CAPÍTULO III - BREVE HISTÓRICO DA DINÂMICA NOTURNA DE PORTO ALEGRE

3.1. O INÍCIO DA BOEMIA NA CIDADE

O histórico da vida boêmia da cidade será abordado no trabalho na intenção de criar uma “base”, um “campo histórico”, para auxiliar no entendimento da dinâmica noturna no contexto atual da noite de Porto Alegre. Os bares e cafés responsáveis pela formação do cenário boêmio no início do XX, assim como os bares formadores do “território livre” no Bom Fim até o final dos anos 90, também serão trabalhados verificando, entre outras coisas, quem os freqüentava e as distinções existentes entre tais freqüentadores. Neste mesmo capítulo, também procuraremos entender a existência de uma lógica no surgimento dos ambientes de lazer noturno na cidade, que, conforme podemos observar, parecem obedecer a uma lógica específica, gerando ciclos de apropriação espacial noturna.

3.1.1 Centro: o primeiro bairro boêmio de Porto Alegre

O aparecimento de vivências e representações boêmias em Porto Alegre data do final do século XIX. Por volta de 1870 os hábitos noturnos ainda eram quase inexistentes na cidade e as casas noturnas eram muito mal vistas, exigindo alta discrição de seus freqüentadores. Os encontros sociais noturnos ainda tinham um caráter mais privado e familiar, como ocorria nos recitais de piano. (MARONEZE, 1996, p.77).

O lazer noturno desenvolveu-se inicialmente no Centro¹³ da cidade. MARONEZE, em seu trabalho sobre os espaços de sociabilidade de Porto Alegre destaca a importância do centro por seu caráter portuário, e o destaque da Rua da Praia no cenário da época:

“Visitar Porto Alegre, exigia um passeio pela ‘Rua’. Desfrutar seus bares, restaurantes, cafés, confeitarias cinemas etc. era o que se possuía de próximo da vida pública internacional no estado naquela época. O comparecimento diário ou semanal era condição básica para quem desejasse *existir socialmente*, pois o indivíduo que não a freqüentasse podia ser zerado da sociedade”. (MARONEZE, 1996, p.76)

Neste cenário, os estudantes foram atores importantes nas primeiras décadas do século XX. Embora Porto Alegre em 1900 fosse uma pequena cidade de 73.674 habitantes ela se destacava pelo grande número de estudantes que abrigava. Para Ruschel¹⁴ o gosto pelas letras era dominante na mocidade da época o que levava à leitura, ao estudo e à convivência boêmia. Naquela época “a vida noturna limitava-se aos cafés, repletos de estudantes, boêmios e fumantes, que enchiam de fumaça os velhos armazéns da esquina da ladeira” (BITTENCOURT, 1993, p.58). Para as “moças de família”, os cafés não eram permitidos, elas freqüentavam as confeitarias durante a tarde.

Entre os Cafés e bares da época, o Café Colombo, o Café Nacional e o Café Guarany (figura 10) se destacam, seguidos pelo bar Zitter Franz, o Eduardo, o Chalé da Praça da XV e o Antonello, considerado pelos freqüentadores da época um bar variado. “Pluripartidário e plurilíngüe onde gentes de todas as tendências, de todas as raças, de todos os tipos, podiam freqüentar as suas salas”.¹⁵ Além dos

¹³ Segundo a estatística predial de 1892 o bairro já tinha neste ano 3.977 edificações entre térreos, assobradados e sobrados, representando 51,3% do estoque de edificações da cidade (FRANCO, 2000, p.60-69).

¹⁴ Ruschel apud MARONEZE, 1996, p.77

¹⁵ TOSTES, Theodomiro *Nosso bairro: memórias*. Porto Alegre, FPCS, 1989, p.115.apud MARONEZE, 1996).

bares e cafés, nas décadas de 20 e 30, os *cabarets* (de diferentes níveis sociais) formavam o cenário boêmio na capital.

Os cafés abrigavam grupos relativamente identificados de freqüentadores¹⁶. Segundo MARONEZE o mapa dos cafés distinguia pessoas e marcava a identidade dos *habitués*. O Colombo, por exemplo, reunia os principais expoentes das letras rio-grandenses. Para BARCELLOS (1992, p.70) os cafés amarravam entre si as pessoas que os freqüentavam através de um código de amizade, uma opção consciente dos sujeitos, e um exemplo de fidelidade pessoal ao grupo. É o lugar de discussão e difusão, essencial aos “estilos de vida”, e à construção da identidade dos moradores da cidade – particularmente de classe média.

Assim como nos Cafés, os demais bares do Centro da cidade também definiam diferentes territórios. Por volta de 1950 (quando os cafés já estavam desaparecendo) o restaurante ‘Guilloso’ era famoso pela freqüência dos intelectuais, e o bar dos jornalistas era o ‘Gruta da Imprensa’. O restaurante ‘Treviso’, situado no Mercado Público, segundo STRICHER¹⁷ foi o restaurante mais interessante de Porto Alegre: “(...) de dia era onde se comia melhor. De noite, depois das dez, era o ‘Recanto da Boemia’. Os freqüentadores das noites passavam pelo Treviso antes da noitada e voltavam para terminá-la”.(STRICHER in CARNEIRO e PENNA, 1992, p. 130).

Através dessa trajetória entre os cafés e bares que animavam a sociabilidade noturna em Porto Alegre no século XX verificamos que já era possível identificar padrões de ocupação social urbana, bem como a criação de territórios. A vida noturna começa a existir na cidade já com alguns códigos socioespaciais. A partir dos anos 50 começa uma descentralização da boemia no centro da cidade, fruto de um processo iniciado em 1914, quando Moreira Maciel delineou um novo mapa

¹⁶ Para BARCELLOS in *Porto Alegre, memórias e identidade*, 1992, p. 61-86, cafés, bares e botequins são os lugares essenciais para o estabelecimento das relações de sociabilidade no meio popular.

para o centro da cidade, promovendo, mais tarde, segundo BARCELLOS, uma descentralização cultural. Por volta dos anos 70 desenvolve-se na cidade um novo território boêmio.

Figura 10: Café Guarany, no Centro da Cidade, primeiras décadas do séc. XX.



(CARNEIRO & PENNA, 1992, p.79)

3.1.2 Território livre: Bom Fim, 1970

O bairro Bom Fim é caracterizado por ter uma tradição boêmia e intelectual, que pode estar vinculada à sua proximidade com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A partir dos anos 70 do século passado o bairro passou a ser reconhecido pelos porto-alegrenses como um “território livre”.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instalada na Avenida Osvaldo Aranha, era o atrator perfeito para o início da “linha de bares” que se desenvolveu até a Av. Osvaldo Aranha tornar-se Protásio Alves.

“O Bom Fim era o território onde todas as manifestações eram permitidas e onde todo o ‘tipo de gente’ se encontrava”. (CARNEIRO e PENNA, 1992, p. 149).

Segundo os mesmos historiadores, “o Bom Fim em frente ao quarteirão universitário tornava-se um território livre freqüentado por estudantes de esquerda, aspirantes a intelectuais, boêmios, bêbados, loucos, hippies, yuppies, intelectuais de verdade, professores, artistas, viciados, ‘magrinhos’, lésbicas discretas, bichas – mais discretas ainda – vagabundos e uma grande diversidade de jovens” (CARNEIRO e PENNA, 1992, p.148-149). Esse território livre foi crescendo (da Frente da Universidade, ao lado do túnel, em direção à Avenida Protásio Alves) e já atingia o mais antigo e tradicional bar e restaurante do bairro, o “Fedor”¹⁸ localizado na esquina da Felipe Camarão com a Osvaldo Aranha. Aos poucos todo o Bom Fim era ocupado e transformado no bairro boêmio da cidade, onde as coisas aconteciam, mais ou menos livres da repressão que, segundo os historiadores, tinha que permitir um ‘território livre’ para que lá acontecesse tudo aquilo que não deveria acontecer no resto da cidade

Para CARNEIRO e PENNA as fontes de inspiração e referência para o Bom Fim e seus freqüentadores no final dos anos setenta eram o “Quartier Latin” em Paris, o “Greenwich Village” de Nova York, a “North Beach” em São Francisco, a Rua Arbat em Moscou e a “Carnaby Street”, em Londres. Ainda assim era considerado ‘perigoso’ aos olhos da ‘juventude sadia’, freqüentadora de ‘barzinhos da moda’ na Independência e Protásio Alves”

Observamos que se fazia naquela época uma distinção entre os “bares da moda”, situados na Av. Independência, e aqueles do Bom Fim freqüentados pelos variados ‘tipos sociais’ descritos acima. Nesse sentido, podemos comparar a Avenida

¹⁸ O ‘Fedor’ marcou época na cidade. “Todos os dias de manhã, às nove horas, toda a coletividade de judeus chegava lá, e se faziam negócios, troca de idéias, troca de dólares, compra de contrabando e um cafezinho no meio” (KLIEMANN e BERGER, 1993).

Independência com a Rua Padre Chagas (nossa área atual de estudo no bairro Moinhos de Vento), assim como o bairro Bom Fim com o bairro Cidade Baixa. O que parece diferenciar a década de 70 com os tempos atuais é que o lugar da diversidade social, atualmente o bairro Cidade Baixa, é também o lugar da moda.

Nos anos 80, segundo os mesmo autores, novos freqüentadores e bares apareceram no Bom Fim: “os ‘punques’, os ‘magros meleca’, o ‘Ocidente’, os rebentos da classe média, invadindo as ruas do ‘gueto’, se misturando entre o mito e os chapados”(CARNEIRO & PENNA, 1992, p. 149). Assim a decadência do bairro teve início. Alguns bares como o ‘Alasca’ fecharam, outros como a ‘Lancheria’ e o ‘Lola’ foram invadidos por essa ‘segunda geração’ de freqüentadores. Com a pressão dos moradores do bairro, os bares passaram a fechar à meia-noite, e a dinâmica noturna local diminuiu até quase o findar, não fosse por alguns bares, focos que restaram do “território livre”, pontualmente distribuídos na Av. Osvaldo Aranha, que seguem funcionando até os dias de hoje, como o Ocidente e a Lancheria.

Além da pressão dos moradores dos bairros, existem outras questões capazes de interferir na formação e no desaparecimento dos ambientes de lazer noturnos, gerando o que denominamos nesse trabalho de “ciclos noturnos”. O bairro Cidade Baixa, por exemplo, pode ser considerado “herdeiro” dos freqüentadores do Bom Fim os quais teriam passado a freqüentá-lo no final dos anos 90. Tais ciclos noturnos são interessantes no nosso ponto de vista, uma vez que auxiliam no entendimento de uma lógica “macro” relativa ao desenvolvimento da vida noturna na cidade.

As figuras a seguir ilustram dois bares da época em que o Bom Fim era “território livre”. A figura 11 mostra o interior do Bar do Beto, e a 12 mostra o bar Ocidente, um dos focos remanescentes nos anos 70.

Figura 11: O “Bar do Beto”, na época em que o Bom Fim era “território livre”. Ao centro Eduardo Galeano.



Fonte: CARNEIRO & PENNA, 1992, p. 149

Figura 12: “Bar Ocidente” no Bom Fim, em 1990.



Fonte: KLIEMANN & BERGER, 1993

3.2 Os “ciclos” de apropriação noturna na cidade e os movimentos migratórios

Conforme vimos anteriormente acerca da vida boêmia na cidade, até meados do século XX o Centro da cidade era o lugar de lazer noturno para os jovens de classe média¹⁹. Com o crescimento da cidade, surgiram novos núcleos e originaram-se os primeiros movimentos migratórios para outras áreas. A partir dos anos 70, o bairro Bom Fim polarizou a boemia reunindo diversos tipos sociais. Paralelamente, a Avenida Independência era o reduto dos mais ‘comportados’. Nos anos 90, o Bom Fim perdeu espaço para a Cidade Baixa, onde a vida noturna se dinamizou. Assim, pode-se ver como a vida noturna apresenta uma dinâmica urbana de ciclos de apropriação espacial, marcada pela coexistência de núcleos de vida noturna na cidade, cujos ciclos de duração, aparentemente, encurtaram.

O texto publicado na Zero Hora²⁰, pelo jornalista Renato Mendonça, em setembro de 2004, descreve o ciclo que ‘levou’ os freqüentadores do Bom Fim para a Cidade Baixa:

“Porto Alegre tem seus tradicionais bairros e espaços boêmios. Na década de 70 o QG era a ‘esquina maldita’, onde a Osvaldo Aranha encontra o túnel da Conceição. Nos anos 70 quem queria um final de noite interessante ia direto ao Bom Fim, no Bar do João, na Lancheria do Parque, no Cacimba e no Escaler. Alguns desses espaços ainda hoje mantêm a dinâmica noturna como a Lancheria do Parque freqüentada por habitantes do bairro, pseudo-intelectuais, estudantes da UFRGS e os punks que parecem ter no Bom Fim espaço de manifestação noturna. A partir dos anos 90 observou-se uma imensa migração para a Cidade Baixa, bairro já com uma certa tradição boêmia. Tendo a presença do Guion (cinemas e bares) e do Opinião (casa de shows) como macro – atratores, ocorreu uma proliferação de bares alternativos e junto com estes de ‘pessoas alternativas’, que abandonam um pouco a política para assistir a filmes cult, beber e filosofar”. (MENDONÇA, 2004, 11).

¹⁹ Nesse estudo, estamos tratando das dinâmicas noturnas desenvolvidas por grupos sociais representantes das classes média, portanto não podemos afirmar que a dinâmica noturna, bem como o crescimento dos equipamentos noturnos, em outros bairros da cidade que abrigam grupos de outras classe sociais sigam o mesmo padrão de desenvolvimento que estamos verificando nos eixos descritos.

²⁰ Jornal portoalegrense de grande veiculação em todo o Rio Grande do Sul.

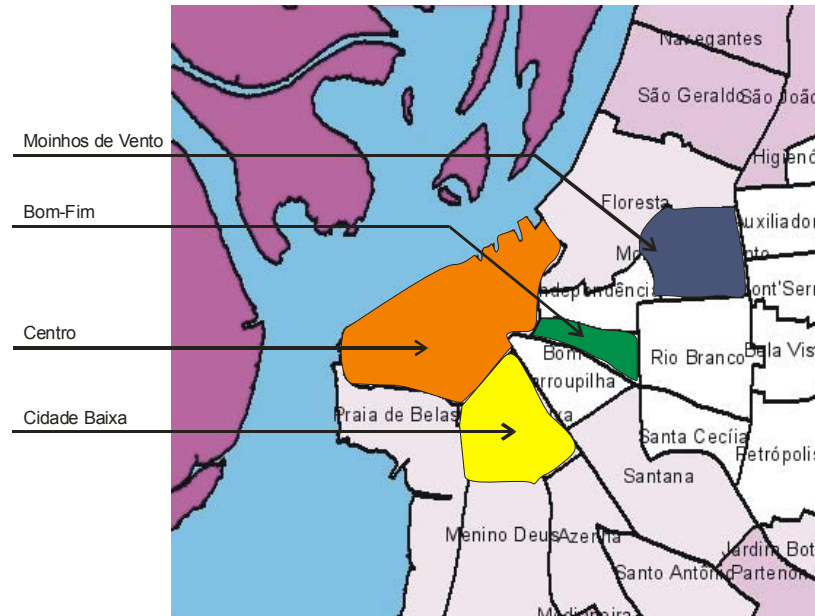
Conforme observado pelo jornalista, esses pólos normalmente estão associados a atratores, ou seja, estabelecimentos noturnos que atraem outros estabelecimentos. Tais atratores muitas vezes estão relacionados ao reaproveitamento de construções antigas – como a ocupação da antiga Olaria, que se tornou o Shopping Olaria nos anos 90, na Cidade Baixa - e de casarios antigos, como, por exemplo, da casa que abrigou a Tortaria²¹ em 1998, no bairro Moinhos de Vento. É comum essas casas antigas (ou parte delas) serem recicladas tornando-se bares, assim como o aproveitamento das partes térreas de prédios residenciais ou comerciais²².

A figura 13 a seguir mostra a localização dos primeiros bairros boêmios: centro e Bom Fim, e também a localização da Cidade Baixa e do Moinhos de Vento. Observamos que os quatro bairros estão geograficamente próximos e que a Cidade Baixa e o Bom Fim fazem divisa com o Centro. Essa proximidade geográfica pode estar relacionada com os movimentos migratórios históricos ocorridos entre os primeiros bairros boêmios. O fato de estar ocorrendo um movimento migratório entre os freqüentadores da Cidade Baixa e do Moinhos de Vento e, uma vez que os bairros estão mais afastados entre si, parece indicar um padrão diferenciado de migração; A questão da proximidade geográfica parece não estar sendo relevante nesse último caso.

²¹ Restaurante e bar situado na esquina da Rua Fernando Gomes com a Rua Padre Chagas, no bairro Moinhos de Vento.

²² Sobre o significado econômico da recuperação de prédios antigos e de suas novas funções ver BARBOSA, 1993.

Figura 13 –Porto Alegre: Os primeiros bairros boêmios – Centro e Bom Fim – e os bairros em estudo, Cidade baixa e Moinhos de Vento.



A lógica de expansão da dinâmica noturna no caso de Porto Alegre, se dá por crescimento ordenado, ao longo de eixos (ruas e avenidas), seguindo o próprio crescimento da cidade, ao longo da cidade. O sistema viário de Porto Alegre é definido por radiais em forma de leque e trechos de perimetrais, de maneira a abranger e abordar toda a área urbana. Por esse motivo o desenvolvimento da vida noturna segue o mesmo padrão uma vez que utiliza a mesma malha urbana. Nos casos da Lapa, no Rio de Janeiro, ou no Pelourinho em Salvador, dois casos de vida noturna, por exemplo, a configuração dos bares é outra, da mesma forma que a configuração espacial desses lugares também é outra, pois se trata de morros e, assim, as ruas seguem tal topografia.

À semelhança de outros lugares, a dinâmica cíclica que caracteriza o movimento noturno e as migrações entre os bairros boêmios de Porto Alegre, inicia-se com alguns acontecimentos: um lugar com algum novo atrativo, por exemplo, que dá início à migração de novos grupos sociais para aquele local. Conforme aumenta o

movimento, começam a aparecer problemas: falta de vagas para estacionar, falta de espaço para os pedestres, violência, dificuldade de acesso, problemas com moradores locais, desobediência a regras urbanísticas, etc. Um desses movimentos migratórios atuais é justamente o tema central do nosso estudo, ou seja, o dos freqüentadores do bairro Moinhos de Vento para a Cidade Baixa.

O Caderno dominical “Donna”, do jornal Zero Hora de Porto Alegre de setembro de 2004, estampava o seguinte título: “*Patricinhas fora de Beverly Hills*”, trazendo no corpo do suplemento a matéria intitulada: “*Nós vamos invadir sua festa - Os freqüentadores reclamam, mas elas nem ligam: descobriram os atrativos dos bairros boêmios e da música eletrônica*” (ROCHA, 1996). A matéria tratava de um fenômeno recente observado na cidade: a migração de novos grupos sociais – o das jovens freqüentadoras da Rua Padre Chagas e outros locais do Bairro Moinhos de Vento – para o local descrito como “*a cena underground da cidade*”. Trata-se daquelas moças que paralelamente são *habitués* da Rua Padre Chagas, e outros locais no bairro Moinhos de Vento.

Segundo a matéria:

Uma das principais qualidades de um bairro boêmio geralmente se transforma em sua causa mortis. É que na terra descolada não se exige passaporte ou atestado ideológico. Vai quem quer. E a Cidade Baixa está sofrendo uma inexorável invasão de quem prefere uma boa comédia romântica a um filme iraniano. Ruim? Talvez alguém, sentado à mesa de um bar esfumaçado da Cidade Baixa, em frente a um cálice de absinto possa responder. No final, não importa se o invasor usa sapatos de salto fino e exhibe seu umbigo com *piercing* de brilhante. Ontem foi o Bom Fim, hoje é a Cidade Baixa. Se a coisa engrossar, a boemia vai encontrar um outro lugar para regressar”. (MENDONÇA, 2004, p.11).

O que o jornalista Renato Mendonça, observa no texto acima, é na verdade o padrão cíclico de movimentação das áreas de lazer noturno na cidade em função da migração de grupos estranhos que, sentindo-se por algum motivo atraídos para

elas, invadem as áreas já consolidadas, deslanchando assim um processo de sucessão semelhante ao identificado por BURGUESS. Com a diferença, de que a resistência por parte dos estabelecidos não existe ou é passiva.

3.3 BREVE HISTÓRICO DOS BAIRROS DE ESTUDO: CIDADE BAIXA E MOINHOS DE VENTO

3.3.1 Cidade Baixa, o espaço e as pessoas na época de sua formação

A Cidade Baixa é um bairro de origem antiga da cidade. Segundo FRANCO, a partir de 1825 a Cidade Baixa começara a ser estabelecido ao longo do caminho da Olaria e do Caminho da Azenha. Em outubro de 1845 a Câmara Municipal determinou as aberturas da Rua Imperador, atual Rua da República, e da Imperatriz, atual Av. Venâncio Aires, e “cuidou de dar prosseguimento à ‘Rua da Margem do Riachinho’, que se transformou n Rua João Alfredo” (FRANCO, 2000, p.56).

Mesmo sendo antigo, o bairro mantém até hoje muitas de suas características originais, tais como o uso das calçadas e a dinâmica noturna que, desde meados dos anos 30 do século XIX, acontecia, expressando-se por manifestações culturais tais como o carnaval de rua, cujas escolas concorrentes instigavam na população uma rivalidade que hoje presenciamos no futebol e na paixão das torcidas por seus times. Também bares e casas de jogos, entre outros tipos de atividades noturnas, já estavam ali sediados, e eram freqüentados principalmente por imigrantes e escravos libertos.

Assim como antigamente, o bairro hoje abriga escolas e equipamentos culturais como o museu histórico Joaquim José Felizardo na Rua João Alfredo. No livro “Porto Alegre – de aldeia a metrópole²³”, a Cidade Baixa dos tempos passados é

²³ CARNEIRO E PENNA, 1992.

apresentada fazendo forte menção às escolas, ao carnaval e às ruas. Interessante é o fato de o livro citar a questão da importância do espaço público das ruas do bairro já no século XVIII.

“A Cidade Baixa abrigou a famosa escola de Apeles de Porto Alegre e o Colégio Rio-Grandense, construído no local onde hoje passa a rua Sarmiento Leite. Próximo ficava o Convento do Carmo, atualmente apertado por uma perimetral. E quem diria que há um século e meio atrás ali passava o Beco do Firmo?” (CARNEIRO & PENNA, 1992, p.148).

Diferentemente do bairro Moinhos de Vento, a Cidade Baixa não tem origem aristocrática. Seus habitantes não eram de famílias renomadas, e sim pessoas de poucas posses, imigrantes e escravos libertos ou fugidos. Eles residiam na área correspondente ao Areal da Baronesa²⁴ e à Ilhota, locais insalubres, devido às inundações que ocorriam sistematicamente. “Essas áreas fazem parte da história de Porto Alegre enquanto espaços associados à cultura popular expressa através de batuques, das danças, ritmos e festas organizadas pelos segmentos negros da população. Destes dois territórios, saíram inúmeros músicos e compositores, solistas e jogadores de futebol que ficaram nacionalmente conhecidos, como o músico Lupicínio Rodrigues e o jogador de futebol Tesourinha”²⁵.

A posição geográfica – também bem diferente do Moinhos de Vento, que fica em uma parte alta da cidade – condicionava a presença de armarinhos, comércio e prostitutas por estar muito próximo do centro e do porto da cidade. Becos e ruelas eram comuns no bairro, principalmente na rua da Margem (atual João Alfredo): Beco do Vintém, Beco dos Coqueiros, Beco do Cural das Éguas e o Beco Ajuda-me a Viver. Para o lado norte, estava localizado o Beco do Oitavo. O nome refere-

²⁴ O antigo Arraial da Baronesa, fazia alusão a uma grande extensão territorial abrangida por uma chácara de propriedade da Baronesa do Gravataí, cuja mansão localizava-se onde hoje é a Fundação pão dos Pobres. Em 1979, depois de um incêndio em sua propriedade, a Baronesa loteou e vendeu suas terras, que passaram a ser habitadas por negros libertos e famílias italianas.

²⁵ Dados retirados do histórico dos bairros de Porto Alegre contido no Observatório da cidade de Porto Alegre. Site dentro da página oficial da prefeitura da cidade: www.portoalegre.rs.gov.br/observatorio

se ao quartel do oitavo batalhão de infantaria, sediado ali em 1823, um ano após a Independência do Brasil. O nome durou até a primeira administração de Loureiro da Silva, quando o beco foi destruído para abrir a atual Rua André da Rocha.

“Enquanto existiu o Beco do Oitavo foi o mais imundo de todos os que existiram em Porto Alegre. Fedia de longe, todavia, se por um lado pecava pela higiene, por outro brilhava pelo pecado. Zona de chinaredo do mais vagabundo. Em cada pardieiro ali existente as desbragadas mantinham um bordel. A soldadesca e a marujada encontravam no beco do Oitavo o seu paraíso, regado por torrentes de cachaça, brigas permanentes e fartas navalhadas”. (CARNEIRO & PENNA, 1992)

A partir de 1875 houve um crescimento populacional na cidade reflexo da imigração estrangeira. Nessa época o bairro Cidade Baixa contava com 1177 edificações, equivalente a 15,01% do total das edificações da cidade (FRANCO, 2000, p.61). Segundo BITTENCOURT (1993, p.103), entre essas edificações, estão grupos de casas operárias em tudo semelhantes às casas coloniais de porta e janela, como o da Travessa dos Venezianos (existente até hoje), e as encontradas em muitos becos que aos poucos foram desaparecendo.

Segundo RIGATTI, a Cidade Baixa vem tendo suas características espaciais profundamente alteradas nos últimos anos²⁶, devido à “suas qualidades locacionais em relação ao centro da cidade”, modificando sua identidade peculiar. Segundo o autor “de um reduto negro (...) com seus bares, centros de religião afro e o próprio tipo de vivência no espaço urbano de uso público, tem dado lugar a espaços homogêneos, muito semelhantes a outros bairros residenciais da cidade, sem nenhuma característica peculiar” (RIGATTI, 1993, p.94-97). Esses aspectos descritos por RIGATTI podem estar contribuindo para que o bairro passe a receber novos e diferentes “tipos sociais” como aqueles provenientes do bairro Moinhos de Vento.

²⁶ O estudo do autor data de 1996.

Mesmo que o autor aponte para a produção de espaços homogêneos, atualmente, o bairro Cidade Baixa é habitado por uma população heterogênea, segundo dados oficiais obtidos na Prefeitura de Porto Alegre²⁷. Como pontos que referendam seu passado estão, entre outros, o Solar Lopo Gonçalves (sede do Museu de Porto Alegre), a Fundação Pão dos Pobres, ambos nos nossos eixos de estudo, e inúmeros estabelecimentos de entretenimento, principalmente noturnos, que lembram os tempos boêmios do Areal e da Ilhota.

As figuras 13, 14, 15, 16 a seguir ilustram o bairro Cidade Baixa (figuras 15 e 16), a Rua da Margem (13), atual rua João Alfredo – nosso eixo de estudo no bairro- e as pessoas no carnaval, festa popular que ocorria no bairro (figura 17)

Figura 14: Ponte sobre o riacho que costeava a Rua da Margem (atual João Alfredo), em meados de 1910.



Fonte: PESAVENTO, 1992.

Figura 15: Bairro Cidade Baixa na década de 40



Fonte: Fototeca do Museu Joaquim José Felizardo, Porto Alegre)

²⁷ Prefeitura de Porto Alegre. *OBSERVATÓRIO da cidade de Porto Alegre*, site dentro da página oficial da prefeitura (www.portoalegre.rs.gov.br/observatório)

Figura 16: Rua José do Patrocínio, antiga Rua da Concórdia na “chamada Cidade Baixa”, em meados de 1910



Fonte: PESAVENTO, 1992.

Figura 17: Cidade Baixa: Carnavalescos no século XX



Fonte: CARNEIRO & PENNA, 1992.

3.3.2 Moinhos de Vento, o espaço e as pessoas na época de sua formação

O Moinhos de Vento, como a Cidade Baixa, também é um dos bairros de origem mais antiga da cidade. Sua formação data da segunda metade do século XVIII. A origem do nome está nos dois moinhos de vento para fazer farinha de trigo erguidos por alguns dos fundadores da cidade, no alto da colina que depois seria atravessada pela Av. Independência (CARNEIRO e PENNA, 1992, p. 23).

No início do desenvolvimento da cidade, o bairro era ocupado por chácaras, sendo a mais destacada a da família Mostardeiro. Todos possuíam moinhos de vento para levar a água dos poços aos depósitos e para a irrigação de suas plantações. Em meados do século XIX, as chácaras foram repartidas em ruas. A chácara Mostardeiro ficou dividida pelas ruas Mostardeiro e Dona Laura (esta assim denominada em homenagem a Laura Mostardeiro), entre outras. Na verdade, morar nos Moinhos de Vento era morar fora da cidade. As chácaras e as propriedades imensas das famílias Bordini e Porto eram famosas na cidade.

Diferentemente da Cidade Baixa, o atual bairro Moinhos de Vento tem suas origens na aristocracia da época de sua formação. Segundo SPALDING (1967), aos poucos o “arrabalde dos Moinhos de Vento” foi se transformando em um bairro nobre, habitado por tradicionais famílias porto-alegenses, como os Mostardeiro²⁸, Gertum, Cristófel, Petersen, Bins, Gerdau, Renner, Wallig e outros, pertencentes à indústria e ao alto comércio da capital.

No século XIX, foram erguidas as Igrejas N.S. da Auxiliadora, N.S. do Mont’Serrat e São Manoel. Da mesma época data a Rua Florêncio Ygartua, localizada exatamente no centro do bairro.

“Foi estabelecido, em princípios do século passado o Prado Porto-Alegrense – Jockey Clube do Rio Grande do Sul, à Rua 24 de Outubro, antiga Moinhos de Vento, primitiva parte da “Estrada da Aldeia dos Anjos”. Possui o bairro, que é residencial, além de colégios, os Hospitais Moinhos de Vento, na Rua Ramiro Barcellos, e Fêmeina, na Rua Mostardeiro, e outros. E mais, a Caixa D’Água da Hidráulica Municipal”. (PEREIRA, apud SPALDING, 1967, p. 17)

Pode-se constatar, por meio de textos da época, que, desde a sua formação, o bairro Moinhos de Vento apresenta características de elite, abrigando moradores e atividades nobres:

“O Prado²⁹, mantido pela Associação Protetora do Turf - realizou sua primeira corrida a 3 de novembro de 1907. A Protetora teve como seu primeiro presidente, Oscar Canteiro, seguindo-se na presidência os mais representativos nomes da vida social da cidade. (...) Muitos anos desde o seu começo, a Protetora do Turf teve suas corridas no hipódromo dos Moinhos de Vento”. (PEREIRA, 1991, p. 24).

²⁸ A família Mostardeiro representa, para a cidade, uma época. Foram banqueiros, fazendeiros, comerciantes, industriais etc.

²⁹ O Prado do Moinhos de Vento é o espaço que hoje abriga o Parcão. O Parque atualmente mantém uma réplica de moinho de vento. Os moinhos originais foram demolidos em 1836, por determinação dos defensores da cidade, que não os queriam servindo aos farroupilhas como local ideal para disparar contra as fortificações.

Para BITTENCOURT, foi principalmente a partir dos anos 10 do século XIX que os bairros ricos passaram a se diferenciar por seus lotes grandes, alguns “boulevards” e prédios recuados. Segundo a autora, “O recuo tinha incidência maior na medida que o prédio afastava-se da península. As avenidas Independência, Mostardeiro e Rua dos Moinhos destacavam-se por suas residências grandes, abastadas, ricamente ornamentadas, e com muito mobiliário importado. A sofisticação na maneira de viver exigia um requinte maior na elaboração dos programas e na própria arquitetura. Os bairro operários e periféricos eram miniaturas dos bairros ricos” (BITTENCOURT, 1993, p104).

Segundo FRANCO, em janeiro de 1845 a Câmara Municipal da Cidade mandou proceder judicialmente ao alinhamento a estrada dos Moinhos de Vento (Rua 24 de outubro). A estrada dos Moinhos de Vento, segundo a estatística predial de Porto Alegre, feita em 1892, tinha apenas 11 prédios, entre térreos, assobradados e sobrados.³⁰ (FRANCO, 2000, p.56-69).

Posteriormente, durante o século XX, o bairro cresceu e se urbanizou. A partir da década de 50, sua arquitetura foi transformada pela construção de edifícios ao invés dos antigos casarões. ”Abria-se um mercado para a construção de pequenos edifícios habitacionais nos bairros, na intenção de suprir o sempre carente mercado habitacional na capital” (ALMEIDA, 2005, p. 144).

O bairro atualmente é bastante arborizado, residencial, com sofisticadas lojas e prédios comerciais, com muitas opções de lazer, como o Clube Leopoldina Juvenil e o Grêmio Náutico União, o Shopping Moinhos de Vento, e ainda diversos bares e restaurantes, no que hoje é conhecida como “calçada da fama” (Rua Fernando Gomes).

³⁰ O autor classifica a Estrada dos Moinhos de Vento (atual 24 de outubro), como parte de uma extensa e rala periferia, representando 2,5% das construções registradas pela Intendência Municipal. Já as ruas que atualmente formam o bairro Independência já eram mais populosas, com 468 prédios, 6% do total da cidade, lembrando que a Rua Ramiro Barcelos tinha 116, e era a via pública que se estendia a outros arrabaldes (FRANCO, 2000, p.62,63).

Conforme podemos verificar através do estudo do histórico dos dois bairros, a Cidade Baixa, diferentemente do Moinhos de Vento, já apresentava uma dinâmica noturna no espaço público vivenciada pela população de imigrantes e ex-escravos, os quais freqüentavam bares e casas de jogos. No bairro Moinhos de Vento o lazer estava ligado a atividades possivelmente vinculadas à família como passeios ao Jockey Clube. Outro fator a ser salientado é que, enquanto na Cidade Baixa entre as edificações estão as vilas e casas operárias dispostas em pequenos lotes, no Moinhos de Ventos destacam-se os grandes lotes e a presença de “boulevards”. A figura 18 auxilia a visualizar a diferença entre as edificações dos bairros.

Figura 18: Rua da Independência, em meados de 1910



Fonte: PESAVENTO, 1992.

3.3.3 Características atuais dos bairros

Segundo dados da prefeitura de Porto Alegre para o ano de 2000, embora a área aproximada dos dois bairros seja a mesma, 93 hectares, as demais características são bastante diferentes, principalmente em função do tamanho de suas populações. Como mostra a tabela 01 a Cidade Baixa tinha uma população de 18.523 habitantes, ou seja, 2,3 vezes maior que a do Moinhos de Vento, 8.067 habitantes. A população da Cidade Baixa representava 1,36% da população da cidade, enquanto a do Moinhos de Vento representava 0,59%.

Da mesma forma, o número de domicílios da Cidade Baixa era quase três vezes o do Moinhos de Vento, 8.762 para 3.187 domicílios respectivamente, o que leva conseqüentemente a diferenças na densidade demográfica, 19,92 habitantes por km² na Cidade Baixa para 8,67 habitantes por km² no Moinhos de Vento.

Os dois bairros diferenciam-se bastante também em termos de renda. Conforme os dados da tabela 02, a renda média por domicílio era de 11,1 salários mínimos na Cidade Baixa, enquanto a do Moinhos de Vento era de 29,7, ou seja, 2,6 vezes maior que a anterior.

Já a distribuição de gênero era bastante semelhante entre os dois bairros, sendo a maioria da população do sexo feminino: 58,41% na Cidade Baixa, e 57% no Moinhos de Vento. A percentagem de homens era, respectivamente, de 41,59% na Cidade Baixa e de 43% no Moinhos de Vento.

Em relação à escolaridade dos responsáveis dos domicílios, conforme mostra a tabela 02, os dois bairros também estavam bastante próximos. O nível de escolaridade era praticamente igual nos dois bairros: cerca de 12 anos de estudo para a Cidade Baixa e de 13 anos para o Moinhos de Vento.

Tabela 01 Bairros Cidade Baixa e Moinho de Vento: área e características demográficas (2000)

Características demográficas e área	Bairros	
	Cidade Baixa	Moinhos de Vento
Área do bairro (em he)	93	93
Número de habitantes	18.523	8.067
Número de domicílios	8.762	3.187
Densidade demográfica (habitantes / km ²)	19,92	8,67
% da população do bairro em relação à população de Porto Alegre	1,36	0,59
% de homens residentes no bairro	41,59	43,00
% de mulheres residentes no bairro	58,41	57,00

Fonte: Observatório de Porto Alegre /2000

Tabela 02 – Cidade Baixa e Moinho de Vento: escolaridade e renda (2000)

Escolaridade e renda	Cidade Baixa	Moinhos de Vento
Renda média por domicílio (em salários mínimos)	11,1	29,7
Escolaridade média dos responsáveis por domicílios (em anos de estudo)	12,04	13,17

Fonte: Observatório de Porto Alegre/2000

Este capítulo procurou contextualizar os bairros de estudo, tanto no histórico da cidade, da formação dos bairros e de suas características – do início do século XX até os dias de hoje –, quanto no histórico da dinâmica de lazer noturno da cidade e dos primeiros bairros onde a boemia se manifestou. Por meio desse histórico, conseguimos verificar um padrão que mostra a existência de ciclos de apropriação de áreas da cidade durante a noite via lazer noturno, e destacar as diferenças entre os bairros.

Dada a sua origem aristocrática, as festas noturnas no bairro Moinhos de Vento costumavam ocorrer, no início do século, nas residências dos moradores, ou nos clubes do bairro. A apropriação das ruas do bairro por bares, cafés e bistrôs é recente, datando da década de 90. De modo distinto, a Cidade Baixa foi refúgio de negros libertos e imigrantes na época de sua formação. Nesse tempo, a apropriação das ruas durante a noite já acontecia por meio de bares, casa de jogos e prostíbulos, entre outros estabelecimentos. Essa apropriação, atualmente com caráter diferenciado, intensificou-se a partir da implantação do Cine Guion na década de 90, e sua dinâmica de lazer noturno cresce até os dias de hoje.

Compreendido o processo de formação dos bairros e suas dinâmicas noturnas, nos capítulos que seguiremos abordaremos o movimento noturno atual dos bairros, destacando seus frequentadores, destacando as semelhanças e as diferenças entre eles.

CAPÍTULO IV - CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS E HÁBITOS NOTURNOS NAS ÁREAS DE LAZER

Com o objetivo de elaborar um perfil socioeconômico dos freqüentadores das áreas de lazer noturno nos dois bairros e compará-las para verificar as semelhanças e as diferenças entre eles, foram analisados dois conjuntos de variáveis. O primeiro relacionado com gênero, faixa etária e estado civil, e o segundo referente a escolaridade, ocupação e renda.

4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS FREQUENTADORES

A amostra dos freqüentadores das áreas de estudo indicou uma diferença significativa entre os bairros quanto a gênero. Conforme mostra a tabela 04, a maior parte dos entrevistados na Cidade Baixa era de homens (55,6%), enquanto no Moinhos de Vento era de mulheres (61,9%).

A predominância de homens na Cidade Baixa e de mulheres no Moinhos de Vento não mostrou ter associação estatisticamente significativa com um ou outro bairro. Isso pode significar que a associação existe, mas não foi detectada devido ao tamanho e ao tipo (intencional) da nossa amostra. Portanto, as diferenças relativas a gênero entre os dois bairros só podem ser vistas como características de nossa amostra específica de freqüentadores, não podendo ser generalizadas.

Quanto à faixa etária, predominou nos dois bairros o perfil de idade entre 26 e 30 anos, embora a proporção dessa faixa fosse diferenciada: ela representava 39,7% na Cidade Baixa e 33,3% no Moinhos de Vento. Contudo, na faixa de 31 a 35 anos houve grande diferença entre os bairros: 31% no Moinhos de Vento para 19% na Cidade Baixa, conforme podemos verificar na tabela 04. Mesmo assim, não podemos afirmar que os freqüentadores do Moinhos de Vento são na maioria mais

velhos, uma vez que na Cidade Baixa 17,5% têm idade entre 36 e 45 anos, para 11,9% no Moinhos de Vento (tabela 03).

Quanto ao estado civil, conforme podemos ver na tabela 04, tanto na Cidade Baixa, quanto no Moinhos de Vento a percentagem de pessoas casadas é baixa, 7,9% e 11,9% respectivamente. A parcela daquelas que estão namorando também é semelhante entre os bairros, porém é mais alta no Moinhos de Vento (42,9%) do que na Cidade Baixa (31,7%). A principal diferença entre os bairros é que na Cidade Baixa há mais entrevistados solteiros (60,3%) do que no Moinhos de Vento (45,2%). Isso pode estar relacionado com o fato de, no Moinhos de Vento, haver mais incidência de pessoas na faixa de idade de 21 a 35 anos (88,1%) do que na Cidade Baixa (77,7%) – ver tabela 03.

No segundo conjunto de variáveis estudado (escolaridade, ocupação e renda), apenas a diferença entre a escolaridade dos freqüentadores com relação aos bairros foi estatisticamente significativa ($P = 0,027$). Isso quer dizer que, no que se refere à escolaridade os freqüentadores noturnos do bairro têm perfil diferente dos residentes, uma vez que, conforme mostra a tabela 02 esses têm escolaridades semelhantes.

Os entrevistados no Moinhos de Vento destacavam-se na pós-graduação (52,4%), seguidos por aqueles que possuíam educação em nível superior (26,2%). Na Cidade Baixa, a situação era diferente: a maior parte dos entrevistados (38,1%) tinha curso superior completo, e apenas 23,8%, educação superior em nível de pós-graduação, conforme podemos verificar na tabela 05 e no gráfico 01 relativo à escolaridade.

Com relação à ocupação e à renda, não houve associação estatística significativa entre os bairros. Conforme a tabela 05, no entanto, 49,2% dos entrevistados na Cidade Baixa estavam nas faixas de renda de até R\$ 3 mil, e outros 49,2% nas faixas entre R\$ 3 mil e R\$ 15 mil, totalizando praticamente 100%. No Moinhos de

Vento, essa distribuição era diferente, já que apenas 31,7% estavam na faixa de até R\$ 3 mil, enquanto havia 63,4% nas faixas entre R\$ 3 mil e R\$ 15 mil (gráfico 02).

Na Cidade Baixa, a maior parte dos entrevistados era de estudante universitário (7,94%), seguidos pelos profissionais liberais como publicitários (6,35%) e advogados (6,35%). Jornalistas, empresários, fisioterapeutas, arquitetos, auxiliares administrativos e professores são as profissões mais recorrentes em segundo lugar, totalizando 28,56% dos entrevistados. Vale ainda destacar as profissões pouco comuns encontradas apenas na Cidade Baixa, tais como *chef* de cozinha, arte-educador, assistente social, músico, fotógrafo e diretor de fotografia.

Já no bairro Moinhos de Vento, em primeiro lugar de estavam, em percentagens iguais, estudantes universitários (11,9%) e advogados (11,9%) e, em segundo, jornalistas (7,14%) e médicos (7,14%), totalizando 38,08% dos freqüentadores noturnos entrevistados no bairro. A tabela 03 a seguir mostra as profissões por bairros.

Nas conclusões do nosso estudo iremos abordar de forma comparativa os aspectos socioeconômicos entre os bairros e de que forma eles se manifestam na relação entre as pessoas, ou grupos sociais, e o uso do espaço.

Tabela 03: Profissões dos frequentadores, por bairro

Profissões	Cidade Baixa	Moinhos de Vento	Total GERAL
Administrador	2	2	4
Advogado	4	5	9
Arquiteto	3	4	7
Arte-educador	1	0	1
Assistente social	1	0	1
Atendente	1	0	1
Auxiliar administrativo	3	0	3
Bancário	2	0	2
Biólogo	1	0	1
<i>Chef</i> de cozinha	1	0	1
Comerciário	0	1	1
Consultor	2	1	3
Contador	2	0	2
Designer	0	1	1
Diretor de fotografia	1	0	1
Economista	1	1	2
Empresário	3	1	4
Engenheiro	2	2	4
Estagiário	2	0	2
Estudante universitário	5	5	10
Exportador	0	1	1
Farmacêutico	1	1	2
Fisioterapeuta	3	0	3
Fonoaudiólogo	1	1	2
Fotógrafo	1	0	1
Funcionário público	1	1	2
Gerente	0	1	1
Historiador	1	0	1
Jornalista	3	3	6
Médico	0	3	3
Músico	1	0	1
Nutricionista	1	0	1
Professor	3	0	3
Psicólogo	0	2	2
Publicitário	4	2	6
Relações-públicas	0	1	1
Servidor da Justiça	1	0	1
Servidor público	2	0	2
Técnico em informática	1	0	1
Vendedor	0	1	1
Veterinário	1	0	1

Fonte: pesquisa empírica

Tabela 04: Frequentadores por bairro segundo gênero, faixa etária e estado civil

Gênero, faixa etária e estado civil	Cidade Baixa	Moinhos de Vento	<i>P</i>
	(n=63) n (%)	(n=42) n (%)	
Sexo			
Masculino	35 (55,6)	16 (38,1)	0,120
Feminino	28 (44,4)	26 (61,9)	
TOTAL	63 (100)	42 (100)	
Faixa Etária			
Até 20 anos	3 (4,8)	0 (0,0)	0,336
21 a 25 anos	12 (19,0)	10 (23,8)	
26 a 30 anos	25 (39,7)	14 (33,3)	
31 a 35 anos	12 (19,0)	13 (31,0)	
36 a 45 anos	11 (17,5)	5 (11,9)	
TOTAL	63 (100)	42 (100)	
Estado civil			
Casado	5 (7,9)	5 (11,9)	0,312
Namorando	20 (31,7)	18 (42,9)	
Solteiro	38 (60,3)	19 (45,2)	
TOTAL	63 (100)	42 (100)	

Fonte: pesquisa empírica

Tabela 05: Frequentadores por bairro segundo escolaridade, ocupação e renda.

Aspectos Socio- econômicos	Cidade Baixa	Moinhos de Vento	<i>P</i>
	(n=63)	(n=42)	
	n (%)	n (%)	
Escolaridade			
Até Ensino Médio	6 (9,5)	2 (4,8)	0,027
Superior incompleto	18 (28,6)	7 (16,7)	
Superior completo	24 (38,1)	11 (26,2)	
Pós-graduação	15 (23,8)	22 (52,4)	
TOTAL	63 (100)	42 (100)	
Ocupação			
Trabalha	34 (54,0)	9 (21,4)	0,478
Trabalha e estuda	22 (34,9)	27 (64,3)	
Estuda	5 (7,9)	5 (11,9)	
Nenhum	2 (3,2)	1 (2,4)	
TOTAL	63 (100)	42 (100)	
Faixa de renda			
Até R\$ 1.500	7 (11,1)	5 (12,2)	0,318
R\$1.500 a R\$3.000	24 (38,1)	8 (19,5)	
R\$3.000 a R\$7.000	20 (31,7)	16 (39,0)	
R\$7.000 a R\$15.000	11 (17,5)	10 (24,4)	
R\$15.000 a R\$30.000	1 (1,6)	2 (4,9)	
TOTAL	63 (100)	42 (100)	

Fonte: pesquisa empírica

Gráfico 01: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: nível de escolaridade

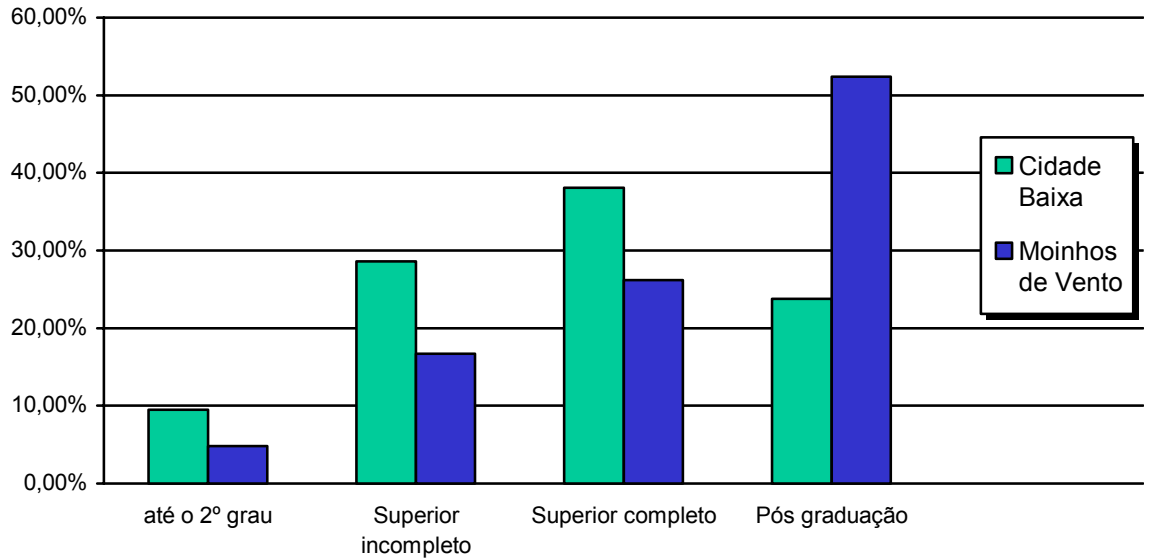
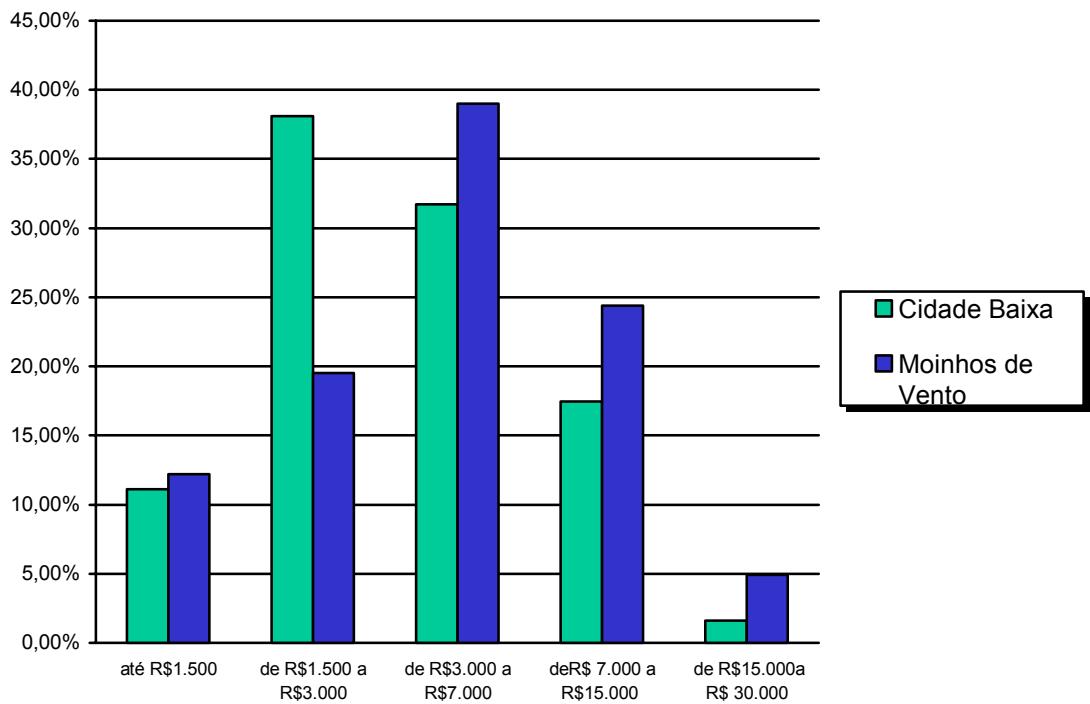


Gráfico 02: Cidade Baixa e Moinhos de vento: renda



4.2 PERFIL SOCIOESPACIAL DOS FREQUENTADORES

4.2.1 Amostra: Moradia, transporte, frequência e companhia para as saídas noturnas

Para elaborar o perfil socioespacial dos frequentadores das duas áreas de estudo, procurou-se, inicialmente, identificar onde eles residiam.

Como mostram os mapas 01 e 02, os frequentadores do Moinhos de Vento vinham, em sua maioria, de bairros mais centrais, próximos do dele. No caso da Cidade Baixa, a área de abrangência dos deslocamentos próximos é muito maior, principalmente em direção à zona sul da cidade. A figura 01 ilustra, ainda, os casos de migração do Moinhos de Vento para a Cidade Baixa.

A maioria dos frequentadores da Cidade Baixa residia em bairros que vão da zona sul à zona norte de Porto Alegre, enquanto os frequentadores do Moinhos de Vento residiam em áreas mais centrais. Esses fatores podem ser visualizados nos mapas 01 e 02 a seguir, que mostram as zonas de abrangência das moradias dos frequentadores de cada bairro, e dão uma idéia das distâncias percorridas até os bairros durante a noite (e não os deslocamentos feitos por vias de trânsito).

Além de mapear os locais de procedência dos frequentadores da Cidade Baixa e do Moinhos de Vento, foram analisados dois conjuntos de variáveis. O primeiro referente a tempo de residência em Porto Alegre, com quem reside e não-residentes em Porto Alegre. O segundo conjunto tratou do transporte em direção ao local de lazer noturno, da frequência das saídas noturnas e das companhias.

No primeiro conjunto, houve associação estatística significativa entre o tempo de residência em Porto Alegre e por bairros ($P= 0,011$). Conforme podemos verificar na tabela 06, indica que este é um padrão que pode ser verificado entre os freqüentadores além da nossa amostra.

Conforme mostra a tabela 06, residiam em Porto Alegre 90,5% dos freqüentadores entrevistados na Cidade Baixa. Destes, cerca de 73,7% residiam na cidade havia mais de 15 anos. No Moinhos de Vento, 83,3%, residiam em Porto Alegre. Destes, apenas 57,1% residiam na cidade havia mais de 15 anos. Contudo, dos residentes em Porto Alegre, 83% em cada bairro estavam havia mais de oito anos na cidade.

O pequeno número de entrevistados que não residiam em Porto Alegre prejudica a análise comparativa. Mesmo assim, é interessante constatar as diferenças entre eles.

Dos freqüentadores da Cidade Baixa que declararam não residir em Porto Alegre (6 no total), a maioria (50%) residia na Região Metropolitana³¹, em municípios como Canoas e Cachoeirinha. Dos não-residentes em Porto Alegre entrevistados no Moinhos de Vento (7 no total), 42,9% eram provenientes do eixo Rio-SP e apenas 14,2% residiam na Região Metropolitana. Esse fato pode indicar que o Moinhos de Vento recebe um número significativo dos que estão de passagem na cidade, ao passo que na Cidade Baixa chamam a atenção os residentes da Grande Porto Alegre (ver tabela 06).

Na Cidade Baixa, assim como no Moinhos de Vento, a grande maioria daqueles que residiam em Porto Alegre morava com a família, 55,6% e 57,1% respectivamente. Expressivo era também o número de freqüentadores que moravam sozinhos: 35,7% no Moinho de Vento e 31,7% na Cidade Baixa. O

³¹ Muitos municípios da Grande Porto Alegre são conhecidos como “cidade dormitório”, pois parte de seus residentes trabalha em Porto Alegre e retorna à noite, uma vez que esses municípios não têm economia para gerar empregos suficientes para a sua população residente.

número de freqüentadores noturnos que moravam com amigos era mais representativo na Cidade Baixa (12,7%) do que no Moinhos de Vento (7,1%). A diferença entre estas últimas percentagens, embora pouco significativa, pode estar vinculada ao custo reduzido que a residência dividida com amigos (mais comum na Cidade Baixa) pode ter e ao alto custo que pode haver em morar sozinho (mais comum no Moinhos de Vento) (Ver tabela 06).

No segundo conjunto de variáveis analisado – conforme mostra a tabela 07 –, embora tenhamos verificado diferenças entre o perfil dos freqüentadores dos bairros, por exemplo, a predominância de freqüentadores da Cidade Baixa que preferem sair sozinhos para encontrar os amigos, ou que preferem pegar carona para sair à noite em comparação com os freqüentadores do bairro Moinhos de Vento, as variáveis não mostraram ter associação estatisticamente significativa por bairro. Isso indica que, embora a associação possa existir, as diferenças encontradas só podem ser vistas como características da nossa amostra de freqüentadores, não podendo ser generalizadas.

Tabela 06: Frequentadores por bairro segundo aspectos de moradia

Aspectos de moradia	Cidade Baixa	Moinhos de Vento	<i>P</i>
	(n=63) n (%)	(n=42) n (%)	
Reside em Porto Alegre			
Sim	57 (90,5)	35 (83,3)	0,432
Não	6 (9,5)	7 (16,7)	
TOTAL	63 (100)	42 (100)	
Tempo que reside em Porto Alegre			
Até 2 anos	2 (3,50)	5 (14,3)	0,011
De 3 a 7 anos	8 (14,0)	1 (2,9)	
De 8 a 15 anos	5 (8,8)	9 (25,7)	
Mais de 15 anos	42 (73,7)	20 (57,1)	
TOTAL	57 (100)	35 (100)	
Reside em outro município			
Eixo Rio-SP	1 (16,7)	3 (42,9)	0,433
Interior do estado	1 (16,7)	2 (28,6)	
Região Metropolitana	3 (50)	1 (14,2)	
Exterior do País	1 (16,7)	1 (14,2)	
TOTAL	6 (100,1)	7 (99,9)	
Com quem reside			
Sozinho	20 (31,7)	15 (35,7)	0,646
Com a família	35 (55,6)	24 (57,1)	
Com amigo (a)	8 (12,7)	3 (7,1)	
TOTAL	63 (100)	42 (100)	

Fonte: pesquisa empírica

Mapa 01: Cidade Baixa: caracterização das áreas de origem



Fonte: Pesquisa empírica, 2006

Imagem: ATLAS AMBIENTAL DE PORTO ALEGRE, 1999

Mapa 02: Moinhos de Vento: caracterização das áreas de origem



Fonte: Pesquisa empírica, 2006

Imagem: ATLAS AMBIENTAL DE PORTO ALEGRE, 1999

Quanto ao segundo conjunto de variáveis, conforme mostra a tabela 07, nos dois bairros a maioria dos freqüentadores noturnos utilizava automóvel próprio para se locomover durante a noite, mas a proporção era bem maior no Moinhos de Vento (76,2%), para 55,5% na Cidade Baixa.

Na Cidade Baixa, 23,8% dos freqüentadores noturnos faziam uso de carona para saírem à noite, enquanto no Moinhos de Vento apenas 11,9% dos entrevistados utilizavam esse recurso. Da mesma forma, 6,3% dos freqüentadores da Cidade Baixa faziam uso do transporte coletivo, utilizando ônibus ou lotação para sair à noite, e 4,8% deslocavam-se a pé para ir aos bares, enquanto no Moinhos nenhum dos entrevistados declarou fazer a mesma coisa. Outro aspecto a salientar é o fato de que no bairro Moinhos de Vento nenhum dos entrevistados declarou deslocar-se a pé para ir aos bares, enquanto na Cidade Baixa 4,8% declararam fazê-lo.

É possível que essas diferenças entre os freqüentadores do Moinhos de Vento e da Cidade Baixa, com relação ao meio de transporte utilizado, estejam associadas às diferenças de renda entre os entrevistados nos dois bairros, embora não haja associação estatisticamente significativa neste caso.

Com relação à freqüência das saídas noturnas (tabela 07): a maioria dos entrevistados costumava sair à noite pelo menos uma vez por semana, sendo 57,1% na Cidade Baixa e 61,9% no Moinhos de Vento. Em segundo lugar, estavam os que declararam sair de 2 a 4 dias por semana: 33,3% na Cidade Baixa e 23,8% no Moinhos de Vento.

Chama a atenção que, entre os que disseram sair raramente, o percentual era muito maior no Moinhos de Vento (11,9%) do que na Cidade Baixa (3,2%), estando, contudo, próximos com referência aos que declararam sair quase todos os dias: 3,2% na Cidade Baixa e 2,4% no Moinhos de Vento.

Para cerca de 58% dos freqüentadores dos dois bairros, a turma de amigos é a companhia preferida para estar durante a noite. Na segunda opção a preferência na Cidade Baixa é sair sozinho para encontrar os amigos, 12,7% para apenas 2,4% no Moinhos de Vento, onde a preferência é sair acompanhado das esposas(os) ou namoradas(os), 21,4%, para 14,3% na Cidade Baixa. Esses números podem ser contemplados na tabela 07.

O fato de as pessoas entrevistadas na Cidade Baixa preferirem sair sozinhas para encontrar os amigos, pode estar apontando para o “ir e vir” mais constante de bar em bar observado na Cidade Baixa, se pensarmos que elas podem estar na busca, ou na certeza de que irão encontrar uma companhia em algum dos bares. Enquanto isso, a maior preferência para sair acompanhado do companheiro(a) verificada no Moinhos de Vento, pode estar refletindo a maior percentagem de pessoas com idade entre 31 a 35 anos encontrada neste bairro: 31% para 19% na Cidade Baixa. De qualquer maneira estas diferenças não geraram uma associação estatisticamente significativa entre a companhia para sair à noite com relação aos bairros (tabela 07).

Tabela 07: Frequentadores por bairro segundo transporte, frequência e companhias para as saídas noturnas

Transporte, frequência, e companhia	Cidade Baixa	Moinhos de	<i>P</i>
	(n=63)	Vento (n=42)	
	n (%)	n (%)	
Transporte			
Automóvel	35 (55,5)	32 (76,2)	0,072
Carona	15 (23,8)	5 (11,9)	
Táxi	3 (4,8)	4 (9,5)	
Transporte coletivo	4 (6,3)	0 (0,0)	
A pé	3 (4,8)	0 (0,0)	
Não respondeu	3 (4,8)	1 (2,4)	
TOTAL	63 (100)	42 (100)	
Frequência			
Quase todos os dias	2 (3,2)	1 (2,4)	0,289
De 2 a 4 dias por semana	21 (33,3)	10 (23,8)	
Pelo menos 1 vez por semana	36 (57,1)	26 (61,9)	
Raramente	2 (3,2)	5 (11,9)	
Não respondeu	2 (3,2)	0 (0,0)	
TOTAL	63 (100)	42 (100)	
Companhia para sair à noite			
Turma de amigos	37 (58,7)	24 (57,1)	0,402
Colegas	6 (9,5)	5 (11,9)	
Esposo(a) ou namorado(a)	9 (14,3)	9 (21,4)	
Sozinho para encontrar os amigos	8 (12,7)	1 (2,4)	
Sozinho para conhecer pessoas novas	3 (4,8)	2 (4,8)	
Não respondeu	0 (0,0)	1 (2,4)	
TOTAL	63 (100)	42 (100)	

Fonte: pesquisa empírica

4.2.2 Dinâmica noturna

Com o objetivo de verificar se as características dos deslocamentos e os tipos de movimentação nas áreas de lazer geravam diferentes dinâmicas noturnas, nos dois bairros foram analisados quatro conjuntos de variáveis.

O primeiro refere-se ao deslocamento noturno em direção aos bares (ver mapas 01 e 02), o segundo, às preferências entre estar na calçada ou dentro do bar, o terceiro, aos motivos para preferir estar na calçada, e o último conjunto diz respeito aos motivos para preferir ficar dentro do bar.

A análise do deslocamento noturno mostrou que houve associação estatisticamente significativa entre a forma de deslocamento e os bairros ($P=0,010$). Esses resultados podem, assim, ser tomados como referência para a forma predominante de deslocamento dos freqüentadores noturnos dos dois bairros.

Conforme a tabela 08, não parece haver grandes diferenças quanto aos tipos de deslocamentos nas áreas de lazer. A maioria dos freqüentadores nos dois bairros – 78,6% no Moinhos de Vento e 66,7% na Cidade Baixa – declarou que vai direto para o bar e depois retorna para a casa. Dos demais, 16,7% no Moinhos de Vento preferiam circular de carro, enquanto apenas 9,5% dos freqüentadores da Cidade Baixa preferiam esta modalidade. Inversamente, enquanto 23,8% do entrevistados na Cidade Baixa disseram preferir se deslocar a pé, variando os bares durante a noite, apenas 2,4% dos freqüentadores no Moinhos de Vento optariam por fazer o mesmo (ver gráfico 03).

Essas percentagens estão de acordo com a dinâmica noturna observada in loco: enquanto os freqüentadores do Moinhos de Vento parecem, na maior parte das vezes, ir de carro diretamente a um bar e dali voltar para casa, na Cidade Baixa predomina o deslocamento a pé de bar em bar.

Gráfico 03: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: hábitos de deslocamento noturno

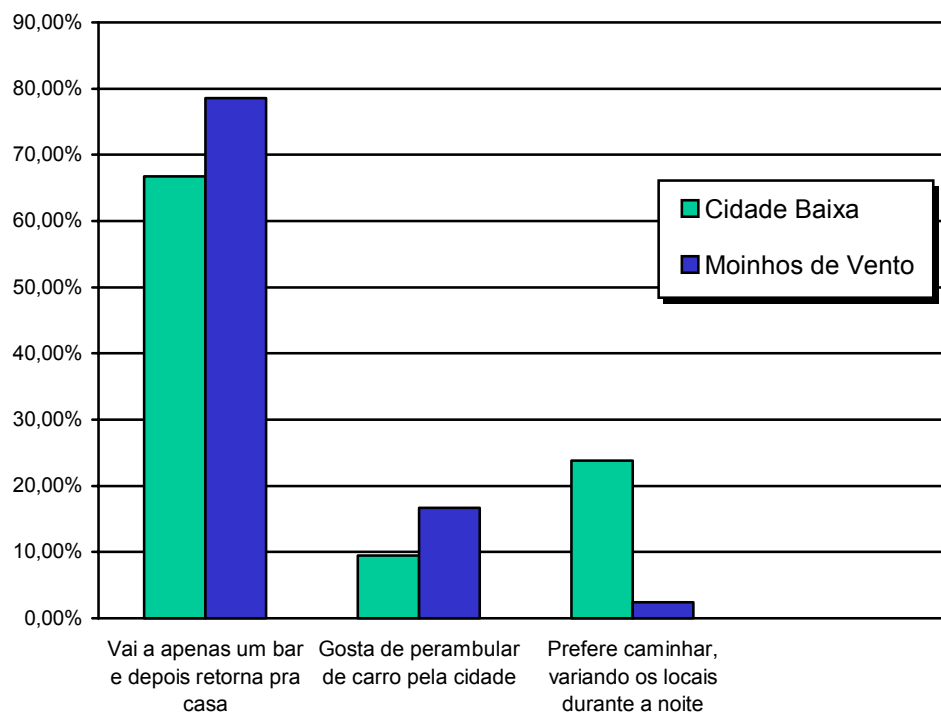


Tabela 08: Frequentadores por bairro segundo os hábitos de deslocamento noturno

Deslocamento	Cidade Baixa	Moinhos de Vento	<i>P</i>
	(n=63) n (%)	(n=42) n (%)	
Vai a um bar e retorna pra casa	42 (66,7)	33 (78,6)	0,010
Gosta de perambular de carro	6 (9,5)	7 (16,7)	
Prefere caminhar variando os bares	15 (23,8)	1 (2,4)	
Não respondeu	0 (0,0)	1 (2,4)	
TOTAL	63 (100)	42 (100,1)	

Fonte: pesquisa empírica

No segundo conjunto de variáveis, a preferência dos frequentadores por estar dentro do bar ou na calçada, com relação aos bairros, mostrou associação estatisticamente significativa ($P=0,030$). Conforme a tabela 09, nos dois bairros a preferência da grande maioria dos frequentadores é estar na calçada: 85,7% no Moinhos de Vento e 63,5% na Cidade Baixa, o que parece indicar que, mesmo que os frequentadores do Moinhos de Vento não tenham o costume de caminhar durante a noite, conforme verificamos anteriormente, apreciam a proximidade com a rua.

Inversamente, como esperado, dentre os frequentadores, a porcentagem dos que disseram preferir ficar dentro do bar é 2,5 vezes maior na Cidade Baixa do que no Moinhos de Vento.

O fato de o espaço externo do Moinhos de Vento ser mais confortável e muitas vezes coberto parece fazer a diferença na hora de escolher estar fora do bar, em comparação com o espaço externo da Cidade Baixa, onde, na maior parte dos casos, as mesas são de ferro e estão apenas dispostas sobre a calçada.

Tabela 09: Frequentadores por bairro segundo a preferência por estar na calçada ou dentro do bar

Preferência por estar dentro do bar ou na calçada	Cidade Baixa	Moinhos de Vento	<i>P</i>
	(n=63)	(n=42)	
	n (%)	n (%)	
Estar na calçada	40 (63,5)	36 (85,7)	0,030
Estar dentro do bar	22 (34,9)	6 (14,3)	
Não respondeu	1 (1,6)	0 (0,0)	
TOTAL	63 (100)	42 (100)	

Fonte: pesquisa empírica

No terceiro conjunto de variáveis, foi analisado o principal motivo para gostar de estar na calçada. A maior parte dos frequentadores considerou o conforto das mesas ao ar livre como o motivo principal. Contudo, a preferência foi maior no Moinhos de Vento (61,9%) do que na Cidade Baixa (39,7%). A tabela 10 mostra associação estatisticamente significativa entre esta variável e os bairros. O segundo motivo principal foi o de a calçada permitir ampla visão do movimento: 22,2% na Cidade Baixa e 28,6% no Moinhos de Vento. Tanto este quanto os demais motivos – estar de pé na calçada, entrar e sair dos bares, ambiente informal, estar entre quem circula – não mostraram associação estatística significativa com relação aos bairros. Mesmo assim, a preferência dos frequentadores do Moinhos de Vento por estar na calçada parece estar fortemente vinculada à possibilidade de apreciar o movimento da rua.

Cabe salientar que, na Cidade Baixa, o motivo de estar na calçada pela facilidade de entrada e saída dos bares foi quase duas vezes maior do que no Moinhos de Vento (12,7% e 7,1% respectivamente). Essa diferença parece estar associada ao hábito de perambular, manifestado apenas pela população da Cidade Baixa, bem como a outro fenômeno que se verifica apenas naquele bairro: a concentração de pessoas paradas de pé nas calçadas (Ver também o gráfico 04).

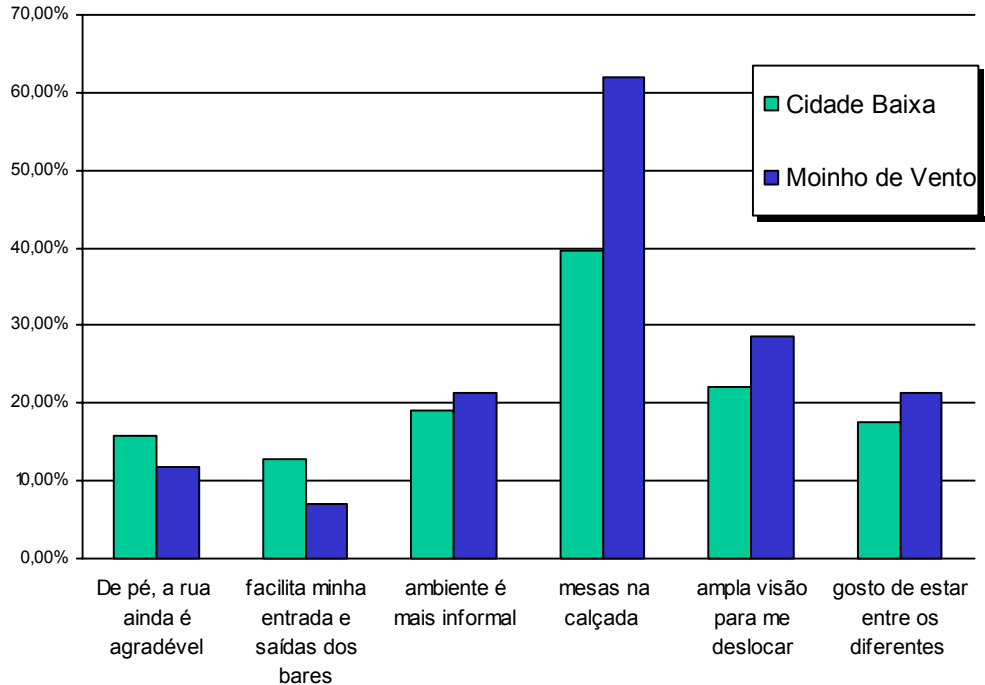
Tabela 10: Frequentadores por bairro segundo os motivos para gostar de estar na calçada*

Motivos para gostar de estar na calçada	Cidade Baixa	Moinhos de Vento	<i>P</i>
	(n=63)	(n=42)	
	n (%)	n (%)	
Mesmo de pé, é agradável	10 (15,9)	5 (11,9)	0,776
Facilita a entrada e saída de bares	8 (12,7)	3 (7,1)	0,248
Ambiente é mais informal	12 (19,0)	9 (21,4)	0,476
Mesas na calçada	25 (39,7)	26 (61,9)	0,042
Ampla visão do movimento	14 (22,2)	12 (28,6)	0,612
Estar entre os diferentes que circulam	11 (17,5)	9 (21,4)	0,800

Fonte: pesquisa empírica

*O total é superior a 100% porque as respostas são múltiplas

Gráfico 04: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: motivos para preferir estar na calçada



O quarto e último conjunto de variáveis tratou dos motivos para preferir ficar dentro do bar. Conforme a tabela 11, os frequentadores da Cidade Baixa e do Moinhos de Vento indicaram praticamente os mesmos motivos para preferir estar dentro do bar, embora em diferente ordem de importância. Música em primeiro lugar e segurança em terceiro são os fatores nos quais os dois bairros coincidem. Estar com os amigos, e os dois fatores relacionados com o espaço físico do bar – ser aconchegante e ser confortável – aparecem, contudo, em diferentes combinações. Os frequentadores da Cidade Baixa associam o aconchego do espaço com estar com os amigos, enquanto os do Moinhos de Vento associam aconchego com conforto – fator este sequer mencionado pelos frequentadores da Cidade Baixa.

É possível que as diferenças acima estejam relacionadas ao fato de os frequentadores do Moinhos de Vento estarem mais acostumados com espaços

confortáveis. Diferentemente da Cidade Baixa, o ambiente externo no Moinhos de Vento é muitas vezes tão confortável como o interno. Além disso, como já vimos anteriormente, seus *habitués* tendem a sair de casa e ir direto para o bar, sem caminhar entre os bares. Já, os freqüentadores da Cidade Baixa, em grande parte estudantes e em maior proporção solteiros (tabela 04), preferem estar nas calçadas ou perambular nas ruas. O conforto no interior do bar não é, certamente, tão importante como estar com os amigos.

Da mesma forma do que o conforto, há um outro fator com relação ao qual os bairros se diferenciam e que chama a atenção. É o fato de, na Cidade Baixa, 7,9% dos freqüentadores responderem preferir estar dentro do bar, porque lá as pessoas são mais selecionadas, enquanto no Moinhos de Vento nenhum dos entrevistados fez referência a esse fato (tabela 11).

Podemos tentar entender tais respostas pensando de duas maneiras. Primeiramente porque sendo o Moinhos de Vento um bairro mais homogêneo, não há pessoas mais ou menos selecionadas; o bairro é freqüentado por pessoas de níveis sociais mais elevados, não havendo pessoas tão diferentes que possam representar algum tipo de ameaça, tanto dentro dos bares, quanto na rua. Nesse caso, não se justificaria preferir estar dentro do bar por este motivo, pois não haveria diferença em relação às pessoas da rua.

A segunda maneira é considerar que, na Cidade Baixa, além de haver um ambiente mais diverso, tanto social quanto culturalmente¹, o bairro tem, como herança do histórico de boemia, bêbados circulando ou dormindo nas calçadas. As ruas da Cidade Baixa também são livres para o comércio informal, de modo que os vendedores ambulantes transitam à noite entre as mesas dispostas nas calçadas.

¹ Mesmo que os dados empíricos nos apresentem um perfil socioeconômico sem grandes diferenciações na Cidade Baixa, lá existem tribos variadas que parecem indicar um padrão social mais heterogêneo. No Moinhos de Vento, o código da aparência das pessoas é homogêneo, e as tribos parecem ser do mesmo perfil.

Neste caso, o fato de as pessoas serem mais selecionadas dentro do bar pode estar relacionado com o maior sentimento de segurança, ou com o fato de que apenas dentro do bar se pode estar com os amigos sem a mistura das calçadas. Conhecer pessoas novas por meio da proximidade das mesas dentro do bar foi apontado por 11,1% dos entrevistados na Cidade Baixa, ao passo que no Moinhos de Vento esse índice cai para apenas 2,4%.

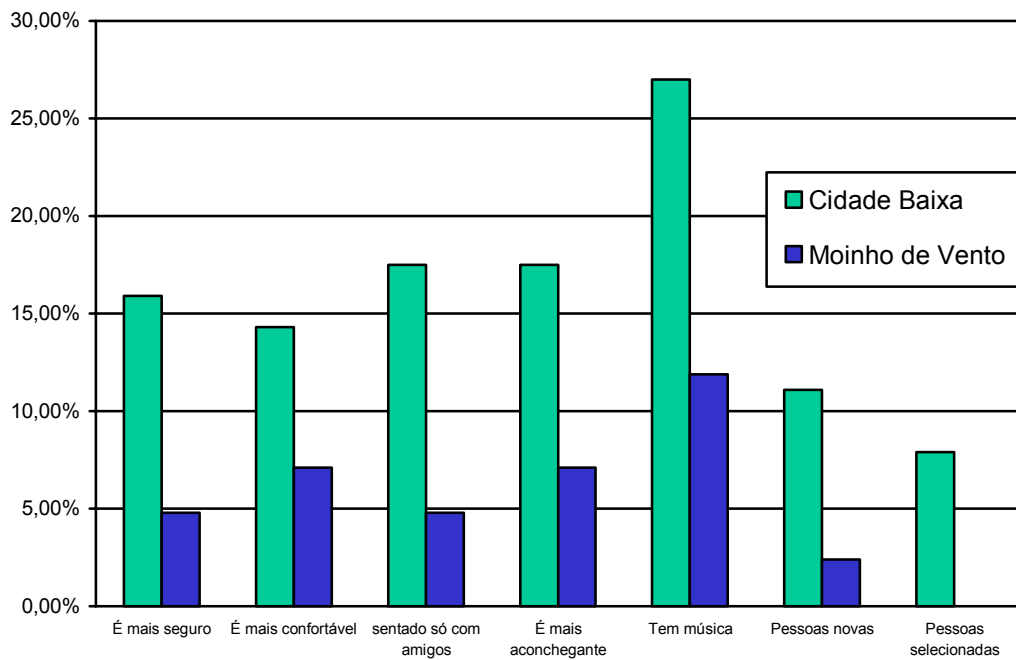
Tabela 11: Frequentadores por bairro segundo os motivos para gostar de estar dentro do bar *

Motivos para gostar de estar dentro do bar	Cidade Baixa	Moinhos de Vento	<i>P</i>
	(n=63) n (%)	(n=42) n (%)	
É mais seguro	10 (15,9)	2 (4,8)	0,071
É mais confortável	9 (14,3)	3 (7,1)	0,210
Sentado só com os amigos	11 (17,5)	2 (4,8)	0,102
É mais aconchegante	11 (17,5)	3 (7,1)	0,218
Tem música	17 (27,0)	5 (11,9)	0,106
A proximidade das mesas me leva a conhecer pessoas novas	7 (11,1)	1 (2,4)	0,097
As pessoas são mais selecionadas	5 (7,9)	0 (0,00)	0,073

Fonte: pesquisa empírica

*O total é superior a 100% porque as respostas são múltiplas

Gráfico: 05: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: motivos para preferir estar dentro do bar



4.2.3 Escolhas socioespaciais

Com o objetivo de investigar fatores que influenciam a tomada de decisões na hora de escolher em que bairro buscar seu lazer noturno, foram analisados dois conjuntos de variáveis: O primeiro conjunto refere-se ao que mais conta na hora de escolher aonde ir à noite, e o segundo, à importância das pessoas nessa mesma escolha.

Os resultados do primeiro conjunto de variáveis mostraram que existem mais semelhanças do que diferenças entre os frequentadores dos dois bairros na hora de escolher aonde ir à noite. Contudo, como mostra a tabela 12, as variáveis utilizadas – decoração, o fato de ser perto de casa, o bairro onde o bar está, o tipo de música, e as pessoas que frequentam o bar – não mostraram ter associação estatisticamente significativa com os bairros.

Conforme podemos verificar na tabela 12, as pessoas são o principal motivo na hora de escolher aonde ir à noite, com percentagens muito próximas nos dois bairros: 82,5% na preferência dos freqüentadores da Cidade Baixa, e 81% na dos freqüentadores do Moinhos de Vento.

Em segundo lugar nos dois bairros, para cerca de 56% dos freqüentadores da Cidade Baixa e 48% dos do Moinhos de Vento está o tipo de música. Com relação ao terceiro e quarto lugar os dois bairros diferenciam-se levemente. Em terceiro lugar para os freqüentadores da Cidade Baixa está a decoração do bar (23,8%), e em quarto o bairro onde o bar está situado (19%). No Moinhos de Vento, os fatores são os mesmo mas as posições se invertem. Em terceiro lugar, aparece o bairro onde se localiza o bar (23,8%), e em quarto a decoração do bar (21,4%).

Talvez porque os freqüentadores da Cidade Baixa preferem em maior proporção estar dentro do bar (ver tabela 09) a decoração seja um fator mais importante para eles do que o bairro onde o bar se localiza, como no caso dos freqüentadores do Moinhos de Vento.

A proximidade da moradia não é relevante para a decisão sobre o bairro escolhido para o lazer noturno: apenas 3,2% dos freqüentadores da Cidade Baixa, e 4,8% dos do Moinhos de Vento declararam considerar esse aspecto (ver tabela 12). Como os freqüentadores do Moinhos de Vento residem em áreas mais centrais da cidade, seus deslocamentos são relativamente mais curtos, o que pode explicar a irrelevância da proximidade da moradia na hora de escolher aonde ir. Para os freqüentadores da Cidade Baixa que moram em bairros mais distantes, os percursos mais longos são inevitáveis. Contudo, o fato de a maioria usar automóvel para deslocar-se à noite também pode explicar a pouca importância do local de moradia.

Tabela 12: Frequentadores por bairro segundo o que mais conta na hora de escolher aonde ir à noite *

O que mais conta na hora de escolher aonde ir à noite	Cidade Baixa	Moinhos de Vento	<i>P</i>
	(n=63)	(n=42)	
	n (%)	n (%)	
A decoração do bar	15 (23,8)	9 (21,4)	0,962
O fato de ser perto de casa	2 (3,2)	2 (4,8)	0,526
O bairro onde o bar está situado	12 (19,0)	10 (23,8)	0,732
O tipo de música	35 (55,6)	20 (47,6)	0,550
As pessoas que frequentam o bar	52 (82,5)	34 (81,0)	1,000

Fonte: pesquisa empírica

*O total é superior a 100% porque as respostas são múltiplas

No segundo conjunto, que analisa a importância das pessoas como fator para escolher aonde ir à noite está em primeiro lugar, está o encontro com pessoas familiares (58,7% dos frequentadores da Cidade Baixa e 59,5% do Moinhos de Vento); em segundo, conhecer pessoas novas (46% na Cidade Baixa e 33,3% no Moinhos de Vento), e em terceiro encontrar a turma (15% na Cidade Baixa e 21,4% no Moinhos e Vento). Embora tenhamos detectado diferenças entre o perfil dos frequentadores dos bairros, conforme mostra a tabela 13 e o gráfico 06, não houve associação estatisticamente significativa entre essas variáveis, com relação aos bairros.

O gráfico 06 nos mostra a semelhança entre os frequentadores dos bairros de estudo quanto à preferência em estar com as pessoas conhecidas. Isso poderia estar indicando que as pessoas não se saem de seus bairros, uma vez que preferem estar com seus conhecidos. Por outro lado esse aspecto também pode estar apontando para uma migração em grupos, o que é reforçada pela alta percentagem daqueles que querem conhecer pessoas novas.

Quanto à ordem dos três primeiros motivos há concordância entre os dois bairros, mas as percentagens das respostas indicam diferenças sutis. Os dois outros motivos trocam de posição em relação à preferência segundo o bairro. Para os frequentadores da Cidade Baixa, ir a lugares onde não são conhecidos e têm mais liberdade está em quarto lugar (12,8%), enquanto que para os do Moinhos de Vento está em quinto (4,8%). Inversamente, fazer contatos de trabalho está em quinto lugar para os da Cidade Baixa e em quarto para os do Moinhos de Vento, embora tenham o mesmo percentual (9,5%).

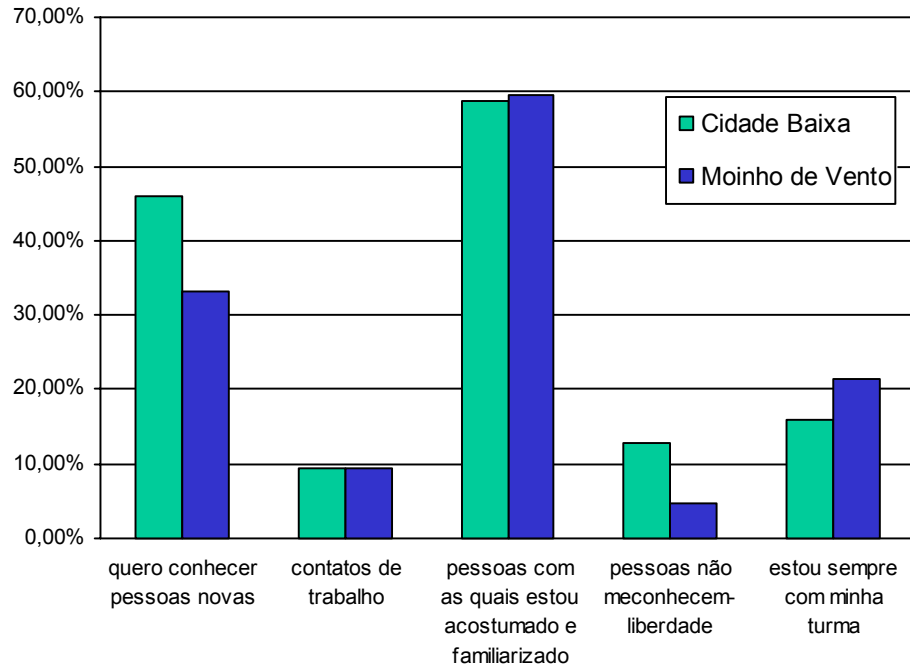
Tabela 13: Frequentadores por bairro segundo a importância das pessoas na hora de escolher aonde ir à noite *

Porque as pessoas são importantes na hora de escolher aonde ir à noite	Cidade Baixa	Moinhos de Vento	<i>P</i>
	(n=63) n (%)	(n=42) n (%)	
Conhecer pessoas novas	29 (46,0)	14 (33,3)	0,137
Fazer contatos de trabalho	6 (9,5)	4 (9,5)	0,638
Pessoas familiares	36 (58,7)	25 (59,5)	1,000
Liberdade onde não me conhecem	8 (12,7)	2 (4,8)	0,154
Turma	10 (15,9)	9 (21,4)	0,641

Fonte: pesquisa empírica

*O total é superior a 100% porque as respostas são múltiplas

Gráfico: 06: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: por que as pessoas são importantes no momento de escolher aonde ir à noite.



4.3.MIGRANTES NOTURNOS

4.3.1 EXISTE A MIGRAÇÃO DO MOINHOS DE VENTO PARA A CIDADE BAIXA?

O interesse em constatar se uma migração de mão única vinha realmente ocorrendo entre os freqüentadores noturnos dos dois bairros em estudo, no sentido Moinhos de Vento →Cidade Baixa, conforme divulgado pela imprensa local², esteve no ponto de partida desse trabalho.Existe realmente uma migração dos freqüentadores da vida noturna do bairro Moinhos de Vento para a Cidade Baixa? Que significaria esta migração? Porque nesta e não na direção inversa? Nossos dados, embora não permitam afirmar com segurança que a mencionada migração esteja ocorrendo,

² Jornal ZERO HORA, 2004. Porto Alegre, RS.

apontam, contudo, significativamente nesta direção. Mas há indícios também que apontam para um deslocamento inverso, no sentido Cidade Baixa → Moinhos de Vento, embora pouco expressivo.

Antes de apresentar os dados, é importante lembrar nossas definições de *habitué* e migrante. O *habitué* é aquele que entrevistado em um bairro, disse freqüentar apenas aquele bairro (onde foi entrevistado).

O freqüentador *migrante* pode ser de dois tipos: “pendular” ou “eventual”. O *migrante pendular* é aquele que, independentemente de onde foi entrevistado, declarou freqüentar os dois bairros. É o migrante por excelência. O migrante pendular pode, no contexto desse trabalho, ser comparado aos integrantes das *neotribos*, de MAFFESOLI (1987), por seu caráter fluido e sua capacidade de formação e dispersão de grupos. Já o *migrante eventual* é aquele que, entrevistado em um bairro, disse freqüentar apenas o outro.

Os dados apresentados no gráfico 07 são reveladores: enquanto mais de 75,0% dos entrevistados na Cidade Baixa afirmaram freqüentar o próprio bairro, apenas 47,4% no Moinhos de Vento afirmaram fazer o mesmo. Estes representam os *habitués* dos bairros.

Além disso, os entrevistados no Moinhos de Vento que disseram freqüentar mais apenas a Cidade Baixa, 10,5%, representam quase o dobro daqueles entrevistados na Cidade Baixa que declararam freqüentar mais apenas o Moinhos: 3,3%. Observamos assim que no Moinhos de Vento encontramos mais migrantes eventuais.

O fator mais expressivo, referente aos migrantes pendulares, que aponta em direção à migração do Moinhos de Vento para a Cidade Baixa é que, enquanto 42,1% dos entrevistados no Moinhos de Vento disseram freqüentar os dois bairros em estudo, essa proporção cai praticamente para a metade, ou seja, para 21,3% dos entrevistados na Cidade Baixa que afirmaram fazer o mesmo, conforme mostra o gráfico 07.

Resumindo, os dados mostram que a percentagem total, dos freqüentadores do Moinhos de Vento que migram para a Cidade Baixa é de 52,6%, maior que aquela que relativa aos *habitués* que é de 47,4%. Na Cidade Baixa apenas 24,6% dos freqüentadores migram para o Moinhos de Vento (somando os migrantes eventuais aos pendulares), sendo 75,4% que não migram, os *habitués* do bairro (aqueles que freqüentam apenas a Cidade Baixa).

É importante ressaltar que a associação entre os freqüentadores dos dois bairros e a migração mostrou-se estatisticamente significativa ($P=0,009$), conforme podemos verificar na tabela 14

Gráfico 07: Cidade Baixa e Moinhos de Vento: bairro mais freqüentado.

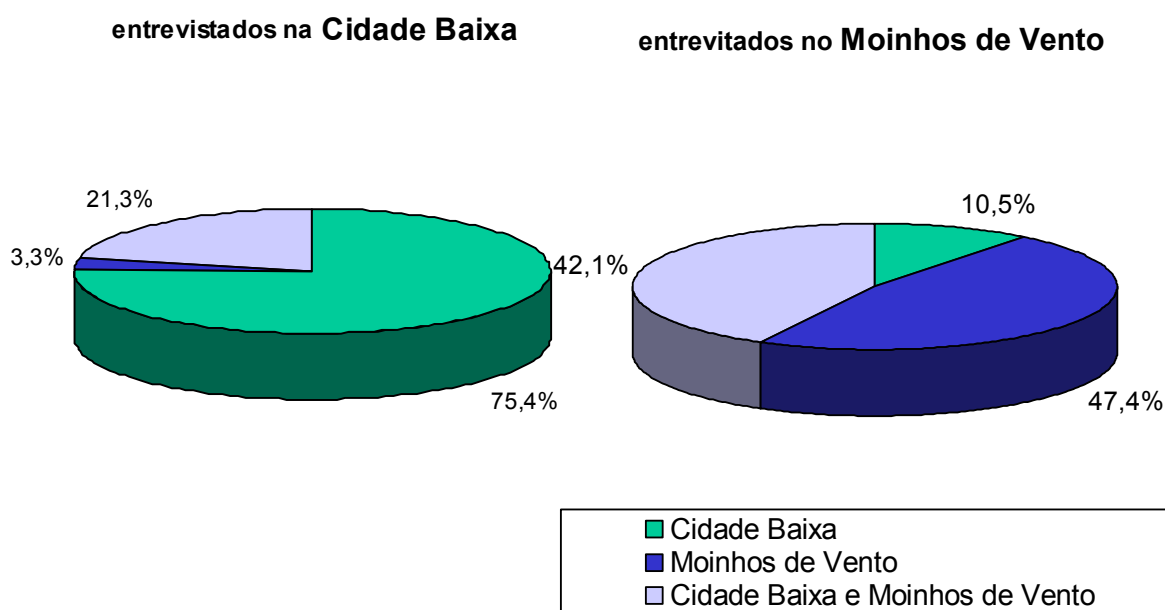


Tabela 14: Migração por bairro

Migração entre os bairros	Cidade Baixa (n=63)	Moinhos de Vento (n=42)	<i>P</i>
	n (%)	n (%)	
Migra	15 (24,6)	20 (52,6)	0,009
Não migra	46 (75,4)	18 (47,4)	
TOTAL	61* (100)	38** (100)	

Fonte: pesquisa empírica

*Duas pessoas disseram freqüentar outros bairros, por isso 61 pessoas é igual a 100%, e não 63.

**Quatro pessoas disseram freqüentar outros bairros, por isso 38 pessoas é igual a 100%, e não 42.

4.3.2 Para onde? E como migram?

Com base nos dados acima, verifica-se que tanto os freqüentadores do bairro Cidade Baixa, quanto os do Moinhos de Vento migram. A diferença está na direção e proporção entre tais migrações. No Moinhos de Vento mais da metade dos freqüentadores migram para a Cidade Baixa, enquanto que na Cidade Baixa os que migram para o Moinhos de Vento são apenas 24,6%. Assim confirmada a hipótese de estar ocorrendo uma importante migração do Moinhos de Vento para a Cidade Baixa parece confirmar-se, mas não que ela seja exclusiva, de mão única.

Para dar continuidade ao nosso estudo, interessa-nos saber para onde estão indo esses migrantes. Será que eles se diluem igualmente nos bairros? Ou será que se deslocam todos juntos para um lugar específico? Será que se separam em grupos, e migram para locais que estiverem de acordo com seus perfis sociais e econômicos, ou preferem migrar em direção ao diferente, ao novo? E ainda, será que existem diferenças entre as migrações produzidas pelos freqüentadores da Cidade Baixa e os do Moinhos de Vento?

Para responder a essas questões tornou-se necessário identificar os migrantes nos bares e lugares de encontro da Cidade Baixa. Conforme estabelecido na metodologia do trabalho, os bares foram agrupados de acordo com suas características e sua distribuição nos eixos de estudo e, conseqüentemente, de acordo com os padrões da dinâmica noturna observada. Com base nas diferenças entre os tipos, e localidades de bares, identificamos áreas diferenciadas de agrupamentos as quais chamamos de *subespaços*. Os subespaços podem ser considerados pequenos territórios dentro dos grandes territórios que são os bairros estudados, e serão, a partir desse momento, nossas ferramentas para verificar a origem e o destino das migrações, bem como ampliar nosso conhecimento em relação aos hábitos noturnos, aos fluxos e aos deslocamentos produzidos, tanto pelos *habitués*, quanto pelos migrantes de cada subespaço.

Este capítulo detalhou o perfil dos moradores, tanto do ponto de vista socioeconômico, como socioespacial. Nestes, principalmente nas abordagens socioespaciais, encontramos mais semelhanças do que diferenças, sendo uma das principais semelhanças o fato de as pessoas escolherem o lugar aonde ir à noite tendo como critério básico as pessoas que encontrarão. Uma explicação para esse fenômeno pode estar nas *comunidades emocionais* abordadas no referencial teórico deste trabalho. Segundo Maffesoli (1987), essas comunidades se formam por meio de um processo de integração fundado em um sentimento de pertencer, motivado por ligações emocionais ou afetivas. Dessa maneira, as pessoas estariam buscando aquelas com as quais podem se relacionar.

O ambiente noturno, os bares, a bebida, os balcões onde estranhos sentam-se lado a lado, constituem uma *aura* (MAFFESOLI, 1987) que contribui para a formação e a manutenção de tais comunidades emocionais. Estes processos de lazer e consumo, segundo Maffesoli, são caracterizados pela condição de “estar junto à toa”, imprimindo força à questão da afinidade e afeto, contribuindo, assim, para a formação dos grupos sociais. Segundo o autor, a busca do prazer, e a epifanização do corpo, a valorização do tempo livre, a preocupação com a qualidade de vida, e outras formas de “cuidados de si” só adquirem valor à medida que favorecem o desejo do outro, o prazer de estar com o outro (MAFFESOLI, 1995).

Entre as diferenças verificadas, vale destacar, no perfil socioeconômico, a de renda e de escolaridade, nos dois casos mais alta entre os frequentadores do bairro Moinhos de Vento. Entre os aspectos socioespaciais, embora as diferenças sejam menores e menos incidentes, também ocorrem. Destaca-se o fato de que na Cidade Baixa algumas pessoas perambulam a pé de bar em bar durante a noite, o que não acontece no Moinhos de Vento. Isto pode estar relacionado ao histórico de uso do bairro Cidade Baixa, onde o uso do espaço público das ruas já era habitual desde o início do século XX. Também o fato de que, na Cidade Baixa, as pessoas saem à noite com maior frequência. Nesse sentido, a *cultura do cotidiano noturna* parece ocorrer mais fortemente neste bairro, historicamente boêmio.

A questão da migração noturna, central neste trabalho, finalizou este capítulo, confirmada pela alta migração dos frequentadores do bairro Moinhos de Vento em direção à Cidade Baixa, e com menos força no sentido inverso. A partir da verificação de tal migração, chegou o momento de verificar para onde as pessoas estavam migrando. Que espaços intrabairro eram esses? A divisão das áreas de estudo dos bairros em *subespaços* foi fundamental. Mas o que são exatamente esses subespaços? Como se formaram? Poderiam eles configurar pequenos territórios frequentados por comunidades culturais específicas capazes de dividir os migrantes? O capítulo a seguir se dedicará a esclarecer tais questões, tratando das questões relacionadas ao espaço dos bairros de forma mais detalhada.

CAPÍTULO V - SUBESPAÇOS OU SUB-TERRITÓRIOS?

5.1 A EVOLUÇÃO DO LAZER NOTURNO NOS BAIRROS CIDADE BAIXA E MOINHOS DE VENTO

A constatação de que nas áreas de estudo não havia uma ocupação contínua de bares ao longo das ruas-eixo e sim agrupamentos diversificados, resultou da observação da dinâmica noturna atual nos eixos de estudo dos bairros. A investigação sobre a origem desses subespaços, por meio do estudo da evolução urbana dessas áreas de lazer noturno, mostrou que cada subespaço era demarcado pelos primeiros bares existentes nos eixos de estudo. Com o tempo, novos bares começaram a aparecer em torno dos primeiros, constituindo os subespaços. A investigação mostra que cada subespaço, a partir do núcleo inicial, desenvolveu-se linear ou radialmente, desde a década de 40 (época de fundação do mais antigo bar ainda em atividade na Cidade Baixa) até os dias de hoje.

Os critérios de demarcação dos subespaços e sua respectiva denominação estão detalhados no capítulo II, no item 2.1.2, unidades e procedimentos de análise.

O aspecto histórico foi estudado, neste trabalho, como forma de decodificar a lógica de desenvolvimento dessas áreas e partir dessa compreensão elaborar critérios que possibilitem prever a tendência evolutiva nessas áreas de lazer noturno. Isto porque, embora existam fatores capazes de alavancar ou restringir o crescimento da dinâmica noturna em determinado espaço, tais como o valor dos aluguéis das edificações e a eventual pressão contrária dos moradores locais, que se sentem incomodados por meio do estudo da expansão da dinâmica noturna nos dois bairros, consideradas as semelhanças encontradas na Cidade Baixa e no Moinhos de Vento, foi possível reconhecer um padrão de desenvolvimento comum dessas duas áreas de lazer noturno.

5.1.1 Cidade Baixa: surgimento dos primeiros bares e formação dos subespaços

A ocupação das áreas de estudo pelos estabelecimentos voltados para a vida noturna, nas duas ruas que constituem os eixos de estudo da Cidade Baixa, mostra um processo em três períodos. O primeiro estende-se da década de 40 ao final da década de 80, e corresponde ao aparecimento dos primeiros bares, conforme mostra o mapa 03. O segundo agrega a esses bares já existentes aqueles que surgiram na década de 90 como mostra o mapa 04, enquanto o terceiro e último período acrescenta aos bares já existentes aqueles que surgiram no ano de 2000 até 2005, conforme mostra o mapa 05.

Conforme mencionamos na metodologia, os subespaços receberam diferentes denominações. A seguir, vejamos como se deu esse processo.

Em 1960, surgiu, o Van Gogh, que deu origem ao **subespaço redenção**. Após um período de estagnação, a partir de 2002 outros bares surgiram no subespaço em

direção à Rua Sofia Veloso, até 2005, com o surgimento do Cine Bar, conforme mostra a tabela 15.

O **subespaço artes** também começou seu desenvolvimento na década de 60, com o bar e restaurante Adriano (1964), seguido pelo Restaurante Fofa, em 1982. A partir de 2000, o desenvolvimento ganhou intensidade, crescendo de forma linear para as duas direções da Rua da República, com o Bar Espiral (2000), seguido pelo Garrafas (2004) e pelos bares Pinacoteca, Mediterrâneo Café e Entreato, todos em 2005 (tabela15).

Nas áreas de estudo do bairro, o bar mais antigo é o Padoka, de 1943. Ele deu início à aglomeração geradora do **subespaço antigo**, em uma das esquinas atualmente mais movimentadas do bairro, a da Rua da República com a Rua General Lima e Silva. Conforme podemos verificar na tabela 15, os novos bares que compõem o subespaço começaram a aparecer recentemente: em 1999 surgiu o Pier 174, seguido pelo Yang em 2000, e pelo Ritrovo em 2001. O Pingüim, o bar mais movimentado do subespaço, é também o mais recente datando de 2003.

O **subespaço extremo** é o subespaço mais “jovem” do bairro e atualmente também o mais populoso. Teve início com o bar Ossip na esquina da Rua da República com a Rua João Alfredo, e com o restaurante tradicionalista Estância de São Pedro, na Rua João Alfredo, em 1997. A partir de 2000, houve uma explosão de bares no subespaço, principalmente no eixo da Rua João Alfredo, conforme mostra a tabela 15. Ela foi iniciada pelo Mercatto d’Arte, em 2000, o qual foi seguido por mais dez bares até 2005 desenvolvendo-se de forma linear, mais fortemente em direção à Av. Aureliano de Figueiredo Pinto, até os dias de hoje.

Dos quatro subespaços da Cidade Baixa, dois deles se caracterizam pela aglomeração de bares (*redenção e antigo*), conforme podemos verificar no mapa 05. Neles os bares estão muito próximos, e muitas vezes encostados uns nos outros, e por isso geram uma dinâmica noturna específica em torno deles. Já o

subespaço *artes* é caracterizado por bares distribuídos ao longo da Rua da República (no trecho que vai da Rua Gen Lima e Silva até a Rua Sofia Veloso), mas que não estão suficientemente unidos a ponto de constituírem um único espaço, e por isso não geram uma dinâmica intensa de pedestres. O último subespaço, *extremo*, é caracterizado pela distribuição de bares ao longo da Rua João Alfredo, e na esquina desta com a Rua da República (mapa 05), os quais geram uma dinâmica de pedestres e de automóveis com intensidade capaz de estabelecer um sentido único ao espaço.

No mapa 05 são apresentados detalhadamente os subespaços com seus bares e correspondente cronologia.

Tabela 15: Cidade Baixa: Bares existentes na Cidade Baixa até o ano de 2005, por subespaço

Subespaços				
	Redenção	Artes	Antigo	Extremo
Décadas				
40			Padoka, 1942	
60	Van Gogh, 1960	Bar e restaurante Adriano, 1964		
80		Restaurante Fofa, 1982		
90		Jardim Elétrico, 1996 (fechou em 2006)	Pier 174, 1999	Tudo pelo Social, 1991 (1º ender.) Dr. Jekyll, 1996 Ossip, 1997 Estância de São Pedro, 1997 Oficina Etilica, 1997
Anos				
2000		Espiral	Yang	Mercatto d'Arte
2001			Ritrovo	8 e ½
2002	República do Pastel			Muffuletta
2003		Mediterrâneo	Pingüim	Negafrida Paraphernália Druida
2004	Porto Bier	Garrafas		Pé palito
	Relicário			Bongô
2005	Cine Bar	Pinacoteca		Lounge Club
		Entreato		Elo Perdido
				Tudo pelo social (2º endereço)

Fonte: Revista Veja 2006. O critério para a seleção dos bares foi considerar aqueles que funcionaram até o ano de 2005.

Mapa 03: Cidade Baixa: bares nos eixos de estudo até o final da década de 80



Mapa 04: Cidade Baixa: bares nos eixos de estudo até o final da década de 90





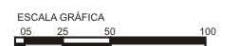
LEGENDA

DATA DE ABERTURA	NOME DO BAR	ENDEREÇO
1942	Padoka	Rua da República, 222
1960	Van Gogh	Rua da República, n.º 14
1964	Bar e restaurante Adriano	Rua da República, n.º 496
1982	Fofa	Rua da República, n.º 421
1996	Dr. Jekyll	Travessa do Carmo, n.º 76
1991	Jardim Elétrico	Rua da República, 546
1991	Tudo pelo social *	Rua João Alfredo, n.º 448
1997	Ossip	Rua da República, n.º 677
1999	Estância de São Pedro	Rua João Alfredo, n.º 387
1999	Oficina etilica	Rua João Alfredo, n.º 511
2000	Pier 174	Rua da República, n.º 174
2000	Espirai	Rua da República, n.º 303
2000	Mercatto d'arte	Rua João Alfredo, n.º 399
2000	Yang	Rua da República, n.º 188
2001	Ritrovo	Rua da República, n.º 214
2001	8 e 1/2	Rua A. Figueiredo Pinto, 984
2002	Muffuleta	Rua da República, n.º 657
2002	República do Pastel	Rua da República, n.º 46
2003	Negafrida	Rua João Alfredo, n.º 449
2003	Paraphernalia	Rua João Alfredo, n.º 425
2003	Pingüim	Rua Lima e Silva, n.º 507 (esquina Rua da República)
2003	Mediterrâneo	Rua da República, n.º 197
2004	Druída *	Rua Dr. Sebastião Leão, n.º 228
2004	Porto Beer	Rua da República, n.º 38
2004	Garrafas	Rua da República, n.º 191
2004	Relicário	Rua da República, n.º 50
2004	Pé palito	Rua João Alfredo, n.º 557
2004	Bongô	Rua João Alfredo, n.º 471
2005	Pinacoteca	Rua da República, n.º 409
2005	Lounge Club	Rua João Alfredo, n.º 701
2005	Elo Perdido	Rua João Alfredo, n.º 533
2005	Cine Bar	Rua da República, n.º 58
2005	Entreato	Rua da República, n.º 163
2005	Tudo Pelo Social	Rua João Alfredo, n.º 494
2005	Druída	Rua João Alfredo, n.º 208

*Mudou de endereço em 2005

MAPA 05: CIDADE BAIXA CRONOLOIA DO SURGIMENTO DOS BARES

DESDE A DÉCADA DE 40 ATÉ 2005



5.1.2 Moinhos de Vento: surgimento dos primeiros bares e a formação dos subespaços

No bairro Moinhos de Vento, os primeiros bares ainda em atividade são da década de 90, o que denota o caráter mais contemporâneo da vida noturna do bairro. Da mesma forma que o processo de surgimento dos bares na Cidade Baixa, foi dividido em dois períodos. O primeiro contempla os bares que surgiram na década de 90 como no mapa 06, e o segundo agrega o que vieram aos bares já existentes no período de 2000 até 2005, conforme mostra o mapa 07.

O Moinhos de Vento seguiu o mesmo padrão de crescimento noturno encontrado na Cidade Baixa. Porém, com origem em época diferente. Em curto período, apareceram alguns bares de forma simultânea, conforme podemos verificar no mapa 07. O desenvolvimento do **subespaço bistrôs** teve início em 1999 com o Le Bistrot. Em seguida, o Dado Pub e o Constantino, em 2000, consolidaram o subespaço, conforme podemos ver na tabela 16.

O **subespaço calçada da fama** iniciou-se com o Liliputh, em 1997. Em seguida, em 1998, vieram o Jazz Café e a Tortaria. Conforme pode-se verificar na tabela 16, em 2004 o Mulligan juntou-se aos outros bares do subespaço.

O **subespaço alimentação** iniciou seu desenvolvimento com o bistrô Torta de Sorvete, em 1992, seguido pelo Listo Pães e Fiambres, em 1999. Em 2001, o restaurante Orquestra de Panelas juntou-se ao subespaço. Recentemente, em 2005, foi a vez do restaurante Armazém Culinária e Távola Redonda (tabela 16).

O Café do Porto, em 1995 foi o responsável pelo início do **subespaço cafés**. Cinco anos depois, surgiram o Z Café, do outro lado da rua, e a sorveteria Di Argento localizada no que foi a garagem de uma casa antiga. Recentemente, em 2004 (tabela 16), surgiram o Just Burgers, na esquina da rua Padre Chagas com a Luciana da Abreu, e o Dublin.

Dos quatro subespaços da área de estudo, três deles também são caracterizados pela aglomeração de bares, conforme podemos verificar no mapa 07 *calçada da fama, bistrôs e cafés*. O subespaço *alimentação* é formado por bares mais distribuídos ao longo da Rua Padre Chagas, no trecho que vai da Rua Hilário Ribeiro até a Rua Luciana de Abreu.

Mapa 06 Moinhos de Vento: bares nos eixos de estudo que surgiram na década de 90

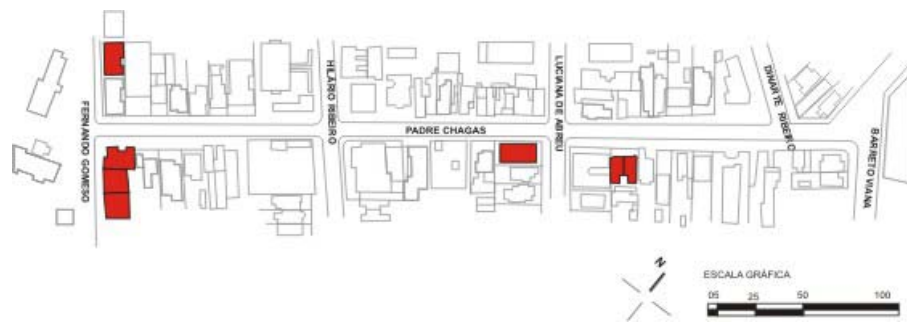
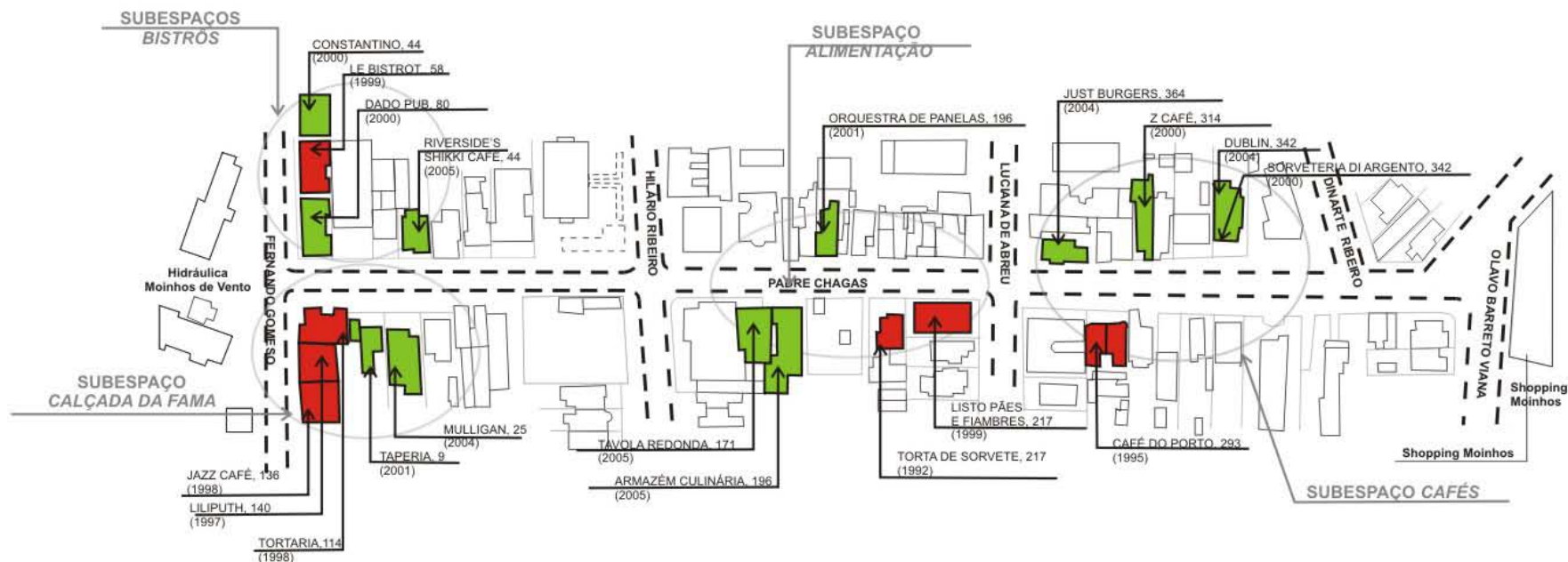


Tabela 16: Bares existentes no bairro Moinhos de Vento até o ano de 2005, por subespaço

	Subespaços			
	Bistrôs	Calçada Fama	da Alimentação	Cafês
Década 90	Le Bistrot, 1999	Liliputh, 1997 Jazz Café, 1998 Tortaria, 1998	Torta de Sorvete, 1992 Listo Pães e Fiambres, 1999	Café do Porto, 1995
Anos 2000	Dado Pub, 2000			Z Café, 2000 Di Argentor sorveteria, 2000
2001		Taperia	Orquestra de panelas	
2004		Mulligan		Just Burgers Dublin
2005	Constantino Café Riverside's Shikki Café		Restaurante Távola Redonda Armazém Culinária	

Fonte: Revista Veja 2006 O critério para a seleção dos bares foi considerar aqueles que funcionaram até o ano de 2005.



LEGENDA

DATA DE ABERTURA	NOME DO BAR	ENDEREÇO
1992	Torta de Sorvete	Rua Padre Chagas, n.º 217
1995	Café do Porto	Rua Padre Chagas, n.º 293
1997	Liliputh	Rua Fernando Gomes, n.º 140
1998	Jazz Café	Rua Fernando Gomes, n.º 136
	Tortaria	Rua Fernando Gomes, n.º 114
1999	Listo Pães e Fiambres	Rua Padre Chagas, n.º 217
2000	Lê Bistrot	Rua Fernando Gomes, n.º 58
	Z Café	Rua Padre Chagas, n.º 314
	Dado pub	Rua Fernando Gomes, n.º 80
	Di argento	Rua Padre Chagas, n.º 342
2001	Taperia	Rua Padre Chagas, n.º 9
	Orquestra de Panelas	Rua Padre Chagas, n.º 196
2004	Just Burgers	Rua Luciana de Abreu, n.º 364
	Dublin	Rua Padre Chagas, n.º 342
	Mulligan	Rua Padre Chagas, n.º 25
2005	Constantino	Rua Fernando Gomes, n.º 44
	Riverside's Shikki café	Rua Padre Chagas, n.º 44
	Távola Redonda Wine Bar	Rua Padre Chagas, n.º 171
	Armazém Culinária	Rua Padre Chagas, n.º 196

MAPA 07: MOINHOS DE VENTO CRONOLOGIA DO SURGIMENTO DOS BARES

DESDE A DÉCADA DE 90 ATÉ 2005



5.2 CIDADE BAIXA E MOINHOS DE VENTO: CARACTERÍSTICAS MORFOLÓGICAS DAS ÁREAS DE ESTUDO DOS BAIROS

Os aspectos da forma urbana de cada subespaço serão abordados, mas não é o propósito deste trabalho detalhar a transformação das edificações dos bares ao longo do tempo. Em vez disso, o foco é descrever a condição atual das edificações e como ela se relaciona com o espaço e com as pessoas, bem como os elementos em comum entre os bairros de estudo.

Embora os dois bairros tenham ocupação de casas antigas, transformadas em bares, restaurantes, cafês, pubs e bistrôs, nota-se uma diferença na maneira de os bairros tratarem as edificações das áreas de estudo. Na Cidade Baixa, a tendência, ao transformar uma casa antiga em bar, é preservar suas características originais, como a fachada e o volume. No Moinhos de Vento, é mais comum o uso de elementos que alteram a edificação, como luminosos e placas.

Nas duas áreas estudadas nos bairros, existem bares situados em edificações construídas para abrigar seu uso específico, mas trata-se da minoria. Uma vez que no bairro Moinhos de Vento a área estudada é menor, esses casos têm mais destaque.

5.2.1 Características morfológicas das áreas de estudo do bairro Cidade Baixa

A morfologia das edificações que abrigam os bares nas áreas de estudo do bairro Cidade Baixa é basicamente duas: as antigas casas “porta e janela” da Rua João Alfredo, como nos mostra a figura 19, e o térreo dos edifícios residenciais da Rua da República, como mostra a figura 20, onde também se verifica em menor quantidade, a existência de bares que ocupam casas antigas tipo sobrado.

Em geral os bares da Cidade Baixa mantêm a formação da edificação original, uma vez que não utilizam grandes placas indicativas ou iluminação diferenciada. Pelo contrário: é comum não achar um bar nos eixos de estudo por estes se confundirem com o restante das edificações, A movimentação dos pedestres em torno, ou parados na frente, muitas vezes é o indicativo de que ali está o bar.

A Rua da República tem uma ampla área de aproximadamente 6 metros de calçada dos dois lados da rua, o que possibilita nesse eixo o uso de mesas ao ar livre. A topografia plana e a vegetação contribuem para isso. As edificações que abrigam os bares dessa rua (eixo principal de estudo) são semelhantes: na grande maioria estão no térreo dos edifícios residenciais de pequeno porte. Ocupam espaços pequenos, do tamanho de uma garagem para um carro. Existem também os bares situados em casas antigas, mas são a minoria.

Já na Rua João Alfredo (eixo secundário e estudo) as calçadas são estreitas, a vegetação é rara, e não existem mesas nas calçadas. Os bares espalhados ao longo do eixo estão situados em casas antigas, entre as quais grande parte mantém uma janela para a calçada possibilitando às pessoas olharem para dentro do bar (célula de interação). As “casinhas” têm frente aproximada de 6 metros, não têm recuos laterais ou frontais, e possuem a mesma altura, formando uma “fita”, isto é, proporcionando uma leitura única do espaço ao longo de todo o eixo¹.

¹ Essa morfologia corresponde apenas a um lado da rua: a que tem os bares. No outro lado os edifícios residências de pequeno porte não abrigam bares nos seus térreos, embora mantenham semelhanças com as edificações da Rua da República.

Figura 19: Tipologia das casas da Rua João Alfredo. Ao centro bar Bongô.



Figura 20: Tipologia das edificações da Rua da República. Bar Garrafas, no térreo de edifício residencial.



5.2.2 Características morfológicas das áreas de estudo do bairro Moinhos de Vento

No bairro Moinhos de Vento, embora o tipo de ocupação seja semelhante ao da Cidade Baixa, há diferenças significativas no resultado final da apropriação das edificações destinada a transformá-las em bares, restaurantes e bistrôs. Também vale ressaltar que, na Rua Padre Chagas, alguns bares estão em edificações construídas para seu uso específico.

Em muitos casos a forma das edificações que abrigam bares e restaurantes desaparece, pois existem muitos elementos que são agregados à fachada e ao volume, transformando a construção, conforme podemos verificar na figura 21 Podemos reconhecer o aproveitamento de casas antigas na Rua Padre Chagas (figura 22) e em parte da Rua Fernando Gomes, que também abriga bares localizados no térreo de um edifício comercial de grande porte, rompendo o padrão do uso de casas antigas.

Diferentemente da Cidade Baixa, em muitos casos existe o tratamento das calçadas: as mesas estão cobertas, a vegetação é colocada em vasos ou tem tratamento especial, existem aquecedores no inverno e o piso é diferenciado. A largura das calçadas varia entre 3 e 5 metros, e existem edificações com recuos laterais e frontais diferenciados, tornando a leitura do espaço fragmentada.

Figura 21: Elementos agregados ao volume da edificação antiga: Restaurante Távola Redonda.



Figura 22: Aproveitamento da edificação antiga, e uso das calçadas. Bistrô Torta de Sorvete.



5.3 CARACTERÍSTICAS DOS ESTABELECIMENTOS NOTURNOS DOS SUBESPAÇOS

Neste capítulo iremos apresentar as características dos estabelecimentos noturnos que compõem os subespaços, verificando o que faz de um subespaço um pequeno território diferente dos demais. Abordaremos também alguma forma peculiar, quando houver, de uso do espaço.

Embora tenhamos muitas vezes nos referido aos estabelecimentos noturnos de uma maneira geral como “bares”, nem todos são, de fato, bares. Alguns são botecos, cervejarias, cafés ou podem ainda ter outras classificações. Para auxiliar o entendimento de cada subespaço, os bares foram classificados por tipos². Nesta classificação consta:

- Lanches (alimentação rápida);
- Bares para happy hour (Começam a funcionar no fim da tarde);
- Bares (petiscos e bebidas);
- Botecos (petiscos e bebidas, geralmente em ambientes pequenos);
- Cervejarias, choperias e pubs (cervejas especiais);
- Bares com música ao vivo (mesas e pequeno palco para apresentações);
- Danceterias (pista de dança);
- Bares e restaurantes (pratos quentes e petiscos);
- Restaurantes.

5.3.1 Cidade Baixa: características dos estabelecimentos noturnos por subespaços

Na Cidade Baixa, como mostra a tabela 17, os bares são a maioria. Aqueles que têm música ao vivo aparecem em maior quantidade no subespaço *Extremo*, que é bastante eclético no tipo de estabelecimento noturno, abrigando também danceterias e botecos. No subespaço *artes*, embora haja um número menor de estabelecimentos eles também são de tipos variados. Os subespaços *antigo* e *redenção* são basicamente compostos por bares.

² Revista VEJA, 2006.

O movimento noturno no subespaço *extremo* tem início mais tarde do que nos demais, e a área permanece movimentada também até mais tarde. Provavelmente isso se deve à quantidade de bares com música ao vivo e danceterias presentes no subespaço, à mistura de usos mais intensa que nos demais, à menor quantidade de residências e, conseqüentemente, menor quantidade de pessoas incomodadas pelo barulho.

Principalmente nos subespaços *antigo* e *redenção*, nos quais a maioria dos bares está situada no térreo de edifícios residenciais, o barulho tem hora para terminar: à meia noite. Muitos bares desses subespaços abrem no fim da tarde para garantir maior tempo de movimentação.

Nos dois casos descritos acima, existem exceções, as quais iremos tratar a partir de agora, observando cada subespaço separadamente.

Tabela 17: Cidade Baixa: tipos de estabelecimentos noturnos, por subespaço.

Classificação	Subespaços			
	<i>Redenção</i>	<i>Artes</i>	<i>Antigo</i>	<i>Extremo</i>
Bares	Cine Bar Relicário Porto Beer	Garrafas	Yang Bar Café Padoka Pier 174 Ritrovo	Muffuletta Mercatto d'Arte Ossip
Botecos		Bar e restaurante Adriano		Bar da República
Cervejarias, choperias e pubs		* não consta		
Bares com música ao vivo		Entreato		8 e ½ Bar Bongô Negafrida Paraphernália
Danceteriais		Espiral		Dr. Jekyll Pé Palito e Cia
Happy Hour		Pinacoteca Café		
Bar Café		* não consta		
Lanches	República do Pastel			
Bares e restaurantes	Van Gogh		Pingüim	Tudo Pelo Social
Restaurantes		* não consta		

Fonte: pesquisa empírica

a) Subespaço Redenção (esquina da Rua da República com a Av. João Pessoa)

O subespaço *redenção* foi assim denominado pela proximidade que tem com o Parque da Redenção. Em frente ao parque, na esquina na Rua da República com a Avenida João Pessoa está o bar e restaurante Van Gogh (figura 23), um dos mais tradicionais da Cidade Baixa e parece ser o responsável pela “aura” do subespaço.

Diferente dos demais bares desse subespaço, que fecham por volta da 1h da manhã, é conhecido por ficar aberto durante toda a madrugada, e foi apontado pela revista *Veja* (2006/2007) como sendo “o melhor fim de noite da cidade”. Com relação ao bar, a revista publicou:

“Recarregar as baterias no Van Gogh é o melhor programa da madrugada da capital. Depois de dançar tudo que tinha direito ou de fechar as portas do boteco após horas de conversa, a sugestão é continuar as noitadas nas mesas do bar. Localizado em uma das ruas mais tradicionais da boemia porto-alegrense, tornou-se ponto de encontro de quem saiu para curtir a balada e de quem trabalhou nela, como o pessoal da segurança. Além de carnes, massas, pizzas e petiscos, uma boa sugestão são as sopas”
(VEJA Porto Alegre –2006/2007, p. 101)

Conforme mostram as figuras 24 e 25, a tipologia do restante dos bares do subespaço consiste em pequenas sobrelojas de edifícios residenciais, estando dispostos do mesmo lado da calçada, próximos uns dos outros.

Figura 23 Van Gogh



Figura 24: República do Pastel



Figura 25: Cine Bar



b) *Subespaço Artes* (estabelecimentos pontualmente espalhados na Rua da República, no trecho que compreende desde a Rua Sofia Veloso até pouco antes da Rua João Alfredo).

O subespaço *artes* recebeu este nome pelo caráter artístico de alguns bares recentes como Pinacoteca e Entreato, que parecem responsáveis pela identidade do local. Os bares do subespaço *artes*, além de não estarem encostados uns nos outros, apresentam poucas semelhanças entre si. Existem aqueles em térreos de edifícios residenciais (profundos como o caso da Pinacoteca, ou abaixo no nível da calçada como o Garrafas), em térreo de edifícios comerciais (como o Espiral) e em casas antigas, de grande porte, que se diferenciam do padrão do restante dos estabelecimentos noturnos das áreas estudadas na Cidade Baixa (como o Entreato), conforme mostra a figura 26.

As descrições do Entreato³ e da Pinacoteca, encontradas na revista VEJA: 2006/2007, destacam que cada bar prima por um diferencial, e os dois ligam-se à arte.

Com relação ao Entreato, a revista escreveu:

“É a nova sensação entre os bares da Cidade Baixa. São atrações a música ao vivo, as salas temáticas e um piano, estrela principal das noites de quarta-feira”
(VEJA Porto Alegre –2006/2007, p. 110)

E sobre a Pinacoteca:

“O local é conhecido por receber artistas e promover exposições de obras, esquetes teatrais e até desfiles. O mosaico que enfeita as mesas da área externa são uma atração à parte” (VEJA Porto Alegre –2006/2007, p. 104)

³ O bar Entreato está locado em uma casa que por volta de 1999 abrigou o bar Terravista Literatura e Arte, já denotando o caráter artístico da região, denominada neste trabalho subespaço *artes*.

Figura 26: Subespaço *artes*: Bar Entreato



c) ***Subespaço Antigo*** (cruzamento da Rua da República com a Rua General Lima e Silva).

O subespaço *antigo* recebeu este nome por ter o bar mais antigo de toda a área de estudo da Cidade Baixa, o Padoka de 1942, que inicialmente era apenas uma padaria e atualmente, além de padaria, é também bar e distribui mesas na calçada.

Os bares Yang, Ritrovo, Bahamas Café e Pier 174 ocupam os térreos de edifícios residenciais. Por possuírem uma pequena área interna, aumentam seu espaço expandindo-se através do uso das mesas nas calçadas (figura 27). O Padoka e o Pingüim (figura 28) estão situados em casas na esquina da Rua da República com a Rua General Lima e Silva, e também fazem uso das mesas na calçada.

Nesse subespaço é comum o uso de mesas na calçada, deixando um corredor para a passagem dos pedestres, uma vez que as calçadas da Rua da República têm largura suficiente para tal uso. Diferentemente do Moinhos de Vento não existem aqui aquecedores, mesas e cadeiras tratadas, piso diferenciado e cordão de separação⁴.

⁴ As mesas nas calçadas das ruas da Cidade Baixa dão passagem também para os vendedores ambulantes. São crianças vendendo rosas, adultos vendendo artesanato, bijouterias, poesias, revistas

Figura 27: Yang, Ritrovo, Bahamas Café e Pier 174 ocupam os térreos de edifícios residenciais.



Figura 28: Padoka (toldo amarelo) e Pingüim



d) *Subespaço Extremo* (Rua João Alfredo, e o cruzamento desta com a Rua da República).

Este subespaço foi denominado *extremo*, por alguns motivos: além de estar no extremo oposto ao início da Rua da República (subespaço *redenção*), ele indica o início do eixo secundário de estudo desse bairro, a Rua João Alfredo. É o subespaço com maior número de bares e estabelecimentos de lazer noturno e as edificações onde os bares estão localizados têm uma morfologia diferenciada do restante do bairro.

O padrão verificado em grande parte dos bares da Rua da República, de ocupar o térreo de edifícios residenciais, na maioria de pequeno porte, desenvolve-se até o encontro com a Rua João Alfredo. Ossip, Muffuleta e Bar da República ainda seguem tal morfologia, conforme podemos ver na figura 29. Porém, nosso eixo secundário de estudo, a Rua João Alfredo apresenta uma morfologia diferenciada: as calçadas são estreitas e não existem mesas nas calçadas (figura 30). A singular

de produção local, cartões, pinturas, etc. As ruas na Cidade Baixa também são um ambiente de comércio informal.

forma do espaço urbano, além do baixo custo dos aluguéis das velhas casinhas⁵ do subespaço, pode ter sido responsável pelo desenvolvimento da dinâmica noturna neste local. O fato de os bares estarem em edificações antigas não implica em que sejam também antigos, pelo contrário: conforme já verificamos este subespaço foi o último a iniciar seu desenvolvimento noturno.

O bar Ossip foi escolhido o “melhor boteco da cidade” (VEJA 2006/2007) pelo júri da revista Veja Porto Alegre (mesmo servindo vinho em taças de cristal, e não em copinhos de vidro). Segundo a revista, o bar conquistou a preferência de estudantes universitários, profissionais liberais, e até dos “donos do mundo”. Já o Mercato d’arte, foi indicado pelo júri da revista como “o melhor bar para ir a dois”, e também “o melhor para petiscar”. Um dos diferenciais desse bar é que todos os objetos internos, desde o mobiliário até os quadros, estão à venda para os frequentadores.

Figura 29: Muffuletta e Ossip abaixo da marquise de prédio residencial na Rua da República



Figura 30: vista da Rua João Alfredo em direção à Rua da República



⁵ Essa morfologia corresponde apenas a um lado da rua: a que tem os bares. No outro lado, os edifícios residenciais de pequeno porte não abrigam bares nos seus térreos, embora mantenham semelhanças com as edificações da Rua da República. A dinâmica noturna de pedestres se desenrola mais intensamente na calçada dos bares, e a dinâmica de automóveis vem se tornando intensa, gerando engarrafamentos.

5.3.2 Moinhos de Vento: características dos estabelecimentos noturnos por subespaços

Na tabela de classificação desenvolvida para agrupar os bares por “tipo”, verificou-se que o Moinhos de Vento não apresenta nenhum estabelecimento classificado apenas como “bar”, todos têm uma característica diferencial, assim como não há nenhum lugar que possa ser classificado como “boteco”, isto é, que seja um espaço pequeno, apenas com balcão e mesas, sem cuidados especiais com a decoração do local e sem um cardápio diferenciado.

Ao contrário, dentre as características de destaque para os bares do Moinhos de Vento está o fato de servirem lanches, e terem lugares classificados como “bares e restaurantes”, o que demonstra que a questão da comida é um diferencial do bairro, estando a maioria dos estabelecimentos voltada para a alimentação.

Conforme mostra a tabela 18, os subespaços do bairro Moinhos de Vento são mais especializados. Por exemplo, o subespaço *bistrôs* tem apenas estabelecimentos classificados como bares e restaurantes, assim como o subespaço *alimentação* que tem também locais classificados como lancherias. O subespaço *cafés*, da mesma forma, está voltado para a alimentação, com exceção do Dublin, que tem um caráter de bar, além de ter música ao vivo. O subespaço mais eclético, do ponto de vista do tipo de estabelecimento noturno, é o *calçada da fama*. Ainda não sabemos se também é o mais eclético em se tratando das pessoas que o freqüentam, mas essa questão será tratada mais adiante.

Os estabelecimentos noturnos no Moinhos de Vento não têm movimento até “altas” horas da madrugada. Por volta de 2h o movimento começa a diminuir, uma vez que não existe nenhum estabelecimento capaz de manter o movimento. A música ao vivo do Dublin mantém a movimentação até um pouco mais tarde na Rua Padre Chagas.

Tabela 18: Moinhos de Vento: tipos de estabelecimentos noturnos, por subespaços

Classificação	Subespaços			
	<i>Bistrôs</i>	<i>Calçada da fama</i>	<i>Alimentação</i>	<i>Cafês</i>
Bares		* não consta		
Botecos		* não consta		
Cervejarias, choperias e pubs		Liliputh Mulligan		
Bares com música ao vivo				Dublin
Danceterias		* não consta		
Happy Hour		Jazz Café		Z Café
Bar Café		Tortaria Taperia		Café do Porto
Lanches			Listo Pães Torta de Sorvete	Just Burgers sorveteria Di Argentó
Bares e restaurantes	Riverside's Shikki Dado Pub Lê Bistrot Constantino Café			
Restaurantes			Távola Redonda Orquestra de Painéis Armazém Culinária	

Fonte: pesquisa empírica

a) **Subespaço Bistrôs** (esquina da Rua Fernando Gomes com a Rua Padre Chagas)

Neste subespaço, que abriga os “bares e restaurantes”, as edificações estão “escondidas” atrás das fachadas elaboradas (e até mesmo reconstituídas), por meio do uso de letreiros, placas e luminosos, conforme podemos ver na figura 31, que mostra o tratamento dado à fachada do Dado Pub (esquina da Rua Fernando Gomes com a Rua Padre Chagas). Diferentemente da Cidade Baixa, em muitos casos o tratamento das calçadas tem inspiração européia. A vegetação ganha uma poda especial, aquecedores são distribuídos, a iluminação é diferenciada (figura 32).

O Dado Pub foi eleito pelo júri da revista *Veja* Porto Alegre (2006/2007) como sendo “o melhor para paquerar”. Com relação ao bar, a revista publicou:

“O balcão é o lugar ideal para quem está procurando uma companhia. É ali que os clientes desacompanhados costumam começar a noite. Às vezes, até os garçons são mobilizados para ajudar: eles entregam os bilhetinhos dos interessados” (VEJA Porto Alegre –2006/2007, p. 125)

Figura 31: Fachada iluminada do Dado Pub



Figura 32: Vista do Dado Pub (calçada da Fernando Gomes)



b) *Subespaço calçada da fama* (esquina da Rua Fernando Gomes com a Rua Padre Chagas).

O subespaço *calçada da fama* recebeu este nome, pelo qual é conhecido popularmente, por ser um local para “ver e ser visto”. Os bares desse subespaço ocupam casas antigas, como o caso da Tortaria e do Mulligan, os quais mantêm um tratamento especial para as mesas na calçada, cobertas e sobre platôs⁶ em alguns casos, conforme podemos ver nas figuras 33 e 34. No mesmo subespaço encontramos uma morfologia diferenciada nos bares Liliputh e Jazz café, localizados no térreo de um edifício comercial de grande porte e com vasta ocupação da calçada, criando uma grande e única área de mesas (cobertas por marquise e toldo), que permite circulação de pedestres apenas junto ao meio-fio. A figura 35 mostra a área onde as mesas serão dispostas durante a noite.

O pub Mulligan é um dos estabelecimentos mais “jovens” do subespaço. Destaca-se por ser especializado em diversos tipos de cervejas e ter um cardápio especializado. A revista *Veja Porto Alegre – o melhor da cidade* (2006) publicou:

“O espaço integra o seletto grupo de pubs brasileiros que vendem a cerveja irlandesa Guinness. (...) Serve também chopes franceses, ingleses, além de marcas nacionais feitas artesanalmente. O pub oferece um prato típico da Irlanda, a panqueca de batata gaelic boxty, com cinco tipos de recheio” (VEJA Porto Alegre –2006/2007, p. 98)

⁶ O caso dos platôs nessa esquina torna viável o uso de mesas, devido ao pequeno desnível da topografia local

Figura 33: Mulligan



Figura 34: Tortaria



Figura 35: Jazz Café e Liliputh



c) *Subespaço alimentação* (trecho da Rua Padre Chagas, entre as ruas Hilário Ribeiro e Luciana de Abreu)

Denominamos de *alimentação* este subespaço pelo fato de os estabelecimentos, distribuídos ao longo da Rua Padre Chagas, estarem na maioria vinculados a esse propósito. Os estabelecimentos locados neste subespaço estão, em sua maioria, em casas antigas, ou em parte delas, no térreo, ou onde originalmente era a garagem (no nível da calçada). Da mesma forma que no subespaço bistrôs, neste subespaço algumas das edificações também são “vestidas” como o caso do restaurante Távola Redonda, que agregou elementos diferenciados na fachada e no volume da edificação.

“Listo Pães e Fiambres” reúne em um único espaço padaria, confeitaria e cafeteria. “Torta de Sorvete” aproveitando a movimentação da região durante a noite, agora, além de sobremesas geladas também serve jantas. Os dois estabelecimentos estão em casas antigas restauradas para o uso específico. A figura 36 mostra o uso de toldos, letreiros e luminosos no tratamento das fachadas.

Figura 36: Listo pães e fiambres, e Torta e Sorvetes



d) Subespaço cafés (trecho da Rua Padre Chagas, entre as ruas Luciana de Abreu e Dinarte Ribeiro).

O subespaço *cafés* foi assim denominado tomando-se como referência dois de seus estabelecimentos mais conhecidos: o Café do Porto, e o Z Café. Os bares e restaurantes que o compõem também ocupam casas antigas ou edifícios de pequeno porte, como o caso do Café do Porto. O bar foi o primeiro a ocupar a calçada com mesas, tornando-se conhecido por essa inovação. Na calçada do Café do Porto, foi criada uma barreira de vegetação junto à rua, protegendo quem está nas mesas do ruído e da fumaça dos automóveis, conforme podemos observar na figura 37 e 38.

O Café do Porto foi eleito pelo oitavo ano consecutivo pelo júri da revista VEJA (2006/2007), como a melhor cafeteria, assim retratada pela publicação:

“É comum encontrar pessoas com *notebooks* à mesa, aproveitando também a conexão gratuita à internet sem fio que a casa oferece.” (VEJA Porto Alegre –2006/2007, p. 138)

Figura 37: Calçada do Café do Porto



Figura 38: Café do Porto: Vista frontal



5.4 CARACTERÍSTICAS DE USO DO ESPAÇO

5.4.1 Cidade Baixa: fluxos e usos das calçadas

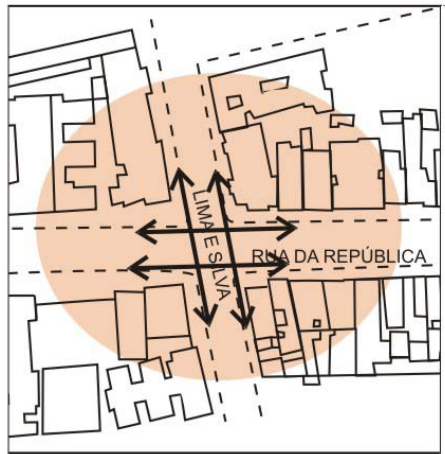
Nas áreas de estudo da Cidade Baixa existem dois cruzamentos que configuram “nós” de movimentação intensa, tanto de pedestres, quanto de automóveis, durante a noite. Um deles está localizado no subespaço *extremo* (Rua da República esquina com a João Alfredo), onde estão os bares mais movimentados do subespaço como o Ossip e o Mercato d’Arte. O outro “nó” está no subespaço *antigo* (Rua da República esquina com Rua General Lima e Silva), onde está localizado o Pingüim, o terceiro bar mais citado pelos entrevistados na Cidade Baixa.

Embora as formas espaciais dos cruzamentos existentes nos subespaços *extremo* e *antigo* sejam semelhantes, existem algumas diferenças capazes de interferir na dinâmica espacial de cada um. No caso do cruzamento existente no subespaço *antigo*, o deslocamento de pedestres e de carros é ordenado. A semelhança das dimensões entre ruas que formam o cruzamento e as sinaleiras contribuem para que toda a movimentação seja organizada, conforme podemos verificar na figura 39. Nas redondezas existe um ponto de táxi, uma parada de ônibus, e um estacionamento pago que contribuem para a movimentação, sendo esta a esquina com maior movimentação de pedestres de toda a área estudada na Cidade Baixa: segundo nossa contagem, cerca de 540 pessoas circularam no intervalo de uma hora, em apenas uma das esquinas do cruzamento, no início de uma noite de sexta feira⁷.

Diferentemente, o cruzamento entre a Rua da República com a Rua João Alfredo, no subespaço *extremo*, gera uma dinâmica noturna mais variada, tanto de pedestres quanto de automóveis. Sem sinaleiras, e com um grande espaço vazio entre as ruas do cruzamento, os carros e principalmente os pedestres têm um movimento desordenado. A existência de bares em três pontas do cruzamento gera deslocamentos que formam um triângulo, conforme nos mostra a figura 40. Nas redondezas também existem um ponto de táxi, uma parada de ônibus e um estacionamento pago, mas a movimentação de pedestres é menor: nas mesmas condições de contagem descritas no outro cruzamento a quantidade de pedestres diminui para cerca de 300 pessoas.

⁷ Este número refere-se a apenas uma esquina. Ver ponto exato da contagem de pedestres no mapa 08.

Figura 39: Cidade Baixa: Nó de movimentação ordenada no subespaço *antigo* (desenho sem escala)



Subespaço antigo: dinâmicas ordenadas.



* presença de sinalleiras



* as pessoas e os automóveis se movimentam de forma ordenada.

Figura 40: Cidade Baixa: Nó de movimentação desordenada no subespaço *extremo* (desenho sem escala).



Subespaço extremo: dinâmicas desordenadas.



* Movimento de automóveis em todas as direções.

* Não há sinalleiras.



* Bares em disposição triangular.

* Movimento lento devido ao grande número de carros, em tornadas 23h.

Por meio da contagem de pedestres que fizemos nas calçadas desses nós de maior movimentação⁸ da Cidade Baixa, entre 21h30min e 23h30min, durante o primeiro fim de semana do mês de maio de 2006, quando a temperatura já havia caído um pouco, percebemos que o movimento de pessoas caminhando nos pontos de contagem era semelhante: em torno de 5 pessoas por minuto. Contudo, o destaque foi para a esquina na frente do bar e restaurante Pingüim, no subespaço *antigo*, onde transitaram aproximadamente 9 pessoas por minuto. De acordo com o depoimento de um funcionário do bar, no fim de semana o Pingüim chega a ser freqüentado por 800 pessoas por noite, o recorde de pessoas por bar numa noite de fim de semana, nos dois bairros deste estudo. Embora a contagem tenha sido feita por pessoa, na prática elas transitam em grupos de, em média, de 3 pessoas. Existem intervalos com trânsito nulo, até vir o próximo grupo. O mapa 08 auxilia na visualização dos aspectos de intensidade e organização dos fluxos de pedestres.

Um fator que contribui para que a contagem de pedestres no subespaço *antigo*, em frente ao bar Pingüim, seja maior do que aquele verificado no subespaço *extremo*, em frente ao bar Ossip, por exemplo, é o horário em que foi feita a contagem de pedestres (feita nos horários de maior movimentação de cada subespaço) Uma vez que no subespaço *antigo* o auge do movimento é mais cedo, em torno das 21:30h, muitos moradores que estão chegando ou saindo de suas casas por diversos motivos passam pela contagem. Já nos subespaço *extremo*, o movimento tem seu auge mais tarde, em torno de 23:30h, assim os deslocamentos ali registrados correspondem em grande parte à dinâmica noturna gerada pelos bares da região.

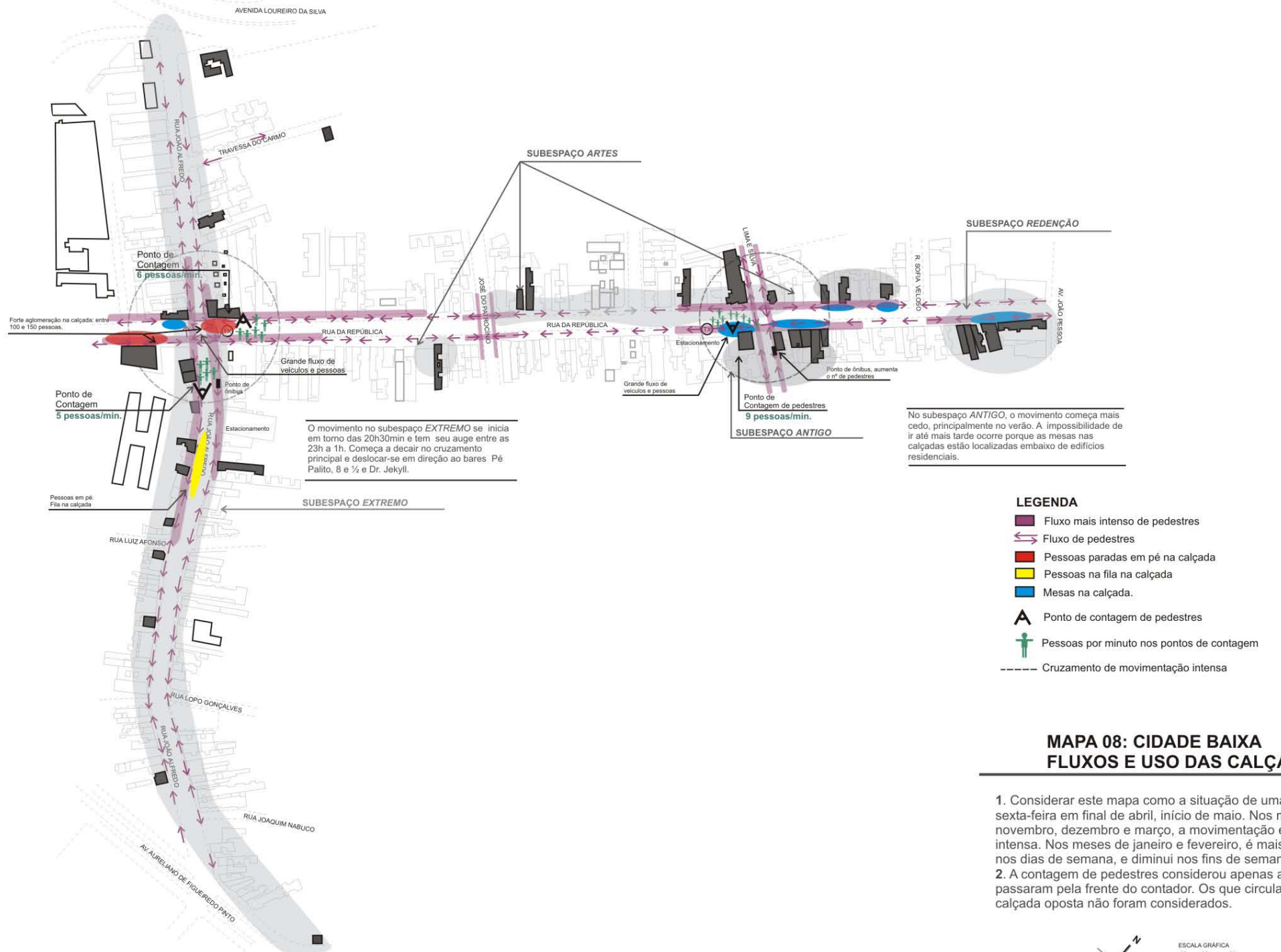
Um fenômeno que se verifica apenas na Cidade Baixa, conforme podemos verificar no mapa 08, é a concentração de pessoas de pé na calçada em frente ao bar Ossip (figuras 41 e 42), situado na esquina da Rua da República com a João Alfredo, no subespaço *extremo*. Nesse local, a calçada parece fazer parte do bar, que tem aproximadamente 15 m². Em uma noite agradável ficam em pé na calçada

⁸ Ver local exato das contagens de pedestres na Cidade Baixa no mapa 08.

de 100 a 150 pessoas. Muito recentemente (entre abril e maio de 2006), uma revendedora de bebidas apelidada de “2 pila”, que vende cerveja a preço de custo, localizada na diagonal do bar Ossip têm reunido cerca de 150 pessoas de pé em uma noite de sexta feira.

Figura 41 e 42: subespaço extremo: calçada em frente ao Ossip em uma noite de sexta feira, em torno da 0:30h





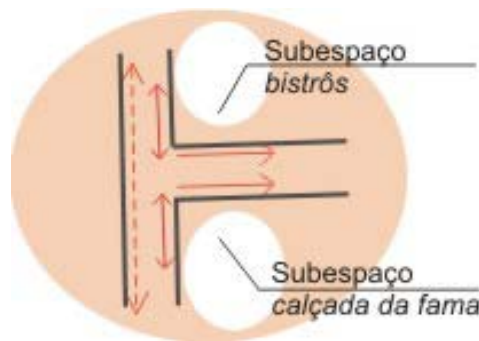
O movimento no subespaço **EXTREMO** se inicia em torno das 20h30min e tem seu auge entre as 23h a 1h. Começa a decair no cruzamento principal e deslocar-se em direção ao bares Pé Palito, 8 e ½ e Dr. Jekyll.

No subespaço **ANTIGO**, o movimento começa mais cedo, principalmente no verão. A impossibilidade de ir até mais tarde ocorre porque as mesas nas calçadas estão localizadas embaixo de edifícios residenciais.

5.4.2 Moinhos de Vento: fluxos e usos das calçadas

No Moinhos de Vento, é importante salientar que a união dos subespaços *bistrôs* e *calçada da fama*, embora espacialmente configure um único espaço em forma de “t”, sugere quanto ao uso dois espaços diferentes. Isso ocorre devido às diferenças entre os subespaços *bistrôs* e *calçada da fama*, no que se refere ao tipo de estabelecimento e, conseqüentemente, ao perfil dos frequentadores. Assim, em vez das duas esquinas configurarem um único subespaço, elas foram separadas em dois subespaços. A dinâmica que acontece durante a noite nesta área se dá de forma separada, conforme mostra a figura 43 .

Figura 43: Moinhos de Vento: subespaços *bistrôs* e *calçada da fama* (desenho sem escala)



No bairro Moinhos de Vento, a contagem de pedestres foi feita no nó de maior movimentação entre 21:30h e 23:30h, esquina da rua Padre Chagas com a rua Fernando Gomes conforme podemos verificar no mapa 09, durante o primeiro fim de semana do mês de maio de 2006, e mostrou que o número de pessoas caminhando era semelhante nos dois bairros: em torno de 5 pessoas por minuto. Uma vez que no Moinhos de Vento as pessoas não tem o hábito de circular entre os bares durante a noite, a dinâmica noturna nos eixos de estudo não é intensa. O movimento dos pedestres parece ocorrer do local onde o carro foi estacionado até o bar, e da mesma forma que no bairro Cidade Baixa, ela ocorre em grupos.



LEGENDA

- Cruzamento de grande movimentação
- ↔ Fluxo de pedestres
- ▬ Fluxo intenso de pedestres
- ▭ Mesas na calçada
- ▲ Ponto de contagem de pedestres
- 👤 Pessoas por minuto no ponto de contagem (5 pessoas).

MAPA 09: MOINHOS DE VENTO FLUXOS E USOS DAS CALÇADAS

1. Considerar este mapa como a situação de uma noite de sexta-feira em final de abril, início de maio. No verão, nos meses de novembro, dezembro, março a dinâmica noturna atinge seu pico. Nos meses de janeiro e fevereiro, é mais intensa nos dias de semana.
2. A contagem de pedestres considerou apenas as pessoas que passavam pela frente do contador. Aquelas que circulavam na calçada oposta não foram consideradas.



O capítulo V iniciou-se relacionando a formação atual dos subespaços ao desenvolvimento histórico em cada bairro. Os bares existentes em cada subespaço foram classificados para posterior análise morfológica. No que se refere à classificação dos bairros, verificamos que no bairro Moinhos de Vento grande parte dos estabelecimentos está vinculada à alimentação, enquanto na Cidade Baixa a alimentação é menos importante, uma vez que grande parte dos bares é classificada como boteco. Quanto aos aspectos morfológicos, encontramos na Cidade Baixa edificações antigas originais e poucas transformações para conversão em bar. No Moinhos de Vento, diferentemente, as edificações foram e estão sendo transformadas e parte está sendo reconstruída.

O capítulo foi finalizado com a análise do fluxo e do uso das calçadas. Nesta análise, dois fatores merecem destaque. Primeiramente, a diferença no caráter do fluxo nos dos bairros (embora em quantidade eles sejam semelhantes): enquanto na Cidade Baixa as pessoas perambulam de bar em bar, no Moinhos de Vento elas deslocam-se apenas da origem ao destino. O segundo fator que merece destaque é uso das calçadas como extensão do bar, não com mesas nas calçadas, mas com as pessoas paradas em pé, bebendo e conversando. Este uso das calçadas ocorre apenas na Cidade Baixa e principalmente em frente ao bar Ossip.

Se SANTOS (2002, 317) está certo ao dizer que *“a socialidade é mais intensa quanto maior for a proximidade no espaço físico com as pessoas envolvidas”*, podemos considerar que o Ossip é um espaço de alta socialidade, uma vez que as pessoas ficam muito próximas de pé na calçada em frente ao bar. De fato, a proximidade alimenta situações de socialidade. Mas, dentro do bar, também poderemos pensar da mesma maneira, pois, devido ao mínimo espaço onde as mesas estão dispostas, as pessoas também estão muito próximas. Estendendo esse raciocínio ao bairro, vamos verificar que a Cidade Baixa tem uma capacidade maior para gerar situações de alta socialidade, considerando, por exemplo, o elevado número de “bares garagem” ou botecos que existem no bairro. São espaços

muito pequenos que acomodam poucas mesas, amontoadas. Já no Moinhos de Vento encontramos bares maiores, amplos, com mesas bem distribuídas. Embora também existam os pequenos, como o Café do Porto, eles são em menor número do que na Cidade Baixa.

No capítulo IV, examinamos os aspectos relacionados aos freqüentadores noturnos do bairro. Neste capítulo V, foi a vez de apresentar o espaço e os diversos aspectos relevantes na nossa abordagem relacionados à dimensão espacial. No capítulo VI a seguir, procuraremos estabelecer a relação entre união as *peessoas e o espaço*. Para tanto, os subespaços e seus freqüentadores, migrantes e/ou *habitués*, serão analisados em tornos de questões como: Quem são os *habitués* de determinado subespaço?, Quem são os migrantes?, Eles têm características semelhantes?”

CAPITULO VI - TERRITÓRIO DIVIDIDO: *HABITUÉS* e *MIGRANTES*

Uma vez apresentadas as características dos estabelecimentos noturnos que compõe os subespaços dos bairros, apresentaremos de forma comparativa o perfil resumido dos *habitués* e dos migrantes em cada bairro, na intenção de unir elementos para compor a “aura” desses territórios intrabairro que são os subespaços. O mapa 10 nos auxilia na visualização do perfil dos *habitués* e dos migrantes em cada subespaço da Cidade Baixa, assim como o mapa 12 apresenta o perfil dos *habitués* e dos migrantes nos subespaços do Moinhos de Vento.

6.1 QUEM SÃO OS *HABITUÉS* E QUEM SÃO OS MIGRANTES

Antes de iniciar essa abordagem, precisamos retomar nossas definições de *habitué* e migrante. O *habitué* é aquele que entrevistado em um bairro, disse freqüentar apenas aquele bairro (onde foi entrevistado). Por exemplo, o *habitué* da Cidade Baixa é aquele que declarou freqüentar apenas a Cidade Baixa. O mesmo para o bairro Moinhos de Vento.

O freqüentador *migrante* pode ser de dois tipos: “pendular” ou “eventual”. O *migrante pendular* é aquele que, independente de onde foi entrevistado, declarou freqüentar os dois bairros. É o migrante por excelência. E o *migrante eventual* é aquele que entrevistado em um bairro, disse freqüentar apenas o outro.

6.2 CIDADE BAIXA: *HABITUÉS* e MIGRANTES

6.2.1 Cidade Baixa: perfil dos *habitués* e dos migrantes por subespaço

a) *Subespaço Redenção*

Os *habitués* do subespaço Redenção são predominantemente mulheres entre 26 e 30 anos, com renda entre R\$ 1,5 mil e R\$ 3mil, e têm curso superior incompleto. As Profissões são variadas, mas, na maioria não são altamente remuneradas como por exemplo as de professora e assistente social.

A boemia característica desse subespaço parece não ser atrativa para *habitués* do Moinhos de Vento, uma vez que o subespaço teve apenas um migrante, o qual apresenta perfil semelhante ao perfil do *habitué* da Cidade Baixa, conforme podemos verificar na tabela 19. A diferença está na renda que é mais baixa: até R\$ 1,5 mil, e na escolaridade que é mais alta: curso superior completo de arquitetura. O que nos chama atenção neste migrante é que, embora entrevistado no Moinhos de Vento, citou apenas a Cidade Baixa como bairro preferido para sair à noite. Trata-se do migrante eventual.

Tabela19: Cidade Baixa: Subespaço *redenção*: perfil socioeconômico dos frequentadores

Características predominantes	SUBESPAÇO <i>REDEÇÃO</i>	
	<i>Habitué</i> s	Migrantes
sexo	Feminino	
idade	26-30 anos	
renda	R\$ 1,5mil a R\$ 3 mil	Até R\$ 1,5 mil
escolaridade	Superior incompleto	Superior completo
Bairro que mais frequênta	Cidade Baixa	

Fonte: pesquisa empírica

b) Subespaço Artes

Neste subespaço os *habitués* são mais jovens que no anterior, são na maioria homens, com idade entre 21 e 25 anos, mas estranhamente têm renda mensal mais alta, na faixa R\$ 3mil a R\$ 7 mil. É possível que a elevada renda dos *habitués* desse subespaço se deva ao fato de que muitos dos entrevistados, por serem jovens, ainda moram com a família, e informaram a renda familiar. Têm curso superior completo, e as profissões mais recorrentes entre eles são as de contador e economista, atividades que não se relacionam à arte, principal apelo dos bares que compõem este subespaço.

Da mesma forma, os migrantes não se relacionam profissionalmente à arte. São na maioria mulheres, advogadas, com a mesma faixa etária dos *habitués*, entre 21 e 25 anos. A renda também é alta: R\$ 7mil a 15mil, assim com a escolaridade em nível de pós-graduação. Os migrantes desse subespaço frequêntam os dois bairros estudados, o que os torna migrantes pendulares, conforme nos mostra a tabela 20.

Tabela: 20: subespaço *artes*: perfil socioeconômico dos frequentadores

Características predominantes	SUBESPAÇO <i>ARTES</i>	
	<i>Habitué</i> s	Migrantes
sexo	Masculino	Feminino
idade	21-25 anos	
renda	R\$ 3mil a 7mil	R\$ 7mil a 15mil
escolaridade	Superior completo	Especialização
bairro que mais frequênta	Cidade Baixa	Cidade Baixa e Moinhos de Vento

Fonte: pesquisa empírica

c) *Subespaço Antigo*

O perfil dos *habitués* deste subespaço é bastante diferente do perfil dos migrantes. Os *habitués* são na maioria homens, têm entre 21 a 25 anos e a faixa de renda predominante é de R\$ 1,5 mil a 3 mil. Muitos ainda são estudantes, mas a maior parte tem curso superior completo, e entre as profissões predominantes estão professores e biólogos, principalmente entre os *habitués* do Pingüim.

Os migrantes, por frequentarem os dois bairros de estudo, são do tipo pendular. São na maioria mulheres, arquitetas, e estão na faixa de 26 a 30 anos. A renda (R\$ 3 mil a 7 mil) e a escolaridade (pós-graduação) dos migrantes é superior a dos *habitués*, conforme podemos verificar na tabela 21.

Tabela 21: subespaço antigo: perfil socioeconômico dos freqüentadores

Características predominantes	SUBESPAÇO ANTIGO	
	<i>Habitué</i> s	Migrantes
sexo	Masculino	Feminino
idade	21-25 anos	26-30 anos
renda	R\$ 1,5 mil a 3 mil	R\$ 3mil a 7mil
Escolaridade	Superior incompleto	Especialização
bairro que mais freqüenta	Cidade Baixa	Cidade Baixa e Moinhos de Vento

Fonte: pesquisa empírica

d) Subespaço Extremo

Existem algumas semelhanças entre os *habitués* e os migrantes do subespaço extremo, tais como escolaridade e faixa etária. Conforme nos mostra a tabela 22, os homens são predominantes entre os *habitués* deste subespaço. Têm entre 26 e 30 anos, faixa de renda entre 1,5 mil a 3mil e curso superior completo. Entre as profissões, mais recorrentes estão a advocacia, publicidade (principalmente entre os *habitués* do Mercato d'Arte e do Ossip¹) e jornalismo.

Os migrantes são na maioria mulheres, com faixa etária predominante também entre 26 e 30, mas com renda de R\$ 3 mil a 7 mil, superior à dos *habitués*. Possuem curso superior completo e são na maioria arquitetas e publicitárias, principalmente aquelas que freqüentam o bar Ossip, e psicólogas, principalmente as freqüentadoras do Mercato d'arte.

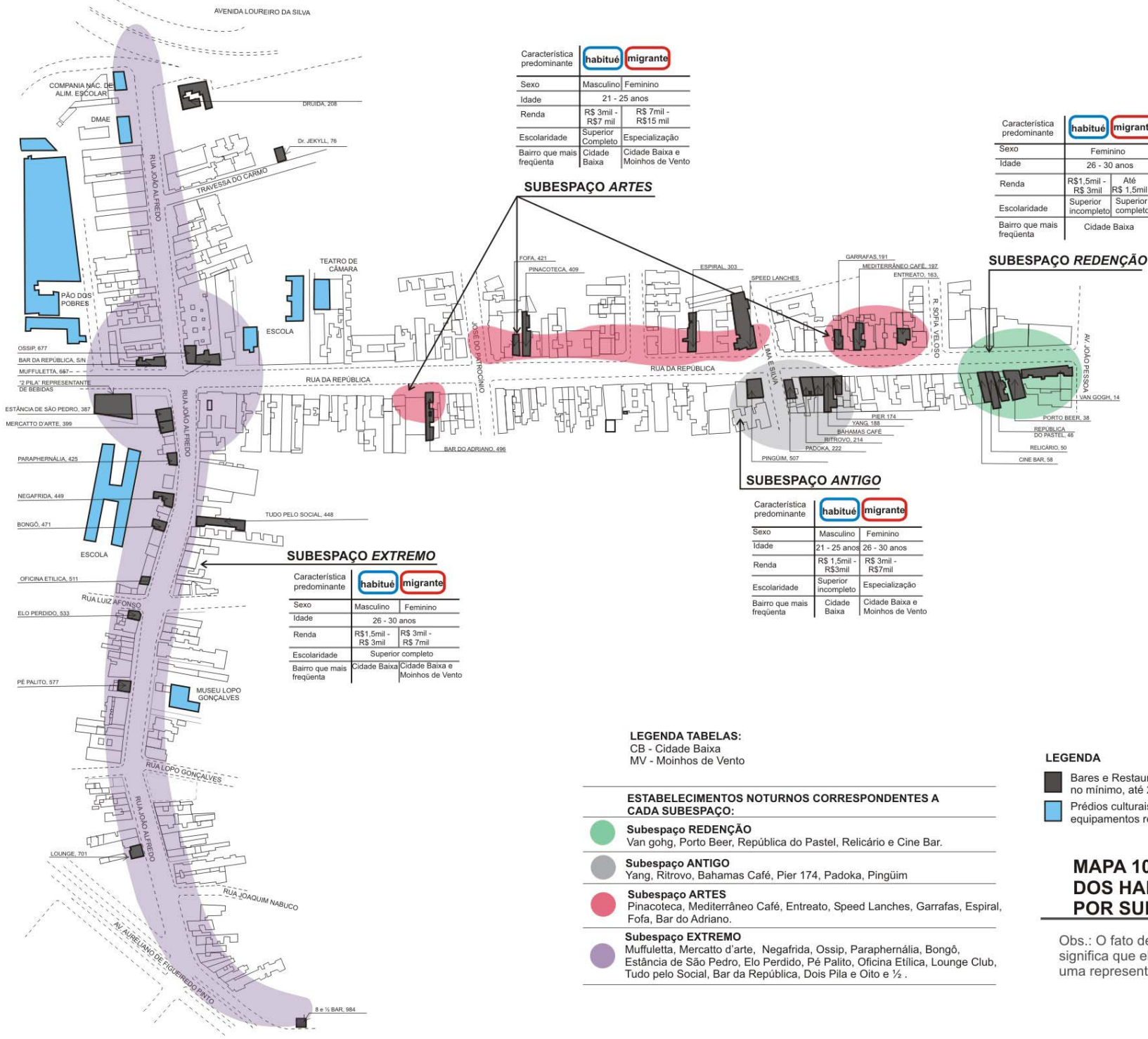
¹ Ver perfil dos *habitués* e migrantes por bares da Cidade Baixa no anexo 2.

A tabela 22 nos mostra que os migrantes desse subespaço freqüentam os dois bairros estudados, e são, portanto migrantes pendulares. Este perfil nos remete às *patricinhas* ou *neopatricinhas* descritas por ROCHA (2004) que estariam passando a freqüentar a cena *underground* da cidade. Nossos dados indicam que elas estariam migrando para este subespaço

Tabela 22: subespaço extremo: perfil socioeconômico dos freqüentadores

Características predominantes	SUBESPAÇO EXTREMO	
	<i>Habitué</i>	Migrantes
sexo	Masculino	Feminino
idade	26-30 anos	
renda	R\$ 1,5mil a R\$ 3mil	R\$ 3mil a R\$ 7mil
escolaridade	Superior completo	
bairro que mais freqüenta	Cidade Baixa	Cidade Baixa e Moinhos de Vento

Fonte: pesquisa empírica



LEGENDA TABELAS:
 CB - Cidade Baixa
 MV - Moinhos de Vento

- ESTABELECIMENTOS NOTURNOS CORRESPONDENTES A CADA SUBESPAÇO:**
- Subespaço REDENÇÃO**
 Van gogh, Porto Beer, República do Pastel, Relicário e Cine Bar.
 - Subespaço ANTIGO**
 Yang, Ritrovo, Bahamas Café, Pier 174, Padoka, Pingüim
 - Subespaço ARTES**
 Pinacoteca, Mediterrâneo Café, Entreato, Speed Lanches, Garrafas, Espiral, Fofa, Bar do Adriano.
 - Subespaço EXTREMO**
 Muffuleta, Mercatto d'arte, Negafrida, Ossip, Paraphernália, Bongô, Estância de São Pedro, Elo Perdido, Pé Palito, Oficina Etlica, Lounge Club, Tudo pelo Social, Bar da República, Dois Pila e Oito e 1/2 .

LEGENDA

- Bares e Restaurantes que permanecem abertos, no mínimo, até 23h.
- Prédios culturais como teatros e museus, ou equipamentos relevantes.

MAPA 10: CIDADE BAIXA - PERFIL DOS HABITUÉS E DOS MIGRANTES POR SUBESPAÇOS

Obs.: O fato de toda a edificação estar hachurada não significa que ela seja toda ocupada, trata-se apenas de uma representação.

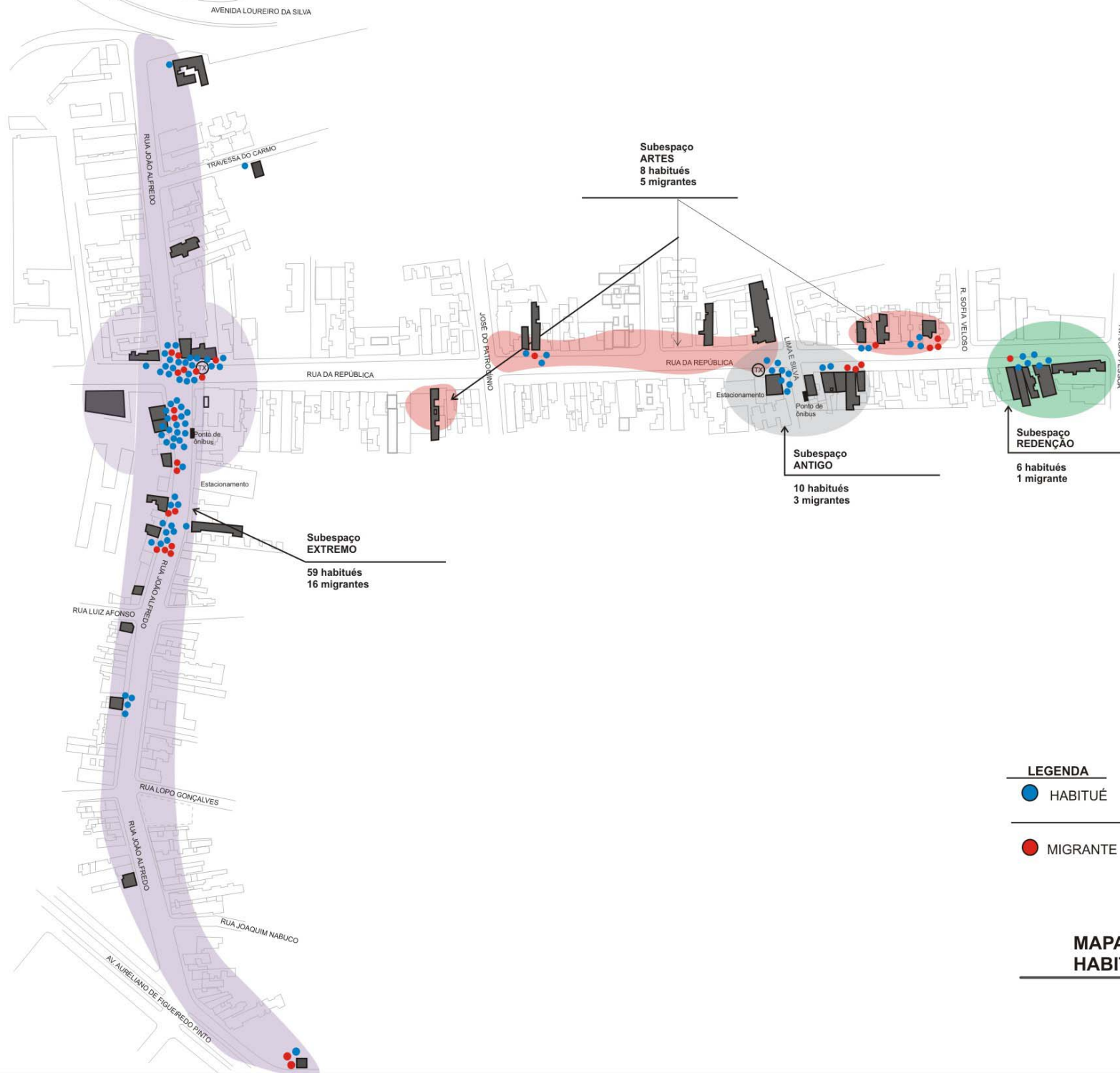


6.2.2 Onde se misturam *habitués* e migrantes: qual o território mais exclusivo da Cidade Baixa?

O mapa 11 foi desenvolvido com o objetivo de facilitar a identificação dos subespaços para os quais vão os migrantes, e verificar onde se dá essa “mistura” entre eles e os *habitués*. Para a realização deste mapa que mostra as migrações espacialmente, tomamos como base as respostas à questão 14 do questionário, que solicitava que a pessoa indicasse os dois bares aos quais costumava ir no(s) bairro(s) que mais freqüentava.

Assim, verificamos que na Cidade Baixa o subespaço mais procurado pelos migrantes, em termos relativos, isto é, tomando o número de migrantes para cada *habitué*, é o subespaço *artes*, com a presença de 5 migrantes para 8 *habitués*, ou seja, 0,63 migrantes para cada *habitué*. O segundo mais procurado é, do ponto de vista relativo, o subespaço *extremo*, com 16 migrantes para 59 *habitués*, ou seja, 0,27 migrantes por *habitué*. Esses dados indicam que existe uma presença mais maciça de migrantes em relação aos *habitués* no subespaço *artes*, aumentando a possibilidade de encontro entre eles. Embora no subespaço *extremo* existam mais migrantes, existem também mais *habitués*, o que indica maior dispersão entre eles. No subespaço *antigo* 3 pessoas migraram “misturando-se” com 10 *habitués*, e por fim, o subespaço *redenção* teve apenas 1 migrante entre os 6 *habitués*.

Dessa forma, a resposta para nossa questão inicial é que o território mais exclusivo da Cidade Baixa é o subespaço *redenção*. Ali, na esquina da Rua da República com a Avenida João Pessoa, em torno do bar Van Gogh e das proximidades com o parque Redenção, só é freqüentador quem ainda parece cultivar as características boemias verificadas no histórico do bairro, que construíram e mantêm a identidade peculiar da Cidade Baixa.



LEGENDA

- HABITUÉ
- MIGRANTE

MAPA 11: CIDADE BAIXA
HABITUÉS versus MIGRANTES

ESCALA GRÁFICA
 0 25 50 100

6.3 MOINHOS DE VENTO: *HABITUÉS* e MIGRANTES

6.3.1 Moinhos de Vento: perfil dos *habitués* e dos migrantes por subespaço

a) *Subespaço Bistrôs*

A única semelhança entre os *habitués* e os migrantes deste subespaço é que são na maioria homens. Conforme podemos verificar na tabela 23, os *habitués* têm entre 21 e 25 anos, curso superior completo e renda de R\$ 3mil a R\$ 15mil. Entre as profissões dos *habitués* a mais recorrente é jornalista. Os migrantes têm predominantemente mais idade, de 36 a 45 anos, menos escolaridade, curso superior incompleto, e menor renda, de R\$ 1,5 mil a R\$ 3mil. As profissões são variadas, não havendo nenhuma predominante. Por freqüentarem os dois bairros são migrantes pendulares.

Essas diferenças acentuadas no perfil dos freqüentadores, *habitués* e migrantes, desse subespaço leva-nos à conclusão de que se trata de um território eclético. Outra característica que chama a atenção é que os *habitués* desse subespaço, embora sejam mais jovens, têm mais dinheiro e escolaridade que os migrantes.

Tabela 23: subespaço bistrôs: perfil socioeconômico dos freqüentadores.

Características predominantes	SUBESPAÇO BISTRÔS	
	<i>Habitués</i>	Migrantes
sexo	Masculino	
idade	21-25 anos	36-45 anos
renda	R\$ 3 mil a 15mil	R\$ 1,5mil a 3mil
escolaridade	Superior completo	Superior incompleto
bairro que mais freqüenta	Moinhos de Vento	Cidade Baixa e Moinhos de Vento

Fonte : pesquisa empírica

b) *Subespaço Calçada da Fama*

Existem três aspectos em comum entre os *habitués* e os migrantes que freqüentam o subespaço *calçada da fama*, conforme podemos verificar na tabela 24. Tanto *habitués* como migrantes têm idade entre 26 e 30 anos, renda de R\$ 3mil a R\$ 7mil, e freqüentam os dois bairros de estudo quando saem à noite. Esses aspectos em comum contribuem para a formação de uma identidade neste território.

As diferenças entre *habitués* e migrantes referem-se aos demais aspectos que compõem o perfil do subespaço. Por exemplo, os *habitués* do subespaço *calçada da fama* são na maioria mulheres e têm educação superior em nível de pós-graduação. As profissões são variadas, mas na maioria são estudantes, profissionais liberais, empresários e exportadores. Já os migrantes são na maioria homens com educação em nível superior completo. As duas únicas profissões que se repetem entre os migrantes é a de bancário, e jornalista, e o restante é profissional liberal.

Tabela 24: subespaço *calçada da fama*: perfil socioeconômico dos freqüentadores

Características predominantes	SUBESPAÇO <i>CALÇADA DA FAMA</i>	
	<i>Habitués</i>	Migrantes
sexo	Feminino	Masculino
idade	26-30 anos	
renda	R\$ 3 mil a R\$ 7mil	
escolaridade	Especialização	Superior completo
bairro que mais freqüenta	Cidade Baixa e Moinhos de Vento	

Fonte: pesquisa empírica

c) *Subespaço Alimentação*

Esta pesquisa não registrou nenhuma migração para este subespaço. A explicação para isso pode estar no fato de que o subespaço alimentação não comporta nenhum bar que esteja “na moda” como o subespaço *calçada da fama* tem o Mulligan, por exemplo. Pelo contrario, é composto por estabelecimentos voltados para o público do bairro, uma vez que muitos servem almoço para as pessoas que trabalham nas redondezas e voltam a abrir as portas no turno da noite.

A este subespaço houve uma única¹ referência, feita por um *habitué* do sexo feminino, com idade entre 21 e 25 anos, com educação em nível de especialização, e renda de até R\$ 1,5 mil mensais, conforme a tabela 25 apresenta. Este *habitué* fez referência à padaria e cafeteria Listo Pães e Fiambres.

tabela 25: subespaço alimentação: perfil socioeconômico dos freqüentadores

Características predominantes	SUBESPAÇO ALIMENTAÇÃO	
	<i>Habitués</i>	Migrantes
sexo	Feminino	_____
idade	21-25 anos	_____
renda	até R\$ 1,5 mil	_____
escolaridade	especialização	_____
bairro que mais freqüenta	Moinhos de Vento	_____

Fonte : pesquisa empirica

¹ Não houve nenhuma migração aos bares deste subespaço.

d) *Subespaço Cafés*

No subespaço *cafés*, à exceção da faixa etária predominante, que é a mesma para *habitués* e migrantes, os freqüentadores possuem perfis diferenciados, conforme mostra a tabela 26..

Conforme mostra a tabela 26, entre os *habitués* a maioria é do sexo feminino, têm ente 26 e 30 anos, tem renda entre R\$ 3mil e R\$ 7mil, e curso superior incompleto, sendo a maioria dos *habitués* estudante universitário. Com relação às profissões destaca-se a medicina, talvez isso indique o fato de ser uma área com grande número de consultórios médicos. Os migrantes são predominantemente homens, entre 26 e 30 anos com curso superior completo, e entre as profissões a advocacia se destaca. Entre os migrantes desse subespaço, o que nos chama a atenção é a elevada renda predominante, de R\$ 7 mil a R\$ 15 mil uma faixa acima da dos *habitués*. Além de ser a maior faixa de renda neste subespaço, é a mais elevada entre os migrantes dos demais subespaços do Moinhos de Vento, o que indica que este é o território preferido pelos migrantes com maior poder aquisitivo².

Tabela 26: subespaço cafés: perfil socioeconômico dos freqüentadores

Características predominantes	SUBESPAÇO CAFÉS	
	<i>Habitués</i>	Migrantes
sexo	Feminino	Masculino
idade	26-30 anos	
renda	De R\$ 3 a 7 mil	De R\$ 7 a 15 mil
escolaridade	Superior incompleto	Superior Completo
bairro que mais freqüenta	Moinhos de Vento	Cidade Baixa e Moinhos de Vento

Fonte : pesquisa empírica

² Ver perfil dos *habitués* e migrantes do Moinhos de Vento detalhado por bares em cada subespaço no ANEXO 3.

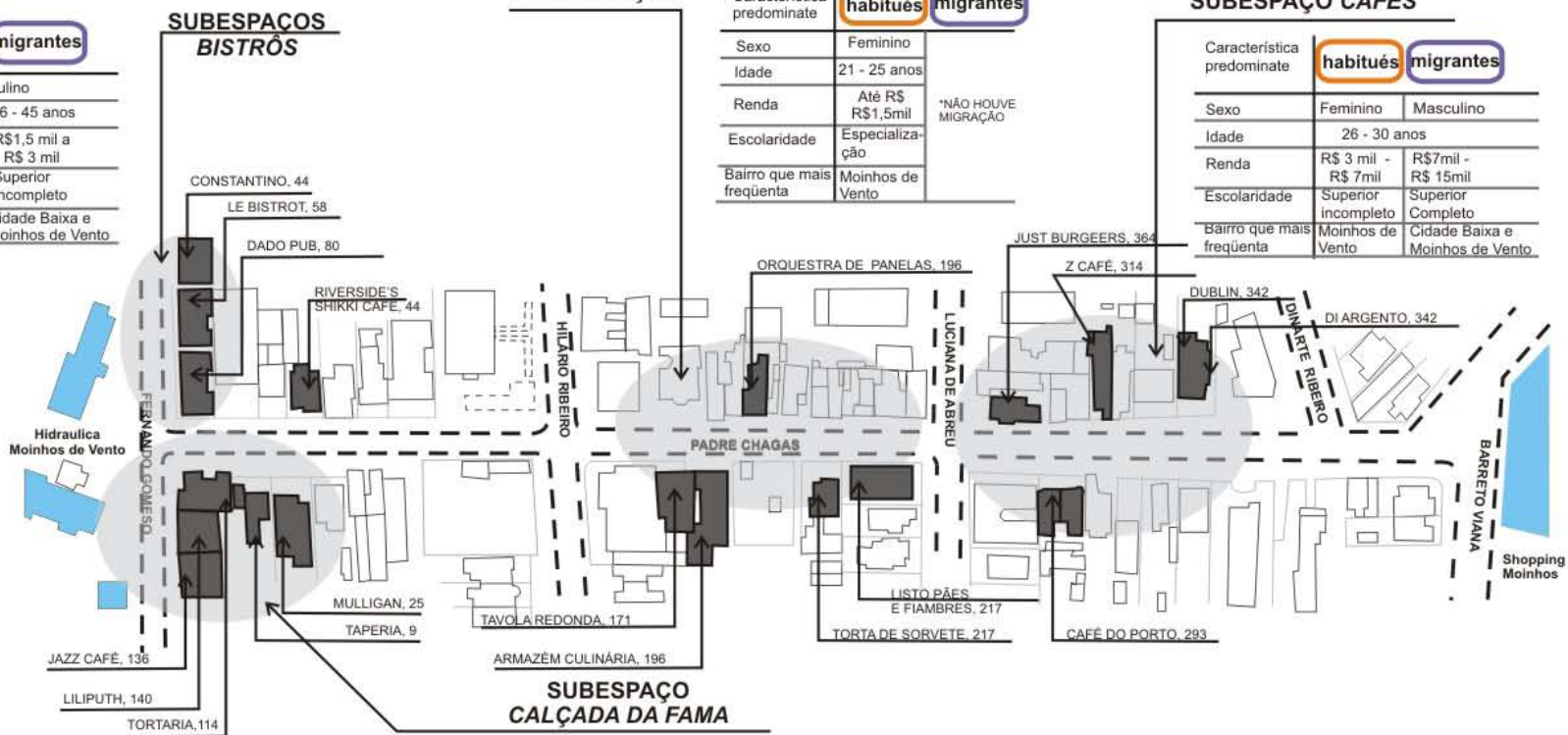
Característica predominante	habitúes	migrantes
Sexo	Masculino	
Idade	21 - 25 anos	36 - 45 anos
Renda	R\$ 3mil - R\$15mil	R\$1,5 mil a R\$ 3 mil
Escolaridade	Superior Completo	Superior Incompleto
Bairro que mais frequênta	Moinhos de Vento	Cidade Baixa e Moinhos de Vento

SUBESPAÇO ALIMENTAÇÃO

Característica predominante	habitúes	migrantes
Sexo	Feminino	
Idade	21 - 25 anos	
Renda	Até R\$ R\$1,5mil	
Escolaridade	Especialização	
Bairro que mais frequênta	Moinhos de Vento	

SUBESPAÇO CAFÉS

Característica predominante	habitúes	migrantes
Sexo	Feminino	Masculino
Idade	26 - 30 anos	
Renda	R\$ 3 mil - R\$ 7mil	R\$7mil - R\$ 15mil
Escolaridade	Superior Incompleto	Superior Completo
Bairro que mais frequênta	Moinhos de Vento	Cidade Baixa e Moinhos de Vento



Característica predominante	habitúes	migrantes
Sexo	Feminino	Masculino
Idade	26 - 30 anos	
Renda	R\$ 3mil a R\$ 7mil	
Escolaridade	Especialização	Superior completo
Bairro que mais frequênta	Cidade Baixa e Moinhos de Vento	

LEGENDA TABELAS:

CB - Cidade Baixa
MV - Moinhos de Vento

Bares, restaurantes, cafés, pubs etc correspondentes a cada subsaço:

SUBESPAÇO BISTRÔS Dado Pub, Le Bistrô, Constantino, Shikki Café

SUBESPAÇO CALÇADA DA FAMA Jazz Café, Liliputh, Tortaria, Taperia, Mulligan.

SUBESPAÇO ALIMENTAÇÃO Távola Redonda, Armazém Culinária, Torta de Sorvete, Listo Pães e Fiambres.

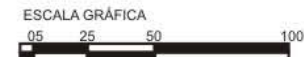
SUBESPAÇO CAFÉS Just Burguers, Z Café, Dublin, Café do Porto.

LEGENDA

■ Bares e restaurantes que permanecem abertos, no mínimo, até 23 h.

■ Equipamentos relevantes.

MAPA12: MOINHOS DE VENTO- PERFIL DOS HABITUÉS E DOS MIGRANTES POR SUBESPAÇOS



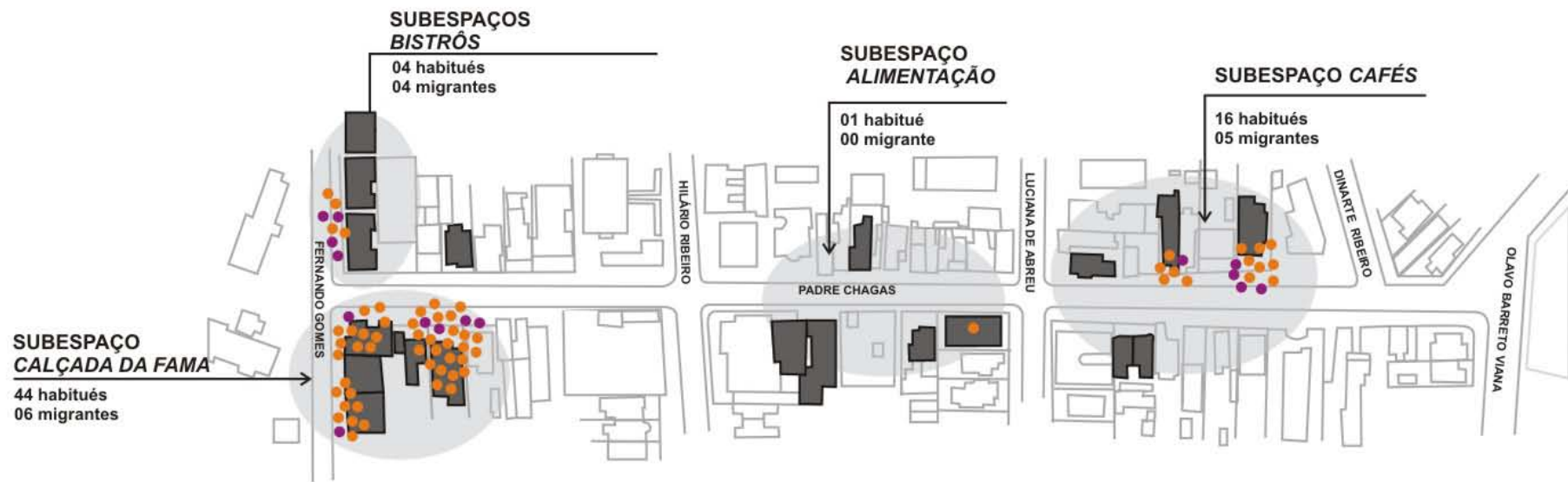
6.3.2 Onde se misturam *habitués* e migrantes: qual o território mais exclusivo no Moinho de Vento?

Existe um território não restrito no Moinhos de Vento, freqüentado igualmente por *habitués* e migrantes. Trata-se do subespaço *bistrôs*, onde verificamos a presença de 4 migrantes e 4 *habitués*. Isto indica que este subespaço, embora esteja no Moinhos de Vento, poderia estar em outro bairro da cidade, uma vez que não existe uma predominância de freqüentadores apenas do Moinhos de Vento. Este aspecto também indica maiores situações de co-presença entre os diferentes – *habitués* e migrantes – mais comuns em ambientes diversos. As questões que giram em torno da diversidade serão retomadas nas considerações finais desse trabalho.

O subespaço *calçada da fama* recebeu em nosso estudo o maior número de migrantes: 6, para 44 *habitués*. No subespaço *cafés*, encontramos 5 migrantes, mas registramos apenas 16 *habitués*, o que significa que nesse subespaço há maior densidade entre migrantes e *habitués*, gerando mais situações de encontro e co-presença. Embora o número de migrantes seja semelhante nos dois subespaços, a comparação com o número de *habitués* os torna diferentes.

O subespaço *alimentação* quase não obteve referências, tendo apenas 1 *habitué* e nenhum migrante.

A visualização do mapa 13 contribui para o entendimento dos fatores descritos acima.



LEGENDA

- HABITUÊ
- MIGRANTE

**MAPA 13: MOINHOS DE VENTO
HABITUÊS versus MIGRANTES**



Neste capítulo, os freqüentadores de cada subespaço, tanto *habitués* quanto migrantes, foram estudados com a intenção de identificar a ocorrência de algum padrão entre o perfil das pessoas e do espaço que costumam freqüentar e finalmente para verificar onde estariam indo os migrantes. Os padrões encontrados, bem como as semelhanças e diferenças mais significativas, estão detalhados a seguir na conclusão deste estudo.

Ao final deste capítulo, passamos a reconsiderar a denominação dada a esses ajuntamentos socioespaciais: será que *subespaços* seria a denominação ideal? O lugar, segundo SANTOS (2002), se expressa na realidade vivida, na proximidade, na socialidade e na vizinhança. Se estamos tratando essas aglomerações como locais com significado e identidade, não seria mais correto então chamá-los de “*sub-lugares*”? Neste trabalho a definição de lugar, conforme especificado no referencial teórico, considera nosso objeto de estudo como sendo a rua, os bares e suas adjacências. Nosso conceito de espaço está inserido na escala de lugar. Pensando desta maneira, estamos de fato tratando de ajuntamentos de pessoas em determinados *lugares*. Nesse sentido, nossos subespaços são, antes de serem “recortes de espaço”, ajuntamentos de pessoas em lugares, podendo ser vistos e denominados, então, como “*sub-lugares*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

7.1 SOBRE A MIGRAÇÃO

Ao final deste trabalho, a primeira consideração a fazer é sobre a migração entre os bairros Moinhos de Vento e Cidade Baixa. Foi levando em conta esse movimento, feito em mão dupla apesar de em intensidades diferentes, que o desenvolvimento do trabalho detalhou, a partir do capítulo V, as categorias de análise nos dois bairros estudados.

No Moinhos de Vento, a porcentagem dos entrevistados que manifestou migrar é 52,6%. Ou seja, mais da metade das pessoas entrevistadas no Moinhos de Vento freqüentavam, além dos bares desse bairro, os da Cidade Baixa. A situação era diferente na Cidade Baixa. Embora existissem migrantes (entrevistados que disseram também ir ao Moinhos de Vento), compunham uma fatia pouco significativa: 24,6%, em comparação com a proporção de 75,4% de *habitúés* (citaram só bares da Cidade Baixa).

Esses dados parecem confirmar a percepção de uma expressiva migração de freqüentadores do Moinhos de Vento para a Cidade Baixa. Uma das pistas para o entendimento dessa migração pode ser a curiosidade pelo diferente. O seguinte trecho da reportagem sobre a migração das *neopatricinhas* para a Cidade Baixa exemplifica esse caso:

“Cada expedição fora dos bairros nobres, segundo o sociólogo paulista Dario Caldas, é garantia de, pelo menos, uma boa história pra contar:

– É quase como fazer um safári urbano. O underground exerce um fascínio muito grande sobre as classes mais favorecidas, embora um fascínio de fachada”. (ROCHA, 2004, p.11)

7.1.1 Existe alteração na dinâmica noturna dos *habitués* através das migrações?

A primeira hipótese deste trabalho associou dinâmica noturna e morfologia. Como a morfologia dos dois bairros em estudo era semelhante, esperava-se que não houvesse alterações na dinâmica noturna relacionada à migração.

Esta hipótese parece não se confirmar completamente, pois encontramos diferenças na dinâmica noturna produzida em cada bairro, em função da migração, mesmo consideradas as semelhanças morfológicas.

Primeiramente, com relação à morfologia das “ruas-eixo” de estudo, é importante salientar que no bairro Moinhos de Vento ela vem sofrendo alterações em algumas partes. Edificações novas para abrigar restaurantes (como o Riverside’s Shikky Café) e lojas (como a Conte Freire) vêm substituindo as antigas construções. Em paralelo, a profusão de elementos nas fachadas das edificações antigas (como no caso do restaurante Távola Redonda) contribui para a perda de uma unidade espacial. Assim, o espaço estudado no Moinhos de Vento apresenta leituras fragmentadas. Diferentemente, na Cidade Baixa, a maior parte dos bares estudados ocupa as edificações respeitando as preexistências, garantindo uma leitura contínua das edificações nos eixos de estudo. Os lotes menores e alinhados e as edificações de pequeno porte das áreas de estudo da Cidade Baixa nos remetem a uma cidade interiorana onde os encontros nas calçadas e as conversas de botequim são constantes.

Isso nos mostra que, pelo menos nas ruas-eixos, mesmo que a configuração geral do espaço seja semelhante, a morfologia dos lugares, embora também tenha suas semelhanças, ostenta diferenças significativas, o que pode de alguma forma ter contribuído para as diferenças na dinâmica noturna dos migrantes. Por exemplo,

nos dois bairros existe a ocupação das calçadas por mesas. No Moinhos de Vento, elas estão, na maioria, organizadas sobre platôs ou decks e são cobertas, o que as torna, portanto, mais parte da edificação do que da rua. Diferentemente, na Cidade Baixa, a edificação não foi transformada para acomodar as mesas, elas estão simplesmente dispostas na calçada.

Com relação às preferências pelo uso do espaço, embora existam semelhanças nos dois bairros, as intensidades diferem. Por exemplo: entre estar na calçada ou dentro do bar, os freqüentadores de ambos manifestaram a preferência pelo ambiente externo, mas em maior parcela no Moinhos de Vento (85,7%) do que na Cidade Baixa (63,5%). Questionados sobre por que estar na calçada, as mesas ali dispostas foram o motivo mais citado nos dois bairros, mas em maior percentual no Moinhos de Vento (61,9%) do que na Cidade Baixa (39,7%). Esse desnível entre os índices pode estar relacionado às distinções morfológicas descritas acima.

Constatamos que a diferença mais significativa com relação ao uso do espaço durante a noite nos dois bairros está relacionada aos hábitos de deslocamento noturno. Das 63 pessoas entrevistadas na Cidade Baixa, 15 disseram preferir caminhar variando os bares durante a noite, ao passo que, das 42 entrevistadas no Moinhos de Vento, apenas 1 declarou ter a mesma preferência. O padrão de movimentação no Moinhos de Vento é andar a pé apenas do carro ao bar.

O único entrevistado nesse bairro a dizer que prefere caminhar variando os bares é um migrante, que também freqüenta a Cidade Baixa. É possível que exista alteração na dinâmica noturna quando o bairro recebe os freqüentadores migrantes. Por meio da representação dos deslocamentos noturnos no Moinhos de Vento, encontradas por nosso estudo (mapa 15), podemos verificar que, entre os *habitués* do bairro, nenhum deslocamento a pé entre os bares foi registrado. Os dois percursos a pé entre bares do Moinhos de Vento foram feitos por migrantes (um entrevistado ali e o outro na Cidade Baixa). O mapa 14, que contém as

representações da dinâmica noturna da Cidade Baixa, indica 13 deslocamentos noturnos entre os bares por *habitués* e apenas 1 por migrante.

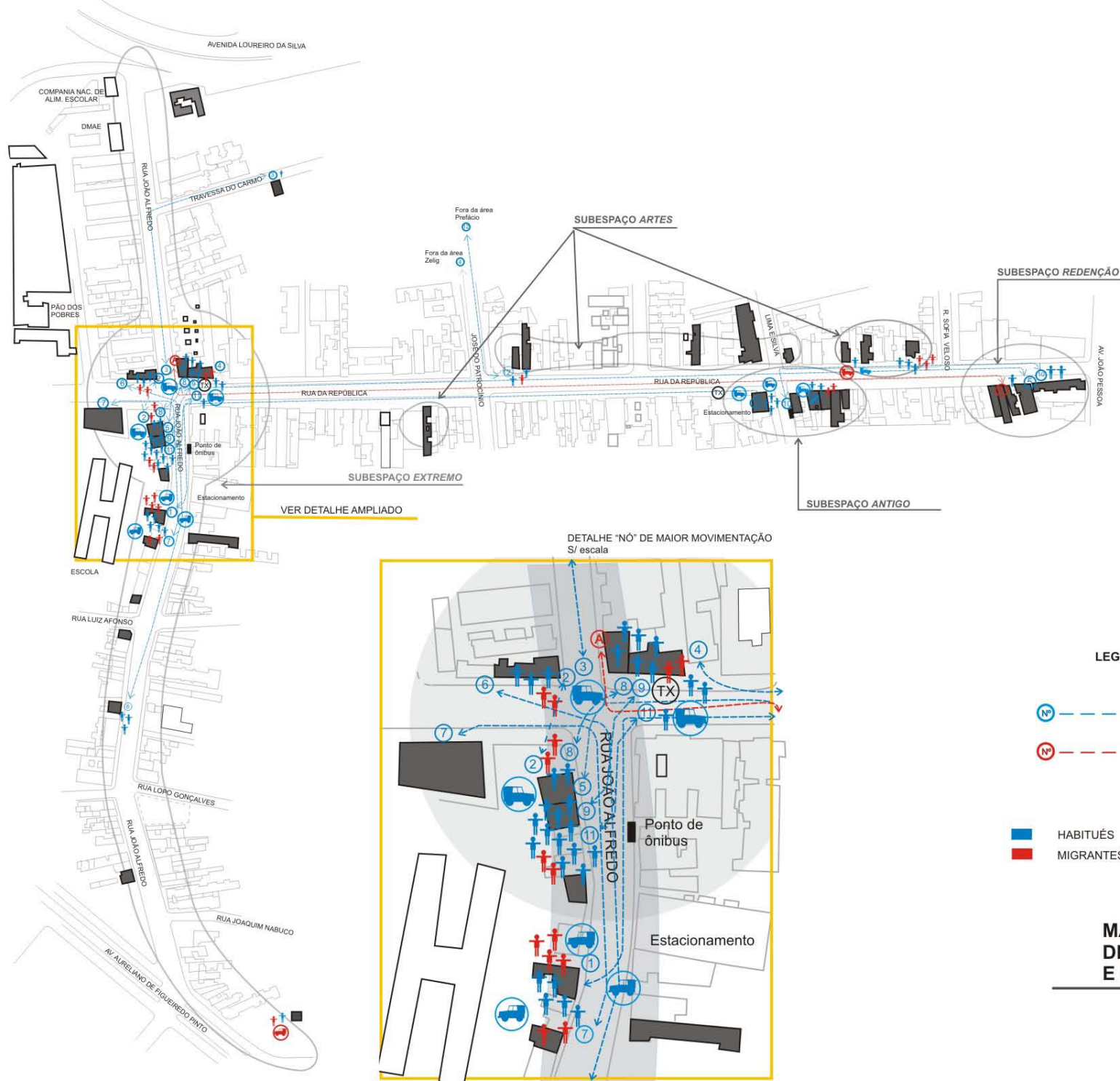
A comparação dos mapas sugere que os migrantes levam consigo seu padrão de uso do espaço. Uma das explicações para esse fenômeno pode estar associada ao fato de que, na maior parte dos casos (58,7% na Cidade Baixa e 57,1% no Moinhos de Vento), as pessoas saem à noite acompanhadas de uma turma de amigos e, quando migram, levam consigo sua turma e seus hábitos. Seria como ir para um país estrangeiro que fala outra língua, acompanhado de um grupo de brasileiros. Haveria muito mais dificuldade em assimilar a língua local do que se tivesse ido sozinho.

Analisando os bairros apenas pelo ponto de vista espacial, verificamos que a distribuição dos bares ao longo dos eixos de estudo é semelhante, organizada em núcleos, que denominamos subespaços. Os eixos do bairro Moinhos de Vento são mais curtos, os bares estão mais próximos entre si, o que justificaria com mais força o deslocamento a pé entre eles do que na Cidade Baixa, onde a distância entre os subespaços é maior. Concluímos que, nestes casos, mesmo que a forma espacial influencie os tipos de uso do espaço, ela não os determina.

Outro aspecto que diferencia a dinâmica noturna dos bairros é o fato de que, no subespaço *extremo* da Cidade Baixa, há lugares em que os freqüentadores ficam em pé na calçada. O fenômeno ocorre em frente ao bar Ossip e em frente ao “2 pila” (distribuidora de bebidas)¹. Nos dias de movimento intenso, boa parte do cruzamento entre a Rua João Alfredo com a Rua da República fica tomada por pessoas em pé, paradas ou em movimento (mapa 08). Muitos migrantes também freqüentam este bar e, neste caso, parecem participar da dinâmica local, uma vez que as diferenças entre as percentagens que indicam o gosto por estar de pé na

¹ No final do desenvolvimento do trabalho o “2 pila” já havia fechado devido a seu funcionamento irregular.

calçada não são significativas entre os bairros: 15,9% na Cidade Baixa e 11,9% no Moinhos de Vento. Esta forma de uso do espaço (ficar parado de pé na calçada) não se repete no Moinhos de Vento, aparentemente por dois motivos. Primeiro: o bairro recebe em baixa quantidade migrantes, os quais poderiam levar seu costume. Segundo: morfologicamente não existe um espaço propício a esse tipo de ocupação, como é o Ossip e o subespaço *extremo*: um bar pequeno com muita procura localizado em uma área com vasto espaço externo.

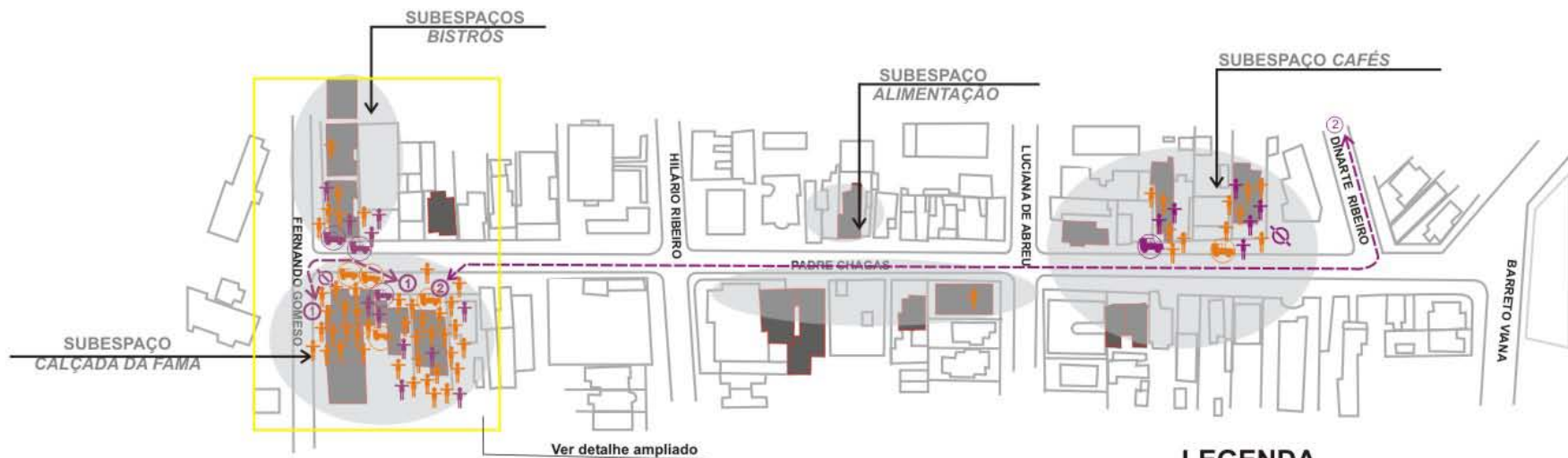


LEGENDA

- ⊕ — ⊖ Deslocamento / percurso feito pé entre os bares por HABITUÉS
- ⊕ — ⊖ Deslocamento / percurso feito pé entre os bares por MIGRANTES
- HABITUÉS
- MIGRANTES
- † Quem vai direto para o bar e depois retorna pra casa
- 🚗 Quem prefere circular de carro durante a noite
- 🔄 Varia de local durante a noite (citou 1 local)

**MAPA 14: CIDADE BAIXA
DESLOCAMENTOS DOS HABITUÉS
E MIGRANTES**



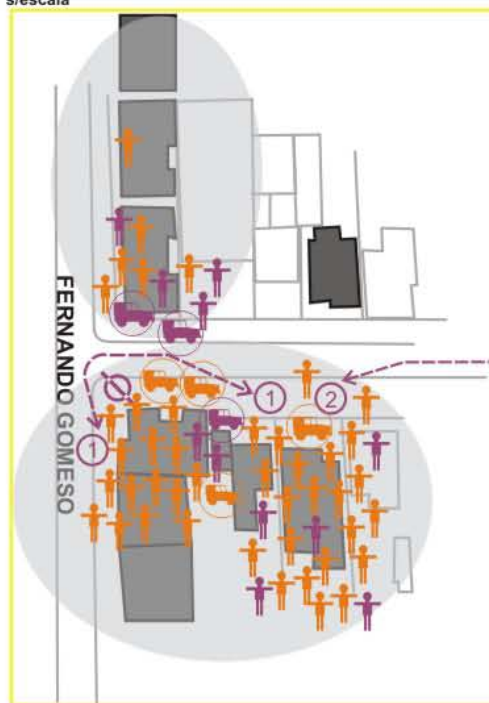


LEGENDA

- Deslocamento/ percurso feito a pé entre bares pelos HABITUÉS
- Deslocamento/ percurso feito a pé entre bares pelos MIGRANTES

- Circula de carro
- Vai direto ao local escolhido
- Varia de local durante a noite (citou 1 local)

DETALHE "NÓ" DE MAIOR MOVIMENTAÇÃO s/escala



MAPA15: MOINHOS DE VENTO DESLOCAMENTOS DOS HABITUÉS E MIGRANTES



7.1.2 Os subespaços atuam na divisão social do espaço formando pequenos territórios?

A segunda hipótese, a de que os subespaços formam pequenos territórios, se verifica. Existe uma organização espontânea dos estabelecimentos noturnos no espaço – conforme verificamos no capítulo 5, que tratou da evolução cronológica dos bares –, formando os subespaços. Verificamos também que os subespaços são formados por bares geralmente semelhantes entre si, tanto no que se refere à morfologia, quanto no que se relaciona ao perfil socioeconômico dos freqüentadores, como verificamos nos capítulos 5 e 6.

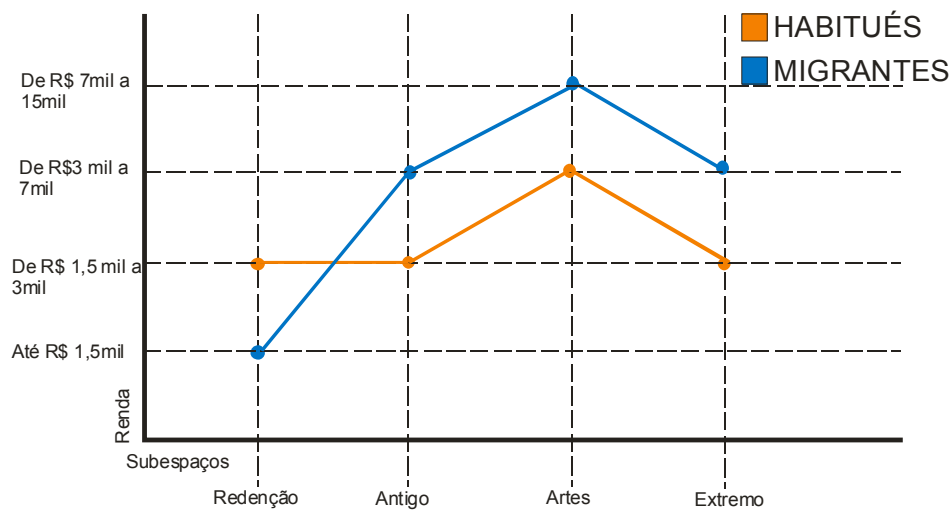
Na Cidade Baixa, concluímos que o subespaço *redenção* (esquina da Rua da República com a Av. João Pessoa) é o mais exclusivo, com uma relação de 6 *habitués* para cada migrante. O caráter mais exclusivo pode estar associado ao fato de que ali se encontram os migrantes com menor faixa de renda entre todos os subespaços (até R\$ 1,5mil). Nesse subespaço, a faixa de renda dos migrantes é menor inclusive do que a dos *habitués*, diferentemente dos demais subespaços, onde a faixa de renda de quem migrou é maior ou igual à dos *habitués*.

Os subespaços *antigo* e *extremo* são os mais equivalentes na relação entre *habitués* e migrantes, ainda que o subespaço *extremo* seja um pouco mais excludente, com uma relação de 3,69 *habitués* para cada migrante, ao passo que no subespaço *antigo* a relação é de 3,33 *habitués* para cada migrante.

O subespaço *artes* é o menos excludente, com uma relação de 1,6 local para cada migrante, ou seja, pode ser considerado o subespaço mais eclético. Apresenta características diversas em relação aos outros subespaços. Entre elas, está o fato de a renda de quem migra para o subespaço *artes* (entre R\$ 7 mil e R\$ 15 mil) ser maior do que a dos migrantes de todos os demais subespaços da Cidade Baixa. Conforme o gráfico 08, a faixa de renda dos que migram para o subespaço *artes* é maior do que verificada entre os que migraram para os demais subespaços da

Cidade Baixa (até R\$ 1,5 mil no subespaço *redenção* e de R\$ 3 mil a R\$ 7 mil no *extremo* e no *antigo*). A renda dos *habitués* (de R\$ 3 mil a R\$ 7 mil) também é maior do que a dos *habitués* dos demais subespaços do bairro (entre R\$ 1,5 mil a R\$ 3 mil). Conforme o gráfico 08, a faixa de renda comum aos *habitués* de todos os demais subespaços da Cidade Baixa é R\$ 1,5 mil a R\$ 3mil.

Gráfico 08: Cidade Baixa: Subespaço *artes*: renda dos *habitués* e dos migrantes



Verificamos que a faixa de renda predominante entre os *habitués* da Cidade Baixa é a mesma nas duas pontas do eixo da Rua da República, ou seja, no subespaço *redenção* (esquina com Av. João Pessoa) e no subespaço *extremo* (esquina com a Rua João Alfredo), assim como a faixa etária dos freqüentadores. O que indica que o subespaço *extremo* recebe grande parte de migrantes, ao passo que no subespaço *redenção* essa migração seja quase nula?

A resposta pode estar na relação entre a faixa etária e a escolaridade dos freqüentadores: enquanto a faixa etária é a mesma nos dois subespaços, a escolaridade é mais alta no subespaço *extremo*, o que pode ser um elemento de ligação entre os freqüentadores do Moinhos de Vento (que têm a escolaridade mais alta entre os dois bairros) e os *habitués* desse subespaço.

No bairro Moinhos de Vento, os subespaços também demarcam pequenos territórios com diferentes perfis socioeconômicos, tanto entre os *habitués*, quanto entre os que migraram. O subespaço *alimentação*, por exemplo, é 100% freqüentado por *habitués*. Trata-se de um subespaço mais voltado para a alimentação do público do bairro, do que para o lazer noturno.

Em seguida, está o subespaço *calçada da fama*, com 7,33 *habitués* para cada migrante. Os bares Liliputh e Jazz Café, responsáveis pelo apelido de *calçada da fama*, são a maior “vitrine” do Moinhos de Vento. Mesmo que o Mulligan faça parte desse subespaço e atraia a atenção de migrantes, com as cervejas diferenciadas e o ambiente de *pub*, não tem força suficiente para transformar este subespaço em um local mais eclético, ainda que tenha atraído 4 das 6 pessoas que migraram para este subespaço. A reportagem publicada em 2004 sobre a migração das *neopatricinhas* indica que, embora esse subespaço não receba muitos migrantes, pode haver freqüentadoras da *calçada da fama* migrando para a Cidade Baixa:

“Cansei de ir aos mesmos lugares, com todo mundo sempre igual preocupado com a aparência. Na Cidade Baixa sempre conheço gente legal e posso ir a um bar direto da academia sem me sentir mal. Se fosse na Calçada da Fama (endereço de bares sofisticados), diria algo como ‘Não repara na minha roupa’, desabafá a advogada Maria Carolina de Oliveira, 29 anos, que destaca ter o estilo de vida de patricinha, ‘mas não a futilidade’.”

(ROCHA, 2004, 10)

O subespaço *cafés* tem 3,2 *habitués* para cada migrante. Chama a atenção que a faixa de renda daqueles que migram para este subespaço seja a mais alta em comparação ao restante das pessoas que migraram para o bairro: de R\$ 7 mil a R\$ 15 mil. Por fim, o subespaço *bistrôs* é o mais eclético, com uma relação de 1 *habitué* para cada migrante. O perfil socioeconômico dos *habitués* do subespaço é

distinto do dos migrantes, com destaque para a escolaridade mais baixa, curso superior incompleto, unida à faixa etária mais elevada (36 a 45 anos) daqueles que migraram.

Assim, verificamos que os subespaços parecem atuar como pequenos territórios que se diferenciam pela morfologia e pelo perfil dos freqüentadores, conforme exposto no capítulo 6, mas principalmente por serem ou áreas exclusivas de seus *habitués*, ou áreas onde a freqüência de *habitués* e migrantes é relativamente equilibrada.

Podemos concluir também que, na Cidade Baixa, as situações de co-presença entre *habitués* e migrantes são mais freqüentes, uma vez que este bairro recebe maior migração. Além das calçadas, isso ocorre no interior dos bares considerados neste estudo como células de interação. Como se pode ler a seguir, o trecho da reportagem do Caderno *Donna* do jornal Zero Hora, sobre a migração das *neopatricinhas* para a Cidade Baixa, também indica que os migrantes levam seus costumes para o novo território, salientando a questão da co-presença entre os diferentes:

“Para a exasperação dos freqüentadores antigos as *neopatricinhas* não seguem o manual dos modernos. Dançam em rodinha, conversando, bebendo e balançando as bolsas a tiracolo, em vez de ‘sentir a música’ (que pode ser entendido como fazer cara de ‘tô nem: aí’) sempre de frente para o DJ”.
(ROCHA, 2004,p.10)¹

Para MAFFESOLI (1995), nas agregações entre grupos sociais, formadas não por um motivo racional, mas sim pela vontade de estar com o semelhante (as quais o autor denomina “*homossocialidade*”, p.55), existiria o risco de exclusão do diferente. Contudo, nos espaços públicos, a co-presença entre as diferentes

¹ Os freqüentadores antigos mencionados acima, são o que chamamos neste trabalho de *habitués*.

agregações de iguais, ou *homossociais*, acaba produzindo uma divisão do espaço entre elas.

No caso do nosso estudo a questão da *persona* como indicador de pertencimento a uma comunidade emocional pode ser vista entre as “neopatricinhas” que, ao migrarem para a cena underground do bairro Cidade Baixa continuam usando o mesmo figurino, calçando, por exemplo, o mesmo “salto agulha” que estão habituadas a usar ao desfilarem na Calçada da Fama no Moinhos de Vento. Uma especulação possível relativa a isso é que, embora a pessoa não pareça querer pertencer às comunidades características do local para o qual migrou, ela pode estar querendo, contudo, consumir por uma noite², a identidade daquele local.

7.2 SOBRE AS NEOTRIBOS

O fato de que os freqüentadores da Cidade Baixa quase não migram, parece estar indicando que a longa tradição boêmia do bairro pode ser mais atraente do que os próprios bares, como revela o fato de as pessoas deslocarem-se a pé pelas suas ruas à noite, perambulando de bar em bar, ou utilizando as calçadas para ficarem de pé em frente a eles. Nessa forma de vivenciar o bairro, a fluidez, que Maffesoli indica como característica das *neotribos*, parece manifestar-se com mais força. Assim, o fato de grande parte dos freqüentadores deste bairro ir a mais de um bar por noite provoca diversos ajuntamentos pontuais (um em cada bar visitado, por exemplo) e, conseqüentemente, diversas dispersões. É como se “peregrinassem” dentro do bairro, unindo-se com determinadas pessoas em um bar, separando-se, unindo-se com outras pessoas em outro bar e assim por diante.

Já no bairro Moinhos de Vento, o bar é em grande parte dos casos o único destino de quem vai até o bairro à noite. Para seus freqüentadores parece ser importante

² Relativo a isso ver : COOK, Ian - *Geographies of material culture*. In: site da Universidade de Birmingham na Internet (www.gees.bham.ac.uk)

que o bar esteja situado neste bairro, que passa a funcionar como um referencial, ou seja, como uma espécie de qualificação de onde se costuma ir à noite, e não como um local onde usufruí-la. Os ajuntamentos pontuais noturnos acontecem menos vezes neste bairro, assim como as dispersões. Assim, a movimentação parece ser mais rígida, menos fluida, obedecendo na maioria das vezes a dois únicos percursos: da casa para o bar, e o do bar para casa.

A tabela abaixo apresenta as características das *neotribos* relacionadas aos freqüentadores de cada bairro:

Tabela 27: Formas Características de *neotribalismo*: Cidade Baixa e Moinhos de Vento

CARACTERÍSTICAS DO NEOTRIBALISMO	
CIDADE BAIXA	MOINHOS DE VENTO
Fluidez mais intensa devido ao grande uso das calçadas durante a noite	Menor fluidez e mais rigidez de movimentações
Forte vínculo com o bairro (quase não migram)	Forte vínculo com o grupo (migram em grupos)
Tendência a participar de vários grupos (ajuntamento) durante a noite	Tendência a participar de poucos grupos (ajuntamento) durante a noite
Tendência a criar vários movimentos de dispersão durante a noite	Tendência a criar poucos movimentos de dispersão durante a noite

A tabela 27 compara os bairros de estudo de acordo com as principais características atribuídas por Maffesoli às *neotribos*, tais como o valor dado ao indivíduo por meio do grupo que freqüenta, a fluidez de movimentação e os ajuntamentos pontuais seguidos de dispersão. De acordo com essas características, poder-se-ia dizer que enquanto os freqüentadores da Cidade Baixa vinculam-se predominantemente com o bairro, os do Moinhos de Vento vinculam-se predominantemente com os outros freqüentadores do bairro.

7.3 SOBRE A DIVERSIDADE

7.3.1 A Cidade Baixa é um bairro mais diverso do que o Moinhos de Vento? Essa característica pode ser um dos fatores para a migração que vem sofrendo?

No decorrer desse estudo, sugerimos que a Cidade Baixa é mais diversa do que o Moinhos de Vento e que esse pode ser um dos motivos para o bairro receber freqüentadores noturnos que migram de outros bairros como o Moinhos de Vento. Nosso questionário não contemplou nenhuma questão específica capaz de identificar ou comparar esta relação. Porém, as respostas deram pistas de que essa diversidade é atraente para quem migra.

Segundo JACOBS (2003), existem quatro condições, que unidas, são capazes de gerar a diversidade socioespacial. São estas:

1ª Condição: O bairro deve atender mais de duas funções principais

A primeira é de que o bairro deve atender mais de duas funções principais, assegurando a presença de pessoas na rua em horários diferentes, e por diferentes motivos. Nos dois bairros de estudo, consideramos que as duas funções sejam a habitação e o comércio. Assim, além das residências, podemos contar com estabelecimentos comerciais como supermercados, bares, restaurantes, academias, cinemas, salas comerciais que atendem a escritórios etc. A mistura das quatro condições precisa ser equivalente e funcionar bem.

Embora esta primeira condição possa ser verificada nos dois bairros de estudo, na Cidade Baixa ela tem mais força. Primeiramente porque, em comparação com o Moinhos de Vento, a Cidade Baixa mistura as duas funções em quase todo o

perímetro do bairro, diferentemente do Moinhos de Vento, que ainda mantém áreas puramente residenciais³.

O ambiente noturno da Cidade Baixa, por se expandir por quase todo o bairro, produz um movimento noturno que mistura moradores e freqüentadores. Na Cidade Baixa, muitos estabelecimentos noturnos estão intrincados no meio das residências. A mistura entre quem está “passeando” e os moradores acontece com mais freqüência nas calçadas também porque os moradores usam mais o transporte coletivo⁴. Grande parte dos prédios não tem garagem, assim o automóvel precisa ser deixado na rua, ou em estacionamentos espalhados pelo bairro, o que força o indivíduo a se deslocar a pé até sua casa, causando uma mistura entre quem está chegando em casa com quem está indo ao bar, por exemplo. Já no Moinhos de Vento a dinâmica noturna está praticamente agrupada nos eixos de estudo, e muitos dos espaços que atendem a esta dinâmica são formados por edifícios comerciais, diminuindo a incidência de moradores circulando no local durante noite.

2ª Condição: A maioria das quadras deve ser curta

Outra condição para a diversidade, segundo JACOBS, é que a maioria das quadras seja curta, e as oportunidades de virar a esquina, freqüentes. Esta condição parece ser contemplada nos dois bairros de forma semelhante. Nos eixos principais de estudo, as quadras têm tamanhos aproximados que variam entre 120 a 200 metros lineares.

3ª Condição: Combinar edifícios com idades e estado de conservação variados

A terceira condição é a combinação de edifícios com idades e estado de conservação variados, incluindo boa percentagem de prédios antigos. Embora esse estudo não tenha produzido um levantamento específico da quantidade exata de

³ Esse aspecto deve-se ao histórico dos bairros: enquanto o Moinhos de Vento formava um bairro aristocrático residencial, a Cidade Baixa já recebia muitos de seus moradores por estes serem os donos dos estabelecimentos comerciais que se firmavam naquela área próxima ao centro da cidade.

⁴ Na Cidade Baixa, 4 das 63 pessoas entrevistadas disseram utilizar o transporte coletivo para sair durante a noite, enquanto no Moinhos de Vento nenhuma pessoa disse o mesmo.

prédios antigos, deteriorados, ou não, bem como da quantidade de prédios novos, esse aspecto pôde ser verificado por meio da observação “in loco” e do levantamento fotográfico e gravações em vídeo.

Verificamos que, nos dois bairros, existem desde edificações antigas até edificações contemporâneas. Porém, no Moinhos de Vento existem nas áreas de estudo mais prédios novos do que na Cidade Baixa, isso porque as edificações parecem estar sendo substituídas, fazendo com que o valor dos aluguéis suba, e se torne caro para que quer investir em um bar, por exemplo. Já na Cidade Baixa, a incidência de prédios antigos é maior, principalmente na Rua João Alfredo, bem como as variações no estado de conservação dos prédios, o que não encontramos no Moinhos de Vento, onde os prédios em geral estão bem conservados. Essa maior variedade entre conservação e idade dos prédios que encontramos na Cidade Baixa faz com que o bairro estimule a diversidade por meio da variação dos preços dos aluguéis.

4ª Condição: Densidade suficiente

A última condição para assegurar a diversidade do local, em união com as outras três já apresentadas, é que deve haver densidade suficientemente alta de pessoas, sejam quais forem os propósitos, incluindo os moradores do bairro. A densidade dos moradores da Cidade Baixa (19,92 habitantes por metro quadrado) é mais do que o dobro daquela verificada no Moinhos de Vento (8,67 habitantes por metro quadro). A densidade noturna na Cidade Baixa⁵, embora com menos diferença, também é maior: 0,30 freqüentador por metro linear⁶, na Cidade Baixa, e 0,22 freqüentador por metro linear, no Moinhos de Vento. Em um sábado de verão, conforme a contagem que fizemos nas células de interação das nossas áreas de estudo, circulam pelos bares da Cidade Baixa em torno de 3.650 pessoas, ao passo que no Moinhos de Vento circulam em torno de 2.690.

⁵ A densidade noturna da Cidade Baixa foi identificada através da contagem de pessoas em cada bar, do número de pessoas paradas em pé em frente aos bares e do número de pessoas caminhando. Foi tomada como base para tal contagem a situação de uma noite de sexta- feira.

⁶ Para chegar a este número, dividimos a soma do número de pessoas por bar pela distância linear dos eixos de estudo (ruas), uma vez que não teríamos como calcular as áreas em metros quadrados.

Concluimos que os quatro pontos para a diversidade propostos por JACOBS estão contemplados nos dois bairros, porém com mais força na Cidade Baixa.

Embora o bairro Moinhos de Vento também seja um bairro diverso (o que também pode ser verificado pelo movimento diurno), na Cidade Baixa a diversidade é mais intensa (tanto de dia quanto de noite), principalmente por propiciar maior mistura de moradores e frequentadores, mas também por ser mais denso, e por ter maior número de edificações com idade e conservação variadas, fatores que, segundo a autora, equilibram o mercado imobiliário, possibilitando diversos tipos de serviços.

A diversidade parece ser o motivo mais forte pra a migração verificada. Como vimos, as preferências e os hábitos noturnos são semelhantes entre os frequentadores noturnos dos dois bairros. Sendo mais diversa, a Cidade Baixa possibilita mais opções, com variação de preços, pessoas e lugares. A própria diversidade do bairro acaba atraindo mais diversidade.

7.4 VONTADES IGUAIS; SÍMBOLOS DIFERENTES

Por trás das distinções evidentes entre os dois rumos de lazer noturno de Porto Alegre, este trabalho encontrou mais semelhanças do que diferenças. Os frequentadores dos bairros Cidade Baixa e Moinhos de Vento tendem a procurar os mesmos ganhos quando saem para se divertir durante a noite, escolhendo ambientes que contemplem as suas necessidades. Por exemplo: para escolher os lugares aonde ir, o primeiro critério é as pessoas que lá estarão (82,5% na Cidade Baixa e 81% no Moinhos de Vento) e o segundo lugar é a música que escutarão (55,6% na Cidade Baixa e 47,6% no Moinhos de vento). A diferença está propriamente nas pessoas e na música, que variam de bairro pra bairro.

Concluimos que não é apenas a renda que torna o bairro Moinhos de Vento um espaço mais exclusivo aos seus *habitués*, uma vez que, mesmo mais alta do que a dos *habitués* da Cidade Baixa, não apresenta uma diferença significativa capaz de gerar uma barreira socioeconômica. Tampouco é a educação, pelo mesmo motivo. O que parece tornar o Moinhos de Vento mais exclusivo é a preferência pela sofisticação, produzindo um contraste com relação à Cidade Baixa.

Como exemplo do contraponto entre a diversidade de um e a sofisticação do outro, a figura 40 reúne duas imagens registradas pela autora durante o trabalho de campo: cadeiras pintadas em fachadas, uma na Cidade Baixa e a outra no Moinhos de Vento. Podemos notar que o desenho feito na Cidade Baixa sugere mais espontaneidade, enquanto o do outro bairro indica cuidadosa produção.

Figura 44: Representações diferentes para as mesmas coisas: à esquerda, desenho de cadeira em uma fachada na Cidade Baixa, e à direita desenho de uma cadeira em uma fachada no Moinhos de Vento



Essa sofisticação do Moinhos de Vento prima por um padrão que podemos verificar nos detalhes, assim como a preocupação com detalhes se reflete na maneira de se vestir⁷ entre os habitues do bairro. Este trecho da reportagem de Patrícia Rocha descreve como seria esse padrão no caso das freqüentadoras femininas:

“As *patricinhas* são magras, majoritariamente loiras (nem que seja nas mechas) fazem chapinha, vestem roupas de *griffe*, se equilibram em salto agulha, e tem celular de último tipo. A novidade é que agora as gurias guiam seus carros na direção oposta de bares e danceterias dos bairros nobres (...) a moda é curtir música eletrônica e se misturar com o povo underground. (...) A aventura é descobrir a Cidade Baixa (o bairro até agora mais alternativo da Capital) e conhecer gente diferente”. (ROCHA, 2004, p.10)

Já a Cidade Baixa não acolhe apenas um tipo social, e seus *habitués* quase não migram, aparentemente porque o bairro reúne os diversos tipos sociais. Em contrapartida, oferece às *patricinhas* ou *neopatricinhas* descritas no trecho acima as “gentes diferentes” que elas querem conhecer.

Embora o movimento noturno na Cidade Baixa tenha ganho força, tornando-se conhecido pelo restante da cidade, apenas nos anos 90, ao falar do bairro, falamos de um “bairro ancião” no que se refere às práticas noturnas voltadas ao lazer. Isso porque sua posição geográfica em relação à cidade na época de sua formação, com moradores formados por escravos libertos e imigrantes, favorecia o povoamento das ruas do bairro por festas populares, como o Carnaval. Casas de jogos, bares e outros atrativos noturnos também existiam na Cidade Baixa do século XX. A vida noturna é uma vocação natural da Cidade Baixa.

Já no Moinhos de Vento a vida noturna pública está apenas se consolidando. Diferentemente da Cidade Baixa, o bairro na época de sua formação tinha como

⁷ Relativo a isso ver: LIPOVETSKY, Gilles – *O Império do Efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*, p.171, 1989.

hábitos de lazer noturno clubes privados e festas restritas, dadas nas suntuosas residências da aristocracia instalada no bairro.

A diferença entre o bairro aristocrático e o boêmio se manifesta até os dias de hoje. A novidade é que quem frequenta o ambiente da aristocracia agora também se mistura à boêmia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Soares de. *Transformações urbanas: atos, normas, decretos, leis na administração da cidade Porto Alegre 1937/1961*. São Paulo, tese de doutorado, FAUUSP, 2004, 301 p.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo, Editora Papirus, 1994.

BARBOSA, Eva Machado. *Novos espaços culturais e formação de capital fixo em Porto Alegre: lendo a cidade a partir da crítica à economia política. Espaço da cidade e estruturação social*. In: PANIZZI & ROVATTI, 1993, p. 33-41..

BITTENCOURT, Dóris. *Evolução urbana de Porto Alegre no período: 1845-1930*. Porto Alegre, tese de doutorado – vol.1, FAUUSP, 1993, 116p.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil/Difel, 1989, 316 p.

_____. *A distinção*. Paris, Editora Minuit, 1979.

BUZAI, Gustavo D. *Mapas sociais urbanos*. Buenos Aires, Lugar editorial, 2003.

CARNEIRO, Luiz Carlos e PENNA, Rejane. *Porto Alegre – de aldeia a metrópole*. Porto Alegre, Marsiaj Oliveira/Oficina da História, 1992, 176 p.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. São Paulo, Paz e Terra, 590 p.

_____. *O poder da identidade*. São Paulo, Paz e Terra, 344 p.

CAZZOLATO, José Donizete. *Os bairros como instância territorial local*:

contribuição metodológica para o caso de São Paulo. São Paulo, dissertação, FFLCH/USP, novembro de 2005.

COGO, Paulo S. F. *A olaria dos narcisos: um estudo sociológico da oferta e do consumo de lazer no Centro Comercial Nova Olaria de Porto Alegre*. Porto Alegre, dissertação, UFRGS, 1999, 385 p.

COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. Belo Horizonte, PUC Minas, dissertação, dezembro de 2003.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo, 2ª ed., Martins Fontes, 1999, 484 p.

EUFRASIO, Mario A. *Estrutura urbana e ecologia humana: a escola sociológica de Chicago (1915-1940)*. São Paulo, Curso de Pós-graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo / Ed: 34, 1999.

FERREIRA, William Rodrigues. *O espaço público nas áreas centrais: a rua como Referência – um estudo de caso em Uberlândia (MG)*. São Paulo, tese de doutorado, FFLCH/USP, abril de 2002.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Gente e espaços de Porto Alegre*. Porto Alegre, 2ª ed. Editora da Universidade, 2000, 156 p.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, Editora Unesp, 1991, 178 p.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002, 304 p.

- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na Sociologia*.
Petrópolis. 7ª ed., Editora Vozes, 2000, 224 p.
- HARVEY, David. *A justiça social e a cidade*. São Paulo, Hucitec, 1980, 292 p.
- _____. *Condição pós-moderna*. São Paulo, 13ª ed., Edições Loyola,
2004, 350 p.
- _____. *Social Justice, Postmodernism and the City*. In: *International
Journal of Urban and Regional Research*, 16, 1992.
- HILLIER, Bill et alii. *Creating life: or, does architecture determine anything?*
In: *Architecture et Comportement/Architecture and Behaviour*, v. 3, nº 3,
1987b, p. 233-250.
- _____, Bill e HANSON, Julienne. *The Social Logic of Space*. Cambridge,
Cambridge University Press, 1984, 282 p.
- _____, Bill. *Space is the machine*. Cambridge, Cambridge University Press,
1996.
- HOLANDA, Frederico de. *O espaço de exceção*. Brasília, Editora UnB, 2002,
466 p.
- _____. *Uma ponte para a urbanidade*. In: *Arquitetura &
Urbanidade* (org.: Frederico de Holanda). São Paulo, Pro Editores, 2003, p.
40-59
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo, Martins Fontes,
2003, 510 p.

KLIEMANN, Luiza Schmitz e BERGER, Dan. *Bom Fim: álbum de retratos*. Porto Alegre, Prefeitura Municipal – Secretaria da Cultura, 1993, 34 p.

LEMOS, Luiz Henrique. *Reprodução das elites, consumo e organização do espaço urbano: questões comparativas entre a Barra da Tijuca e a zona sul do Rio de Janeiro*. In: Cadernos EBAPE.BR. Rio de Janeiro, volume II, n. 2, julho de 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: A moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo, Companhia da Letras, 1989.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1995, 168 p.

_____. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre, Editora Sulina, 1997, 286 p.

_____. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro, Editora Forense-Universitária, 1987, 232 p.

MARONEZE, Luiz Antonio Gloger. *Espaços de sociabilidade e memória: a vida pública porto-alegrense (1890 a 1930)*. In: *Porto Alegre – dissertações e teses* (org.: ÁVILA, Maria de Fátima). Porto Alegre, Cadernos Porto&Vírgula/Unidade Editorial Porto Alegre, 1996, p. 73-81

MENEGAT, Rualdo et alii. *Atlas ambiental de Porto Alegre*. Porto Alegre, 2ª ed., Editora da Universidade/UFRGS, 1999, 230 p.

- MENEGOTTO, Renato. *Cidade Baixa: pela manutenção dos cenários de um bairro tradicional de Porto Alegre*. Dissertação de mestrado, PPG de História, PUCRS. Porto Alegre, 2001.
- MÜLLER, Dóris Maria, SOUZA, Célia Ferraz e PENNA, Rejane. *Porto Alegre e sua evolução urbana*. Porto Alegre, Editora da Universidade, 1997.
- PANIZZI, Wrana e ROVATTI, João (Org.). *Estudos urbanos – Porto Alegre e seu planejamento*. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1993.
- PEREIRA, André Luiz Simas. *Histórias do abastecimento de água em Porto Alegre*. Porto Alegre, Dmae, 1991.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O cotidiano da república*. Porto Alegre, Editora da Universidade, 1990, 88 p.
- _____ (coordenadora). *O espetáculo da rua*. Porto Alegre, 2ª ed, Editora da Universidade, 1992, 95p.
- POLI, Mariana Naxara. *A Geografia do espaço vivido: análise do uso social do solo urbano – estudo de caso na cidade de São Carlos*. São Carlos, dissertação, UFSCar, junho de 2004.
- QUINTANEIRO, Tania et alii. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. Belo Horizonte, 2ª ed., Editora UFMG, 2003, 160 p.
- REIS, Vanessi. *Exteriorização dos interiores dos bares noturnos de Porto Alegre –bordas das ruas Fernando Gomes e Padre Chagas*. Porto Alegre, monografia, Centro Universitário Ritter dos Reis, 2003.

REYES, Paulo. *Quando a rua vira corpo*. São Leopoldo, 1ª ed., Editora Unisinos, 2005, 176p.

RIGATTI, Décio. *Espaço da cidade e estruturação social*. In: PANIZZI & ROVATTI, 1993, p. 87-98.

_____. *Cidade e memória*. Porto Alegre, UFRGS/Faculdade de Arquitetura, 1993, 92p.

SANTOS, Milton. *Espaço & Método*. São Paulo, 4ª ed., Nobel, 88 p.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo, 5ª ed., Editora Hucitec, 1997, 124 p.

SENNET, R. *O declínio do homem público*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador, BITTAR, Willian Seba e ALVAREZ, José Maurício. *Vida urbana: a evolução do cotidiano da cidade brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Ediouro, 2001.

WEBER, Max. *Conceitos básicos de Sociologia*. São Paulo, Editora Moraes, 1987.

YÁZIGI, Eduardo. *O mundo das calçadas*. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 2000, 548 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Cidade Baixa é alvo de operações. In: jornal Zero Hora. Porto Alegre, 2ª ed., 11 de junho de 2005, p. 46.

COOK, Ian. *Geographies of material culture.* In: site da Universidade de Birmingham na Internet (www.gees.bham.ac.uk)

DEODORO, Paola e ZAFFARI, Fernanda. *Padre Chagas: quem te viu, quem te vê.* In: caderno Donna ZH, do jornal Zero Hora. Porto Alegre, 19 de junho de 2005, p. 10-13 do caderno.

GUTIÉRREZ SÁNCHEZ, José Luis. *Sociedad, política, cultura y sistemas complejos.* In: revista Ciencias (Espanha), julho/setembro de 2000.

MENDES, Moisés. *O conflito no beco da tolerância.* In: Zero Hora. Porto Alegre, 27 de novembro de 2005, p. 48-49.

MENDONÇA, Renato. *Boemia não exige passaporte.* In: caderno Donna ZH, do jornal Zero Hora. Porto Alegre, 5 de setembro de 2004, p. 11 do caderno.

Prefeitura de Porto Alegre. *Observatório da cidade de Porto Alegre*, site dentro da página oficial da prefeitura (www.portoalegre.rs.gov.br/observatorio)

_____. *Consumo cultural na cidade de Porto Alegre.* Assessoria de estudos e pesquisa da Secretaria Municipal da Cultura. Texto extraído do site www.portoalegre.rs.gov.br/observatorio/estudos

_____. *Moinhos de Vento – os 10 anos de um parque na história de Porto Alegre.* Porto Alegre, Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Sul Brasileiro Crédito Imobiliário SA, 1982.

_____. *Porto Alegre, análise de sua evolução*. Proplan, 1978, 128 p.

_____. *Porto Alegre: memória e identidade* (conjunto de textos elaborados para curso promovido pelas secretarias municipais de Cultura e de Educação). 1992, 108 p.

QUARESMA, Sílvia Jurema. *Durkheim e Weber: inspiração para uma nova sociabilidade, o neotribalismo*. In: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, vol. 2, n. 1 (3), janeiro-julho de 2005, p. 81-89.

Sob os olhares de Hubble: pesquisa coordenada por especialistas da Fafich pretende produzir um detalhado diagnóstico da vida social de Belo Horizonte. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais. Ano 2, n. 4, maio de 2004.

ROCHA, Patrícia. *Nós vamos invadir sua festa*. In: caderno Donna ZH, do jornal Zero Hora. Porto Alegre, 5 de setembro de 2004, p. 10-13 do caderno.

SACCOMORI, Camila. *Juízo, hein!* In: caderno Donna ZH, do jornal Zero Hora. Porto Alegre, 11 de setembro de 2005, p. 12-15 do caderno.

Um dia na Padre Chagas. In: Revista Conqualy. Porto Alegre, Guarida Imóveis, n. 5, julho/agosto de 2006, p 8-13.

Veja Porto Alegre: o melhor da cidade, Guia 2002/2003. São Paulo, Editora Abril, parte integrante da edição 35 do ano 35 da Revista Veja, setembro de 2002, 100 p.

Veja Porto Alegre: o melhor da cidade, Guia 2003/2004. São Paulo, Editora Abril, parte integrante da edição 38 do ano 36 da Revista Veja, setembro de 2003, 108 p.

Veja Porto Alegre: o mapa da qualidade de vida. São Paulo, Editora Abril, parte integrante da edição 41 do ano 37 da Revista Veja, outubro de 2004, 68 p.

Veja Porto Alegre: o melhor da cidade, Guia 2005/2006. São Paulo, Editora Abril, Edição Especial n. 39, março de 2005.

Veja Porto Alegre: o melhor da cidade – serviços e endereços. São Paulo, Editora Abril, parte integrante da edição 37 do ano 38 da Revista Veja, setembro de 2005, 66 p.

Veja: o melhor do Brasil. São Paulo, Editora Abril, Edição Especial n. 54, dezembro de 2005, 128 p.

Veja Porto Alegre: o melhor da cidade, Guia 2006/2007. São Paulo, Editora Abril, Edição Especial n. 55, março de 2006, 174 p.

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO

Questionário n°: _____
Data: ___/___/___
Dia da semana: _____ Horário: _____
Bairro: _____
Local: _____
 Rua: _____
 Bar: _____
Outros: _____

Este questionário tem por única finalidade coletar dados para uma dissertação de mestrado sobre planejamento urbano, que estou realizando na faculdade de arquitetura, departamento de urbanismo da UFRGS. Suas informações são muito importantes para realizar o estudo e você permanecerá inteiramente anônimo, não havendo registro aqui de nenhum nome, endereço, e qualquer outro dado que possa identificá-lo. Desde já agradeço sua colaboração.

1) Sexo: masculino feminino

2) Assinale a faixa de idade à qual você pertence:

- até 20 anos
- de 21 a 25 anos
- de 26 a 30 anos
- de 31 a 35 anos
- de 36 a 45 anos
- acima de 46 anos

3) Indique até que grau você estudou:

- 1° grau completo
- 2° grau completo
- Superior incompleto
- Superior completo
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- outro _____

4) Qual é a sua profissão: _____

5) Assinale a sua ocupação atual:

- trabalho e estudo
- trabalho
- estudo
- nenhuma (desempregado (a))

6) Você mora atualmente em Porto Alegre:

- sim
- não

Se você não mora em Porto Alegre, passe para a questão 9

7) Se você mora em Porto Alegre, diga há quanto tempo:

- Até 2 anos
- De 3 a 7 anos
- De 8 a 15 anos
- Mais de 15 anos

8) Em que bairro de Porto Alegre você mora: _____

9) Se você não mora em Porto Alegre, diga em que município você

mora: _____

10) Você mora:

- sozinho
- com a família
- com amigo (a)(s)

11) Atualmente, você está:

- casado (a)
- separado (a) → com namorada (o) sem namorada (o)
- solteiro (a) → com namorada (o) sem namorada (o)

12) Você costuma sair à noite para se divertir?

- Sim : quase todos os dias
 entre 2 e 4 dias por semana
 pelo menos uma vez por semana
 Raramente saio à noite
- Não

**13) Indique o bairro que você mais freqüenta quando sai à noite:
(assinale apenas uma alternativa)**

- Cidade Baixa
 Moinhos de Vento
 Os dois: Cidade Baixa e Moinhos de Vento
 Outros _____

14) Indique os dois bares que você prefere neste bairro: (Se você costuma freqüentar os dois, indique dois bares para cada bairro)

Na Cidade Baixa: 1: _____

2: _____

No Moinhos de Vento: 1: _____

2: _____

**15) Que meio de transporte você costuma utilizar quando sai à noite:
(assinale apenas uma alternativa)**

- Automóvel próprio
 Carona
 Táxi
 Ônibus ou lotação
 Vou à pé
 Outro _____

16) Na maioria das vezes, você vem aqui:

(assinale apenas uma alternativa)

- Com uma turma de amigos
- Com colegas de trabalho ou de estudo
- Com namorado(a)
- Sozinho para encontrar os amigos
- Sozinho para conhecer pessoas novas
- Outro _____

17) Assinale a faixa de renda que você, ou sua família (se for caso) pertence:

- Até R\$1.500,00 mensais
- De R\$ 1.500,00 à R\$ 3.000,00 mensais
- De R\$ 3.000,00 a R\$ 7.000,00 mensais
- De R\$ 7.000,00 a R\$ 15.000,00 mensais
- De R\$ 15.000,00 a R\$ 30.000,00 mensais
- De R\$ 30.000,00 a R\$ 50.000,00 mensais
- Acima de R\$ 50,000,00 mensais

18) Quando sai à noite, você:

(assinale apenas uma alternativa)

- Normalmente vai apenas a um bar, e depois retorna pra casa.
- Gosta de perambular de carro pela cidade, indo de um local ao outro.
- Prefere caminhar, variando os locais que você frequenta durante a noite.

19) Assinale o que mais conta na hora de você escolher um lugar para se **divertir à noite:**

(se for necessário, assinale mais de uma alternativa)

- A decoração do interior do bar
- O fato de ser perto de sua casa
- O bairro onde o bar está situado
- O tipo de música que você irá escutar
- As pessoas que frequentam o bar
- Outros _____

20) Se as pessoas são importantes para você escolher o local que vai à noite, é porque:

(se for necessário, assinale mais de uma alternativa)

- Quero conhecer pessoas novas pra me relacionar
- Posso fazer contatos de trabalho
- Vou onde estão as pessoas às quais estou acostumado e familiarizado
- Prefiro ir onde as pessoas não me conhecem, assim tenho mais liberdade
- Na verdade não me importo com as pessoas que vão estar no local, pois estou sempre acompanhado de minha turma

21) No verão, quando você sai à noite para se divertir, o que você prefere:

- Estar dentro do bar
- Estar na calçada

Se você prefere estar na calçada, pule para a questão 23

22) Se você prefere estar dentro do bar, prefere porque:

(se for necessário, assinale mais de uma alternativa)

- Me sinto mais seguro
- É mais confortável
- Posso ficar sentado só com meus amigos, sem ser atrapalhado por outras pessoas que estão de passagem
- É mais aconchegante
- Tem música
- A proximidade das mesas me leva a conhecer pessoas novas
- Dentro do bar as pessoas são mais “selecionadas”

23) Se você prefere estar na calçada, prefere porque:

(se for necessário, assinale mais de uma alternativa)

- O contato com o burburinho da rua é agradável, mesmo que eu tenha que ficar de pé na calçada
- Facilita minha entrada e saída dos bares, bem como minha ida para outros bares próximos
- As pessoas se aproximam mais facilmente, pois o ambiente é mais informal
- As mesas na calçada me permitem participar do movimento da rua de uma maneira confortável
- Tenho uma ampla visão do movimento, o que permite que eu me desloque pra onde eu achar melhor
- Gosto de estar entre as diferentes pessoas que circulam nas calçadas

Agradeço a sua colaboração.

Luciana Marson Fonseca

ANEXO 2

CIDADE BAIXA: TABELAS DO PERFIL DOS FREQUENTADORES POR BAR DE CADA SUBESPAÇO

Para cada subespaço foi desenvolvida uma tabela resumo do perfil social dos frequentadores. Nas tabelas, deve-se considerar que:

a. Foram usadas abreviaturas para facilitar o processo de escrita nas tabelas. São elas:

CB - Cidade Baixa

MV - Moinhos de Vento

S-I - curso superior completo

S-C - curso superior incompleto

ESP -especialização

M -masculino

F - feminino

b. Foram desconsiderados os bares citados fora da área de pesquisa (eixo Rua da República e Rua João Alfredo, na Cidade Baixa, e eixos Fernando Gomes e Padre Chagas, no Moinhos de Vento)

c. Cada coluna da tabela corresponde a uma pessoa que respondeu ao questionário, onde:

-estão escritos em preto os *habitués*

-estão destacados em vermelho os migrantes

CIDADE BAIXA

TABELAS DO PERFIL DOS FREQUENTADORES POR BAR DE CADA SUBESPAÇO

Subespaço *REDENÇÃO*

	REPÚBLICA DO PASTEL				CINE BAR	PORTO BEER	
Quest. N°	03 habitué	02 habitué	39 habitué	73 migrante	04 habitué	01 habitué	15 habitué
Sexo	F	F	F	F	F	M	F
Faixa etária	26-30	26-30	26-30	26-30	36-45	31-35	21-25
Escolaridade	ESP	S-I	mestrado	S-C	ESP	S-I	S-I
Bairro que mais frequenta	CB	CB	CB	CB	CB	CB	CB
Profissão	Assisten-te social	Professor de inglês	bióloga	arquiteta	consul-tora	Técnico em informática	estudante
Renda	R\$ 1.500 a 3.000	Até R\$ 1.500	R\$ 1.500 a 3.000	até R\$ 1.500	R\$ 7.000 a 15.000	R\$ 3.000 a 7.000	R\$1.500a 3.000

2) Subespaço *ANTIGO*

	PINGÜIM ¹						
Quest. N°	15 habitué	14 habitué	18 habitué	17 habitué	10 habitué	28 habitué	42 habitué
Sexo	F	F	F	F	M	F	M
Faixa etária	21-25	26-30	31-35	21-25	21-25	26-30	21-25
Escolaridade	S-I	S-I	S-C	S-I	S-C	ESP	S-I
Bairro que mais frequenta	CB	CB	CB	CB	CB	CB e MV	CB e MV
Profissão	estudante	estudante	pedagoga	professora	economista	publicitário	estudante universitário
Renda	R\$ 1.500 a 3.000	Até R\$ 1.500	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$15.000a 30.000	R\$ 3.000a 7.000,00
Quest. N°	43 habitué						
Sexo	M						
Faixa etária	36-45						

¹ Não houve nenhuma referência ao bar Pingüim por parte dos entrevistados no Moinhos de Vento.

Escolaridade	S-C
Bairro mais freqüenta	CB e MV
Profissão	bancário
Renda	R\$ 1.500a 3.000

	RITROVO		PIER 174		YANG	
Quest.. nº	12 habitué	52 habitué	79 migrante	82 migrante	53 habitué	82 migrante
Sexo	M	M	M	F	M	F
Faixa etária	36-45	21-25	31-35	26-30	26-30	26-30
Escolaridade	S-C	2º Grau	ESP	ESP	S-I	ESP
Bairro	CB	CB	CB e MV	CB e MV	CB	CB e MV
Profissão	Empresá-rio	arte educador	advogado	arquiteta	chef cozinha	arquiteta
Renda	R\$ 1.500a 3.000	até R\$ 1.500	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 3.000a 7.000

3) Subespaço *ARTES*

	ENTREATO					
Quest. Nº	06 habitué	51 habitué	08 habitué	74 migrante	76 migrante	104 migrante
Sexo	M	F	F	F	F	F
Faixa etária	31-35	26-30	21-25	26-30	26-30	21-25
Escolaridade	S-C	S-C	ESP	ESP	ESP	ESP
Bairro	CB e MV	CB	CB	CB e MV	CB e MV	CB e MV
Profissão	contador	fisiotera- peuta	fonoau- dióloga	Relações públicas	designer	adavogada
Renda	R\$ 7.000a 15.000	até R\$ 1.500	R\$ 3.000 a 7.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 7.000a R\$ 15.000	até R\$ 1.500

	PINACOTECA				GARRAFAS		
Quest. Nºº	12 habitué	09 habitué	07 habitué	96 migrante	11 habitué	10 habitué	79 migrante
Sexo	M	M	F	F	M	M	M
Faixa etária	36-45	31-35	21-25	21-25	21-25	21-25	31-35

Escolaridade	S.C	S.I	S-C	S-C	S.C	S.C	ESP
Bairro	CB	CB	CB	CB e MV	CB	CB	CB e MV
Profissão	empresário	Servidor da justiça	arquiteta	jornalista	contador	economista	advogado
Renda	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 1.500a 3.000,00	R\$ 7.000a R\$ 15.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 7.000a R\$ 15.000

4) Subespaço *EXTREMO*

MUFFULETA					
Quest. N°	21 habitué	20 habitué	34 habitué	37 habitué	74 migrante
Sexo	M	F	F	M	F
Faixa etária	36-45	36-45	26-30	26-30	26-30
Escolaridade	mestrado	2° Grau	ESP	S-I	ESP
Bairro	CB	CB e MV	CB	CB e MV	CB e MV
Profissão	engenheiro	atendimento	historiadora	publicitário	Relações públicas
Renda	R\$ 7.000 a 15.000	R\$ 1.500 a 3.000	R\$ 3.000 a 7.000	R\$ 1.500 a 3.000	R\$ 3.000 a 7.000

OSSIP

Quest. N°	25 habitué	24 habitué	23 habitué	18 habitué	17 habitué	29 habitué	30 habitué
Sexo	F	M	F	F	F	M	M
Faixa etária	26-30	36-45	26-30	31-35	21-25	26-30	31-35
Escolaridade	S-C	ESP	S-C	S-C	S-I	2° Grau	S-I
Bairro	CB	CB	CB e MV	CB	CB	CB	CB
Profissão	advogado	jornalista	advogado	pedagoga	professora	fotógrafo	consultor
Renda	R\$ 3.000a 7.000,00	R\$ 7.000a 15.000,00	R\$ 7.000a 15.000,00	R\$ 1.500a 3.000,00	R\$ 1.500a 3.000,00	R\$ 1.500a 3.000,00	R\$ 3.000a 7.000,00
Quest.n°	32 habitué	33 habitué	37 habitué	38 habitué	44 habitué	46 habitué	47 habitué
Sexo	F	M	M	M	M	F	M
Faixa etária	31-35	26-30	29-30	26-30	36-45	31-35	31-35
Escolaridade	ESP	S-C	S-I	S-C	S-I	ESP	S-C
Bairro	CB e MV	CB	CB e MV	CB	CB	CB	CB
Profissão	publicitário	jornalista	publicitário	administrador	empresário	advogada	fisioterapeuta
Renda	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 3.000a 7.000
Quest. N°	48 habitué	49 habitué	51 habitué	68 migrante	73 migrante	75 migrante	77 migrante
Sexo	F	F	F	M	F	F	F
Faixa etária	21-25	31-35	26-30	31-35	26-30	31-35	26-30
Escolaridade	S-I	S-C	S-C	S-C	S-C	mestrado	S-C
Bairro	CB	CB	CB	CB e MV	CB	CB	CB
Profissão	estudante universitária	administradora	fisioterapeuta	administrador	arquiteta	arquiteta	arquiteta

Renda	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 1.500a 3.000	até R\$ 1.500	R\$ 15.000 a 30.000	até R\$ 1.500	R\$ 3.000a 7.000	até R\$ 1.500
Quest. N°	97 migrante	99 migrante					
Sexo	M	F					
Faixa etária	21-25	21-25					
Escolaridade	S-C	S-C					
Bairro	CB e MV	CB e MV					
Profissão	publicitário	publicitário					
Renda	R\$ 3.000 a 7.000	R\$ 3.000a R\$ 7.000					

MERCATTO D'ARTE

Quest. N°	25 habitué	05 habitué	24 habitué	21 habitué	19 habitué	26 habitué	27 habitué
Sexo	F	M	M	M	M	M	M
Faixa etária	26-30	26-30	36-45	36-45	36-45	36-45	26-30
Escolaridade	S-C	S-C	ESP	mestrado	2° Grau	S-I	S-C
Bairro	CB	CB	CB	CB	CB	CB	CB
Profissão	advogado	farmacêutico	jornalista	engenheiro	Funcionário público	Diretor de fotografia	publicitário
Renda	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 7.000 15.000	R\$ 7.000 a 15.000	R\$ 1.500 a 3.000	R\$ 1.500 a 3.000	R\$ 3.000 a 7.000
Quest. N°	29 habitué	31 habitué	32 habitué	35 habitué	38 habitué	39 habitué	44 habitué
Sexo	M	M	F	M	M	F	M
Faixa etária	26-30	36-45	31-35	36-45	26-30	26-30	36-45
Escolaridade	2° Grau	S-C	ESP	ESP	S-C	mestrado	S-I
Bairro	CB	CB e MV	CB e MV	CB e MV	CB	CB	CB
Profissão	fotógrafo	jornalista	publicitário	advogado	administrador	bióloga	empresário
Renda	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 7.000 a 15.000
Quest. N°	45 habitué	46 habitué	47 habitué	49 habitué	81 migrante	84 migrante	
Sexo	M	F	M	F	F	F	
Faixa etária	31-35	31-35	31-35	31-35	26-30	26-30	
Escolaridade	S-C	ESP	S-C	S-C	ESP	mestrado	
Bairro	CB e MV	CB	CB	CB	CB e MV	CB e Mv	
Profissão	músico	advogada	fisioterapeuta	administradora	psicóloga	psicóloga	
Renda	até R\$ 1.500	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 3.000 a 7.000	R\$ 1.500 a 3.000	R\$ 1.500 a 3.000	R\$ 3.000a R\$ 7.000	

BONGÔ

Quest. N°	23 habitué	16 habitué	18 habitué	40 habitué	41 habitué	45 habitué	54 habitué
Sexo	F	F	F	M	M	M	M
Faixa etária	26-30	31-35	31-35	26-30	26-30	31-35	26-30
Escolaridade	S-C	ESP	S-C	S-I	S-I	S-C	S-C
Bairro	CB e MV	CB	CB	CB	CB e MV	CB e MV	CB
Profissão	advogado	veterinário	pedagoga	estudante	<i>*não respondeu</i>	músico	arquiteto
Renda	R\$ 7.000a	R\$ 7.000a	R\$ 1.500a	R\$ 3.000a	R\$ 1.500a	até R\$	R\$ 3.000 a

	15.000	15.000	3.000	7.000	3.000	1.500	7.000
Quest. N°	66 migrante	91 migrante	100 migrante	101 migrante			
Sexo	M	F	F	F			
Faixa etária	31-35	21-25	31-35	31-35			
Escolaridade	mestrado	S-I	ESP	ESP			
Bairro	CB e MV	CB e MV	MV	MV			
Profissão	* não respondeu	estudante	advogada	jornalista			
Renda	R\$15.000a 30.000	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 7.000 a 15.000	R\$ 3.000 a 7.000			

PARAPHERNÁLIA

Quest. N°	16 habitué	81 migrante	93 migrante				
Sexo	F	F	M				
Faixa etária	31-35	26-30	36-45				
Escolaridade	ESP	ESP	S-C				
Bairro	CB	CB e MV	MV				
Profissão	veterinário	psicóloga	engenhei-ro				
Renda	R\$ 7.000 a 15.000	R\$ 1.500 a 3.000	R\$ 1.500 a 3.000				

NEGAFRIDA

Quest. N°	28 habitué	41 habitué	50 habitué	80 migrante	91 migrante		
Sexo	F	M	F	F	F		
Faixa etária	26-30	26-30	21-25	26-30	21-25		
Escolaridade	ESP	S-I	S-C	S-C	S-I		
Bairro	CB e MV	CB e MV	CB	CB e MV	CB e MV		
Profissão	publicitá-rio	* não respondeu	fisiotera-peuta	exporta-dor	estudante		
Renda	R\$15.000a 30.000	R\$ 1.500 a 3.000	R\$ 1.500 a 3.000	* não respondeu	R\$ 7.000 a 15.000		

PÉ PALITO E CIA

Quest. N°	50 habitué	51 habitué	53 habitué	55			
Sexo	F	F	M	M			
Faixa etária	21-25	26-30	26-30	26-30			
Escolaridade	S-C	S-C	S-I	ESP			
Bairro	CB	CB	CB	CB			
Profissão	fisiotera-peuta	fisiotera-peuta	chef cozinha	engenhei-ro			
Renda	R\$ 1.500a 3.000	até R\$ 1.500	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 3.000a 7.000			

	8 e 1/2			DR. JEKYLL	DRUÍDA	BAR DA REPÚBLICA	TUDO PELO SOCIAL
Quest. N°	08 habitué	65 migrante	66 migrante	33 habitué	60 habitué	53 habitué	07 habitué
Sexo	F	M	M	M	M	M	F
Faixa etária	21-25	31-35	31-35	26-30	21-25	26-30	21-25
Escolaridade	ESP	mestrado	mestrado	S-C	S-C	S-I	S.C
Bairro	CB	CB e MV	CB e MV	CB	CB	CB	CB
Profissão	Fonoaudiólogo	exportação	* não respondeu	jornalista	servidor público	chef cozinha	arquiteto
Renda	R\$ 3.000a 7.000,00	R\$ 3.000 a 7.000	R\$ 15.000 a 30.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 1.500 a 3.000

ANEXO 3

MOINHOS DE VENTO: TABELAS DO PERFIL DOS FREQUENTADORES POR BAR DE CADA SUBESPAÇO

Para cada subespaço foi desenvolvida uma tabela resumo do perfil social dos frequentadores. Nas tabelas, deve-se considerar que:

a. Foram usadas abreviaturas para facilitar o processo de escrita nas tabelas. São elas:

CB - Cidade Baixa

MV - Moinhos de Vento

S-I - curso superior completo

S-C - curso superior incompleto

ESP -especialização

M -masculino

F - feminino

b. Foram desconsiderados os bares citados fora da área de pesquisa (eixo Rua da República e Rua João Alfredo, na Cidade Baixa, e eixos Fernando Gomes e Padre Chagas, no Moinhos de Vento)

c. Cada coluna da tabela corresponde a uma pessoa que respondeu ao questionário, onde:

-estão escritos em preto os habitués

-estão destacados em vermelho os migrantes

1) Subespaço *BISTRÔS*

	DADO PUB						
Quest. N°	67 habitué	89 habitué	96 habitué	97 habitué	105 habitué	20 migrante	41 migrante
Sexo	M	F	F	M	F	F	M
Faixa etária	31-35	31-35	21-25	21-25	21-25	36-45	26-30
Escolaridade	mestrado	S-C	S-C	S-C	ESP	2° Grau	S-I
Bairro	MV	MV	CB e MV	CV e MV	MV	CB e MV	CB e MV
Profissão	economis-ta	médica	jornalista	publicitário	fonoaudió- loga	atendente	*não respondeu
Renda	R\$ 7.000 a 15.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 3.000a 7.000	Até R\$ 1.500	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 1.500a 3.000
Quest. N°	43 migrante	42 migrante					
Sexo	M	M					
Faixa etária	36-45	21-25					
Escolaridade	S-C	S-I					
Bairro	CB e MV	CB e MV					
Profissã	bancário	estudanteuni versitário					
Renda	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 3.000a 7.000					

LE BISTROT

Quest. N°	64 habitué
Sexo	M
Faixa etária	36-45
Escolaridade	mestrado
Bairro	MV
Profissão	jornalista
Renda	R\$ 7.000a 15.000

2) Subespaço *CALÇADA DA FAMA*

	MULLIGAN						
Quest. N°	65 habitué	66 habitué	67 habitué	68 habitué	69 habitué	70 habitué	71 habitué
Sexo	M	M	M	M	F	F	M
Faixa etária	31-35	31-35	31-35	31-35	36-45	21-25	26-30
Escolaridade	mestrado	mestrado	mestrado	S-C	2° Grau	S-I	ES
Bairro	CB e MV	CB e MV	MV	CB e MV	MV	MV	CB e MV
Profissão	exporta-ção	* não respondeu	economis-ta	administra- dor	comercia- ria	estudante universitá-	adminis- trador

Renda	R\$ 3.000a 7.000	R\$15.000a 30.000	R\$ 7.000a 15.000	R\$15.000a 30.000	R\$ 3.000a 7.000	ria Até R\$ 1.500	R\$ 1.500 a 3.000
Quest. N°	77 habitué	80 habitué	81 habitué	82 habitué	83 habitué	84 habitué	85 habitué
Sexo	F	F	F	F	F	F	F
Faixa etária	26-30	26-30	26-30	26-30	26-30	26-30	26-30
Escolaridade	S-C	S-I	ESP	ESP	doutorado	mestrado	ESP
Bairro	CB	CB e MV	CB e MV	CB e MV	MV	CB e MV	MV
Profissão	arquiteta	exporta-dor	psicóloga	arquiteta	arquiteta	psicóloga	consultora
Renda	Até R\$ 1.500	* <i>não</i> <i>respondeu</i>	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 7.000a 15.000

Quest. N°	90 habitué	91 habitué	96 habitué	97 habitué	98 habitué	99 habitué	100 habitué
Sexo	M	F	F	M	M	F	F
Faixa etária	36-45	21-25	21-25	21-25	26-30	21-25	31-35
Escolaridade	ESP	S-I	S-C	S-C	S-I	S-C	ESP
Bairro	MV	Cb e MV	CB e MV	CV e MV	CB e MV	CB e MV	MV
Profissão	médica	estudante universitá- ria	jornalista	publicitá-rio	funciona-rio público	publicitá-rio	advogada
Renda	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 3.000a 7.000
Quest. N°	101 habitué	102 habitué	103 habitué	23 migrante	32 migrante	06 migrante	05 migrante
Sexo	F	M	F	F	F	M	M
Faixa etária	31-35	21-25	21-25	26-30	31-35	31-35	26-30
Escolaridade	ESP	S-I	S-I	S-C	ESP	S-C	S-C
Bairro	MV	MV	MV	CB e MV	CB e MV	CB e MV	CB e MV
Profissão	jornalista	estudante universitá- rio	estudante universitá- rio	advogada	publicitá-ria	contador	farmaceu- tico
Renda	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 3.000 a 7.000	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 1.500a 3.000

TORTARIA

Quest. N°	65 habitué	66 habitué	69 habitué	76 habitué	78 habitué	79 habitué	100 habitué
Sexo	M	M	F	F	M	M	F
Faixa etária	31-35	31-35	36-45	26-30	31-35	31-35	31-35
Escolaridade	mestrado	mestrado	2° Grau	ESP	S-C	ESP	ESP
Bairro	CB e MV	CB e MV	MV	CB e MV	MV	CB e MV	MV
Profissão	gerente de exporta-ção	* <i>não</i> <i>respondeu</i>	comercia-ria	designer	micro empresá-rio	advogado	advogada
Renda	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 15.000 a 30.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 7.000, a 15.000	R\$ 3.000a 7.000
Quest. N°	101 habitué	102 habitué	103 habitué	104 habitué	59 migrante		
Sexo	F	M	F	F	M		
Faixa etária	31-35	21-25	21-25	21-25	26-30		
Escolaridade	ESP	S-I	S-I	ESP	S-C		
Bairro	MV	MV	MV	CB e MV	CB e MV		
Profissão	jornalista	estudante universitá- rio	estudante universitá- rio	advogado	bancário		

Renda	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 3.000a 7.000	Até R\$ 1.500	R\$ 3.000a 7.000
--------------	---------------------	----------------------	---------------------	------------------	-----------------------------------

LILIPUTH

Quest. N°	76	81	82	84	85	93	94
Sexo	F	F	F	F	F	M	F
Faixa etária	26-30	26-30	26-30	26-30	26-30	36-45	31-35
Escolaridade	ESP	ESP	ESP	S-C	ESP	S-C	S-C
Bairro	CB e MV	CB e MV	CB e MV	CB e MV	MV	MV	MV
Profissão	designer	psicóloga	arquiteta	psicóloga	consultora	engenhei-ra	médica
Renda	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 3.000a 7.000
Quest. N°	98	43 migrante					
Sexo	M	M					
Faixa etária	26-30	36-45					
Escolaridade	S-I	S-C					
Bairro	CB e MV	CB e MV					
Profissão	funciona-rio público	bancário					
Renda	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 1.500a 3.000					

JAZZ CAFÉ

Quest. N°	95
Sexo	M
Faixa etária	31-35
Escolaridade	S-C
Bairro	MV
Profissão	advogada
Renda	R\$ 3.000a 7.000

3) Subespaço *ALIMENTAÇÃO*

* não foi gerada tabela por falta de referências

4) Subespaço CAFÉS

DUBLIN							
Quest. N°	64	70	80	86	87	90	91
Sexo	M	F	F	F	F	M	F
Faixa etária	36-45	21-25	26-30	26-30	26-30	36-45	21-25
Escolaridade	mestrado	S-I	S-I	S-I	2° Grau	ESP	S-I
Bairro	MV	MV	CB e MV	MV	MV	MV	Cb e Mv
Profissão	jornalista	estudante universitária	exportador	estudante universitário	vendedora	médica	estudante universitária
Renda	R\$ 7.000a 15.000	Até R\$ 1.500	*não respondeu	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 7.000a 15.000	R\$ 7.000a 15.000
Quest. N°	104	06 migrante	23 migrante	28 migrante	59 migrante		
Sexo	F	M	F	M	M		
Faixa etária	21-25	31-35	26-30	26-30	26-30		
Escolaridade	ESP	S-C	S-C	ESP	S-C		
Bairro	CB e MV	CB e MV	CB e MV	BC e MV	CB e MV		
Profissão	advogado	contador	advogado	publicitário	bancário		
Renda	Até R\$ 1.500	R\$ 7.000 a 15.000	R\$ 7.000 a 15.000	R\$ 15.000 a 30.000	R\$ 3.000 a 7.000		
Z CAFÉ							
Quest. N°	68	74	83	89	94	20 migrante	
Sexo	M	F	F	F	F	F	
Faixa etária	31-35	26-30	26-30	31-35	31-35	36-45	
Escolaridade	S-C	ESP	doutorado	S-C	S-C	2° Grau	
Bairro	CB e MV	CB e MV	MV	MV	MV	CB e MV	
Profissão	administrador	Relações públicas	arquiteta	médica	médica	aten-dente	
Renda	R\$15.000a 30.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 1.500a 3.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 3.000a 7.000	R\$ 1.500a 3.000	